

DIANA BARBOSA DOS SANTOS

METAPSIKOLOGIA: UMA ABORDAGEM HEURÍSTICA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Zeljko Loparic.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 14/12/99

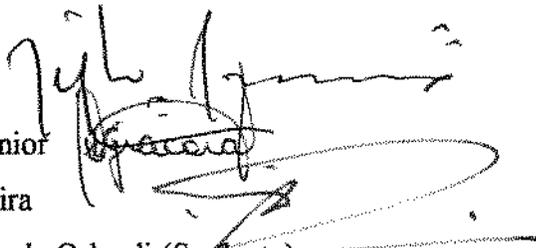
Banca:

Prof. Dr. Zeljko Loparic

Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Júnior

Prof. Dr. Mário Eduardo Pereira

Prof. Dr. Luiz Benedicto Lacerda Orlandi (Suplente)



Dezembro/1999

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	UNICAMP
	Sa 59 m
V. Ex.	
TOMBO BC/	40355
PROC.	278/2000
C <input type="checkbox"/> B <input checked="" type="checkbox"/>	
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	12/02/00
N.º CPD	

CM-00133200-5

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

Sa 59 m Santos, Diana Barbosa dos
Metapsicologia: uma abordagem heurística / Diana Barbosa dos Santos. - - Campinas, SP : [s.n.], 1999.

Orientador: Zeljko Loparic.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Psicanálise. 2. Metapsicologia. 3. Heurística.
4. Especulação. I. Loparic, Zeljko. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Para Hildemar e Laura

*Do que é
ou não é
se diz tão pouco
escasso
avarento
não doado
buscado nas brumas sorrateiras
disforme e beligerante
unido à sensibilidade
não afeito à razão*

A meu pai (in memoriam),

minha mãe

e Denise

Agradecimentos

- Ao Prof. Dr. Zeljko Loparic

- À CAPES

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO I - ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS DA METAPSIKOLOGIA	7
1. A metapsicologia e o impasse da cientificidade	
2. O reducionismo mecanicista	
CAPÍTULO II - PSICANÁLISE E CIÊNCIA ALEMÃ DO SEC. XIX	31
1. A psicanálise como <i>Naturwissenschaft</i>	
2. <i>Helmholtz</i> e as explicações dinâmicas	
CAPÍTULO III - INCIDÊNCIAS DO MODELO FÍSICALISTA	61
1. A construção do modelo	
2. O aparelho psíquico como ficção metapsicológica	
CAPÍTULO IV – O CONVENCIONALISMO DAS PULSÕES	92
1. Pulsão como conceito heurístico	
2. A escolha dualista	
CONCLUSÃO	105
BIBLIOGRAFIA	110

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como ponto de partida a discussão instaurada em torno da construção dos conceitos metapsicológicos. Sendo definida como um conjunto de modelos conceituais mais ou menos distantes da experiência, a metapsicologia é considerada o arcabouço teórico da psicanálise. Entretanto, desde os momentos iniciais de sua laboriosa construção, diversas críticas procuraram avaliar a pertinência ou não da metapsicologia em relação ao discurso científico, sobretudo porque a psicanálise sempre foi definida por Freud como uma ciência natural.

A metapsicologia é, então, confrontada com uma série de requisitos epistemológicos modelados principalmente a partir de uma concepção explicativo-causal da ciência. Deste modo, é negada à psicanálise o estatuto de ciência empírica. Este confronto inicial determina algumas conseqüências que vão desde a reformulação parcial de alguns conceitos psicanalíticos até a eliminação dos mesmos.

A partir daí, novas questões e outros elementos são elencados, de maneira que passamos a ter uma maior especificidade e melhor sistematização desta problemática. O rumo das discussões concentram-se então naquilo que Ricoeur vai denominar de o '*discurso misto*' da psicanálise, denotado pela presença de duas linguagens incompatíveis, uma das quais é chamada de linguagem mentalista, enquanto a outra é chamada de linguagem energética.

O que estas linguagens delimitam é a presença de uma antinomia teórica que, por um lado situa um conjunto de conceitos marcados expressivamente pela herança fiscalista de Freud e, por outro, um conjunto de conceitos marcados pela dimensão significativa e intencional das representações. Temos portanto, a problemática circunscrita pela disputa entre uma energética e uma hermenêutica. Haveria, neste sentido, duas teorias freudianas, uma cabalmente irreduzível à outra.

Assim, os conceitos energéticos ou especulativos da metapsicologia serão considerados irrelevantes por alguns intérpretes, devendo, por isto, ser rechaçados da psicanálise.

Entretanto, considerando-se que Freud dava outro tipo de tratamento a estes conceitos, faz-se necessário investigar a ambiência epistemológica em que Freud defende a cientificidade da psicanálise, o modo como ele utiliza a linguagem fisicalista e a sua preferência pelas explicações dinâmicas.

A análise do contexto científico alemão, da tradição decorrente da epistemologia kantiana, presentes em Mach, e do programa fisicalista de Helmholtz possibilitam entender que o reducionismo freudiano decorria de uma prescrição metodológica e não ontológica. Neste sentido, os conceitos especulativos encontrariam sua justificativa na medida em que possibilitassem a sistematização de novas idéias e o avanço da teoria. Não haveria necessidade de pressupor a existência dos referentes das entidades hipotéticas. Ora, uma tal concepção acerca das idéias e dos conceitos vigentes numa teoria apontam para a perspectiva instrumentalista das teorias científicas que, de acordo com Popper, Mach vem a ser um insigne representante.

De acordo com esta perspectiva, o objetivo da ciência não seria a explicação. As teorias funcionariam, primeiramente como regras ou princípios para analisar e representar simbolicamente certas matérias da experiência bruta e, ao mesmo tempo, como um instrumento ou como uma técnica que permitiria extrair conseqüências teóricas e fazer inferências acerca de dados observáveis. As teorias não seriam enunciados. Elas pertenceriam a uma categoria distinta das expressões linguísticas e sua função básica seria heurística. De um modo geral, a teoria funciona como um princípio de orientação, ou como um *'inference ticket'*, de acordo com o qual, conclusões sobre os fatos observáveis podem ser esboçadas a partir de premissas factuais dadas, não sendo ela mesma um conjunto de premissas a partir das quais se obtêm conclusões.

Em textos como *O Projeto* e *A Interpretação dos Sonhos*, verificamos a aplicação do modelo fisicalista (sobretudo no *Projeto*) e o modo de construção conceitual de Freud, assim como o uso que ele faz das analogias e das metáforas. É, portanto, através de um exame minucioso da metodologia implícita no discurso freudiano que identificamos o modo heurístico de fazer ciência, e com isto, podemos entender a especulatividade da psicanálise como um requisito epistemológico perfeitamente coerente na estrutura da teoria

metapsicológica que estava de acordo com as regras da melhor epistemologia da época, a saber, a heurística de Kant .

Assim, o **objetivo deste trabalho** é demonstrar que, ao forjar a superestrutura especulativa da metapsicologia, Freud está de pleno acordo com o método heurístico de fazer ciência. Desta maneira, o recurso às especulações, às analogias e às metáforas torna-se perfeitamente legítimo e justificado, e a psicanálise pode encerrar-se dentro de uma perspectiva científica, que em nada fica a reboque das principais ciências de sua época.

Pretendemos atingir este objetivo da seguinte maneira:

- Mostrando, através dos textos freudianos, o modo heurístico de fazer ciência o que revela e legitima o uso das especulação. A partir disto, podemos justificar também o uso abundante que Freud faz de metáforas e analogias, sobretudo as decorrentes do modelo fisicalista.

Na primeira parte do **Capítulo I** faremos um breve inventário das principais críticas metodológicas feitas à pretensão da psicanálise em se estabelecer como uma ciência natural. Destacaremos sobretudo, a crítica de Nagel, juntamente com algumas considerações de Popper. Ambos os autores são unânimes em vetar a cientificidade da psicanálise, haja visto que esta não passa pelo critério da testabilidade. Como consequência deste veto, apontaremos para algumas tentativas de reconstrução da teoria psicanalítica que passa principalmente pela tentativa de eliminação de sua dimensão especulativa.

Na segunda parte deste capítulo, retomaremos a polêmica em torno da natureza epistemológica da psicanálise, destacando a função da metapsicologia. Duas grandes perspectivas diametralmente opostas se abrem aos enunciados psicanalíticos, a saber: ou eles deveriam se enquadrar no registro das relações de sentido, o que implicava dizer que Freud havia cometido um engano cientificista, ao formular uma teoria utilizando um modelo energético da mente; ou estes enunciados deveriam se enquadrar no eixo das relações de causalidade, implicando aí uma perspectiva científico natural da psicanálise que legitimaria a presença massiva de pressupostos teóricos do mecanicismo fisicalista. A partir deste ponto de vista, os conceitos fundamentais de natureza convencional, especulativa, deveriam ser

substituídos conforme o desenvolvimento e os desdobramentos do seu campo empírico. Em ambos os casos, há uma leitura que visa a correção da teoria psicanalítica, implicando *eo ipso* um reducionismo na teoria freudiana como critério de ser científico.

No **Capítulo II** procuraremos examinar o contexto científico alemão na época de Freud e a exigência deste em fazer da psicanálise uma disciplina científica. Analisaremos a defesa freudiana da psicanálise como ciência natural e nesta ambiência, tentaremos esclarecer também a concepção instrumentalista de E. Mach, que faz uma crítica ao método axiomático nas ciências e em outras concepções que justificam a função e o procedimento da descoberta das teorias científicas. Para Mach, as teorias científicas são tomadas como representações, analogias, sem nenhuma relevância ontológica. Neste sentido, elas são instrumentos utilizados na resolução de problemas. A influência de Mach sobre Freud pode ser observada mormente no que tange ao caráter convencional das hipóteses psicanalíticas. O simples fato de Freud defender a psicanálise como ciência natural não implica necessariamente conceber a psicanálise como uma teoria explicativo-causal.

Pelo que, na segunda parte, introduziremos algumas concepções de Helmholtz, presentes na construção do modelo fisicalista, tentando mostrar de que modo Freud utilizou este modelo na formulação de alguns de seus principais conceitos. Com isto pretendemos mostrar que Freud não toma o modelo fisicalista em seu sentido literal, mas apenas como um recurso metodológico que privilegia a explicação dinâmica.

No **Capítulo III** faremos a análise de alguns textos de Freud, que são paradigmáticos para se verificar o modo de construção do modelo do aparelho psíquico. Dentre estes textos destacaremos, *As Neuropsicoses de Defesa* (1894), *O Projeto* (1895) e *A Interpretação dos Sonhos* (1900). Podemos constatar, no texto de 1894, a tentativa de construção de uma teoria metapsicológica que procurava descrever e organizar conceitualmente os diversos estados psíquicos em termos de quantidades (os afetos) e de representações. Em 1895, os processos psíquicos serão explicados em termos de neurônios e quantidades, como se fossem físicos. Mostraremos que estas analogias fisicalistas podem ser concebidas como um procedimento metodológico para tornar intuitivos os processos psíquicos.

Logo em seguida, examinaremos o texto de 1900. A partir deste texto, Freud passa a utilizar um número mais abundante de analogias. Deste modo, o aparelho psíquico passa a ser modelado a partir da analogia com os aparelhos ópticos e a linguagem utilizada por Freud é predominantemente psicológica. Os conceitos energéticos são agora considerados como se fossem algo mental, inclusive adquirindo um conteúdo antropomórfico. Podemos dizer, então, que o uso de analogias fisicalistas e mentalistas possibilitaram a Freud dar um conteúdo inteligível a diversos processos psíquicos que até então mantinham-se fora da esfera psicológica do conhecimento.

No **Capítulo IV**, inicialmente desenvolveremos e enfatizaremos algumas considerações, já postas nos capítulos anteriores, através da análise de um dos conceitos especulativos por excelência, ou seja, o conceito de pulsão. Em seguida destacaremos as razões heurísticas pelas quais Freud insiste em conceber um novo dualismo pulsional, através dos conceitos de pulsão de vida e de pulsão de morte. Veremos como Freud usa todo um conjunto de símbolos e analogias, tanto físicas quanto psíquicas, para tentar formular este conceito de caráter eminentemente convencional, cuja fonte não é de maneira nenhuma a experiência, mas a razão que controla as operações do entendimento. Constataremos, então, que o aspecto ficcional e especulativo deste e de outros conceitos freudianos está de pleno acordo com seus princípios metodológicos heurísticos e com as regras do pensar científico de sua época.

CAPÍTULO 1 - ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS DA METAPSICOLOGIA

1. A metapsicologia e o impasse da cientificidade

A questão da cientificidade do discurso freudiano sempre se colocou como um problema crucial na história do movimento psicanalítico, impondo-se não só como uma indagação desde o interior do próprio movimento¹ mas também a partir de sua exterioridade representada pelos discursos filosóficos e outros campos diferentes da ciência. Esta questão se apresentou de maneira premente desde que Freud e seus discípulos tentaram sustentar a legitimidade da inserção da psicanálise no registro da razão científica.

Basta lembrar aqui algumas críticas mordazes oriundas de saberes como a psicologia, a psiquiatria e a sexologia por ocasião dos primórdios da psicanálise.

Assim, por exemplo, já em 1896, o sexologista Krafft-Ebing, ao comentar a teoria freudiana sobre as neuroses, logo após a conferência inaugural em que Freud expõe sistematicamente a sua teoria da sedução sexual como condição essencial das neuroses, afirma que esta soava como *‘um conto de fadas científico’*.

De maneira semelhante, Stern e Liepman, ao fazerem um exame crítico da *Interpretação dos Sonhos*, então recentemente tornada pública, referiram-se a esta obra como uma *"produção artística"*.

E, para completar esta linha de leitura, Havelock Ellis considerou a psicanálise como uma disciplina que deveria ser situada no plano da estética e não no plano da

¹ Loparic mostra, por exemplo, que esta questão também está presente na disputa entre Freud e Jung, quando este último tenta resolver as dificuldades geradas pela falta de precisão e de clareza do conceito freudiano de libido, assumindo de modo inteiramente especulativo que há uma só libido primordial, podendo esta ser sexualizada ou assexualizada e coincidindo na sua essência com a energia mental em geral (Loparic, 1985, p.43).

produção científica, haja visto que seus enunciados teóricos tinham uma abrangência excessiva e desdobravam-se também numa leitura qualitativa dos fenômenos mentais (Jones, 1989 vol. I, p.267 e 362).

O que se desvelava de colocações deste tipo era: Seria possível sustentar teoricamente os argumentos freudianos sobre a etiologia sexual das neuroses? Com o amadurecimento da teoria, nos anos que se seguiram a estas primeiras críticas, outras perguntas foram lançadas, tais como: As hipóteses lançadas por Freud poderiam ser experimentalmente verificadas e enunciadas em linguagem quantitativa, do mesmo modo como se exigia para validar o reconhecimento de qualquer formulação científica? O campo clínico da psicanálise, assim como sua possível eficácia terapêutica poderiam ser tomados como critérios legítimos de positividade para a consolidação da psicanálise como uma teoria científica?

Estas e outras perguntas delimitaram um âmbito de discussão que apontava principalmente para a problemática de algumas contradições teóricas que se avolumavam na metapsicologia e também para a construção de proposições empíricas atraindo, deste modo, a atenção cuidadosa de alguns teóricos da filosofia da ciência.

Consentaneamente a estas primeiras discussões esparsas e genéricas em torno da pretensão da psicanálise de se estabelecer de acordo com a ciência rigorosa, emerge uma das críticas de maior repercussão a este projeto freudiano.

Neste sentido, em 1958 foi realizado um simpósio em Washington, onde vários filósofos da ciência tomaram como objeto de discussão a psicanálise freudiana. O debate teve por objetivo avaliar a pertinência da teoria psicanalítica ao discurso científico e, com isto, a metapsicologia viu-se confrontada com o problema da formalização de seus enunciados ou, mais especificamente, com o problema da veracidade de suas proposições. Ao ser submetida ao "*processo epistemológico*"², a psicanálise foi condenada como não científica.

² É a expressão utilizada por Ricoeur (1969, p.338).

O mérito do debate residiu no fato de pelo menos ter levado em conta, a exigência de cientificidade de Freud e, o que talvez não seja de todo irrelevante, ele abriu caminho para o vasto campo de pesquisas proposto pela formalização dos enunciados na perspectiva do Círculo de Viena ou da filosofia analítica inglesa³.

No simpósio de 1958, destaca-se sobretudo a crítica metodológica de Nagel à abordagem de Hartmann, que perpassa o uso que a psicanálise faz de suas noções teóricas. Hartmann procura mostrar que uma rede conceitual conveniente para explicar os fenômenos psíquicos pode ser formulada, se pudermos organizar logicamente as partes teóricas da metapsicologia. Segundo ele, "*A aspiração da pesquisa psicanalítica, além de seus propósitos terapêuticos é desenvolver proposições na forma de leis que transcendem as observações*". (Hartmann, 1959, p.9 e p.20)

Para Hartmann, a metapsicologia deve explicar satisfatoriamente o comportamento humano, e isto inclui uma análise relativa a todos os aspectos da metapsicologia. Assim, o 'meta' indica uma teoria que vai muito além da investigação dos fenômenos conscientes. Ao ser introduzida na psicanálise, a metapsicologia revelou-se enganosa e, para muitos, fora da análise, "*Realmente, metapsicologia é só um termo para o mais alto nível de abstração usado na psicologia analítica*" (Hartmann, 1959, p.13). A metapsicologia não deveria ser interpretada, segundo Hartmann, como análoga à metafísica. Seria enganoso conceber as proposições metapsicológicas como idéias especulativas acerca da vida psíquica.

Deste modo, Hartmann rejeita o caráter especulativo da metapsicologia em favor de uma teoria explicativa do comportamento humano e introduz necessariamente a questão da testabilidade empírica das proposições metapsicológicas. Segundo ele, as teorias ou hipóteses conectam os constructos com os dados observacionais. A introdução dos constructos justifica-

³ Assim, se a psicanálise tinha pretensões de se constituir como ciência, seria necessário que sua elaboração teórica fosse realizada com proposições com sentido, ou seja, proposições que pudessem ser verificadas como fatos da experiência. Caso contrário, suas proposições seriam sem sentido, sem significado, tais quais as proposições metafísicas. Para Wittgenstein, por exemplo, a psicanálise não poderia ser uma ciência, pois suas proposições não eram passíveis de validação empírica, isto é, eram proposições sem sentido (Wittgenstein, 1982).

se pelo seu valor explicativo, embora não possam ser diretamente definidos em termos de dados observacionais, as inferências, a partir deles, podem ser testadas pela observação (ib. p.29). Assim ocorre com noções como libido, ego, id, que podem ser verificadas, mesmo que indiretamente.

No entanto, o que levantaria suspeita por parte dos críticos da psicanálise, ainda de acordo com Hartmann, "*Seriam as ocasionais falta de cautela na formulação de proposições ou o gosto de Freud por metáforas que permitiriam acusar a psicanálise de antropomorfizar os seus conceitos. A questão poderá ser resolvida com formulações mais cuidadosas*" (ibidem).

Assim, as metáforas presentes na teoria psicanalítica deveriam ser interpretadas, neste caso, como acidentes de percurso e não como implicando uma opção metodológica adequada para estabelecer conexões entre os fatos observados que, de outro modo, seriam incompreensíveis.

Hartmann, que representa a versão estrita da tendência científico-positivista de Freud, concebe a psicanálise como uma ciência natural do psíquico. Neste sentido, ela tem, por objeto, eventos do tipo comportamento humano. E o arcabouço de conceitos que se referem ao inconsciente tem a função de designar as realidades pensadas que explicam causalmente os fenômenos psíquicos. A metapsicologia deveria, portanto, ser reconstituída de maneira que seus conceitos pudessem ser reinterpretados empiricamente, o que a tornaria verificável.

É, por conseguinte, contra esta posição de Hartmann que se insurge a crítica de E. Nagel. Para tanto, ele irá situar a psicanálise como uma teoria causal-explicativa do comportamento humano semelhante à teoria molecular dos gases (Nagel, 1959, p.38).

Nagel parte do princípio de que toda *teoria* digna deste nome deve ser passível de validação empírica e de procedimentos específicos de verificação. Assim, se é verdade que a psicanálise é capaz de validação empírica, isto é, se ela se propõe como um conjunto de

proposições que sistematizam, explicam e prevêem certos fenômenos observáveis, então ela deve satisfazer os seguintes requisitos:

Deve ser possível a dedução de conseqüências dos pressupostos da teoria apenas sobre a base de considerações lógicas. A psicanálise não atende a este requisito pelo fato da não definição de seu conteúdo. Não se pode, portanto, dizer o que a teoria estabelece ou deixa de estabelecer.

Quanto ao segundo requisito, este faz a exigência de que pelo menos algumas noções teóricas devem se ajustar ao material observável através de regras de correspondência e definições operacionais. A psicanálise também não satisfaz este requisito, visto que utiliza uma linguagem vaga e metafórica e nada de preciso pode ser deduzido das noções energéticas. A teoria é, portanto, ambígua e vários dados a confirmam. (Idem, pp. 39-40).

Deste modo, conclui-se que a base da psicanálise freudiana, ou melhor, seus conceitos fundamentais, que remetem à concepção do aparelho psíquico, não se constituem sobre fatos e procedimentos, o que possibilitaria a sua validação experimental, mas, contrariamente, eles se constroem sobre um arcabouço de *noções* com conotações metafísicas que são tomadas de empréstimo à energética de seu tempo. Além disto, a interpretação freudiana remeteria à arbitrariedade, já que não se apoiaria em procedimentos que permitiriam tal configuração de seus enunciados.

Fica claro, portanto, que Nagel utiliza um certo modelo de análise epistemológica para a psicanálise, que ele mesmo não o nega. O problema é que, ao fazer isto, ele considera a teoria como hipotético-dedutiva e lhe coloca exigências próprias deste tipo de construção. Uma consistência e um procedimento que permitam decidir por meio da experiência se uma proposição da teoria é falsa ou verdadeira, são exigências típicas deste modelo de teoria.

Logo, a metapsicologia, ao ser inserida no eixo das relações de causalidade, ou ainda, ao ser concebida como uma teoria hipotético-dedutiva, deveria ser entendida como um conjunto sistemático de proposições de natureza hipotética acerca da realidade não dada

diretamente aos sentidos, isto é, a vida mental inconsciente que fundamentaria toda a gama de eventos conscientes.

Ora, este é o método considerado padrão nas ciências empíricas, mormente depois dos trabalhos de Popper sobre a lógica da investigação científica na década de trinta. O método hipotético-dedutivo consiste num procedimento de prova, cujo fim é justificar os enunciados de uma teoria, considerados empiricamente decidíveis, capazes, neste sentido, de se submeter, mesmo que indiretamente, a testes empíricos.

O questionamento de Popper acerca da cientificidade da psicanálise começou em 1919, quando ele passou a se sentir cada vez mais insatisfeito, não somente com a teoria marxista da história, mas também com a psicanálise de Freud e a psicologia individual de Adler: *“Meu problema assumiu, primeiramente, uma forma simples: ‘O que estará errado com o marxismo, a psicanálise e a psicologia individual? Por que serão tão diferentes da teoria de Newton e especialmente da teoria da relatividade?...O que me incomodava portanto, não era o fato de duvidar da veracidade daquelas três teorias; também não era o fato de que considerava a física matemática mais exata do que as teorias de natureza psicológica ou sociológica. O que me preocupava... não era o problema da veracidade, da exatidão, ou da mensurabilidade. Sentia que as três teorias, embora se apresentassem como ramos das ciências, tinham de fato mais em comum com os mitos primitivos do que com a própria ciência, que se aproximavam mais da astrologia do que com a astronomia. Percebi que meus amigos admiradores de Marx, Freud e Adler impressionavam-se com uma série de pontos comuns às três teorias, e sobretudo com sua capacidade de explicação. Essas teorias pareciam poder explicar praticamente tudo em seus respectivos campos. O estudo de qualquer uma delas parecia ter o efeito de uma conversão ou revelação intelectual, abrindo os olhos para uma nova verdade, escondida dos ainda não iniciados. Uma vez abertos os olhos podia-se ver exemplos confirmadores em toda parte: o mundo estava repleto de verificações da teoria. Qualquer coisa que acontecesse vinha a confirmar isso. A verdade contida nessas teoria, portanto, parecia evidente”* (Popper, 1981, p.64) (grifos nossos).

Apesar de partir de uma insatisfação em relação a estas três teorias, mais tardiamente, em sua autobiografia, Popper vai precisar melhor a distinção entre elas, dizendo que, de fato, ele esteve muito mais ligado à teoria marxista que à Psicologia Individual ou à Psicanálise. No entanto, Popper marca bem a diferença entre estas teorias, dizendo que o marxismo originalmente era uma teoria científica testável e refutável⁴ e que, especificamente, no caso da psicanálise, esta poderia ser tomada como um modelo do que poderia ser uma não-ciência.

Assim, Popper vai dizer que *“Ela é uma interessante metafísica psicológica...mas que nunca foi uma ciência... o que impede a teoria deles (de Freud e de Adler) de ser científica, é que essas teorias não excluem nenhum comportamento humano possível. Seja lá o que for que alguém faça, é, em princípio, explicável...”* (Popper, 1974, p.985). A posição de Popper está coerentemente assentada na seguinte argumentação: aquilo que permite fazer a distinção entre um sistema metafísico ou ideológico e algo que seja científico não é o fato de que o primeiro seja falso, mas sim que ele se apresenta de tal maneira que vem a ser impossível provar seu falseamento. A psicanálise não poderia ser uma ciência, uma vez que: 1. teoricamente a teoria psicanalítica é irrefutável; 2.a psicanálise explicaria coisas demais, além do seu poder. Esta seria, portanto, a postura já consagrada de Popper em relação à psicanálise

No entanto, uma análise mais detalhada da obra deste autor, nos permite observar que estas idéias irão adquirir um caráter mais nuançado, sobretudo nos seus pós-escritos. Deste modo, de acordo com Quilliot, a atitude de Popper para com a psicanálise está longe de ser tão negativa como muitos pensavam. Ele não endossaria a semântica dos empiristas lógicos. Ao contrário, sua posição não é reducionista. Ele não superpõe critério de cientificidade e critério de significação. Para Popper, *“Uma teoria que diz respeito à metafísica ou ao mito não é, contrariamente ao que afirmam os positivistas lógicos, desprovida de sentido. Ela pode, mesmo assim, ser importante e interessante”* (Quilliot, 1989, p.354). Temos, portanto, que

⁴ A teoria marxista teria de fato, sido refutada, entretanto, seus adeptos não se permitiram levar isso em conta, transformando-a através de expedientes não críticos, numa teoria impossível de ser refutada (Popper, 1977).

Popper não nega à psicanálise a sua pretensão de racionalidade, nem tampouco a sua eficácia terapêutica⁵.

É, porém, em seu livro *Conjecturas e Refutações*, que Popper vai procurar traçar uma linha de demarcação entre os enunciados que poderiam ser descritos apropriadamente como pertencentes às ciências empíricas e aqueles enunciados descritos como pseudo-científicos, ou em alguns contextos, como metafísicos.

Para Popper, a explicação mais aceita até então era a de que a ciência se caracterizava pela sua base na observação e pelo método indutivo, enquanto a pseudociência e a metafísica se caracterizavam pelo método especulativo ou, como disse Bacon, pelo fato de funcionar “*com antecipações mentais – algo muito semelhante às hipóteses*”. (Popper, 1981, p.283).

Popper diz que jamais aceitou este ponto de vista, sobretudo quando ele se deteve sobre as teorias físicas altamente abstratas e especulativas, como a teoria da relatividade de Einstein, que se afastava muito do que se poderia chamar de “*base de observação*”. Ele diz que todas as tentativas feitas para demonstrar que esta teoria se baseava mais ou menos diretamente na observação deixaram de convencer, de maneira que a revolução eisnteniana pôs em cheque a fragilidade das teorias empíricas.

Havia, portanto, uma clara necessidade de se chegar a um critério de demarcação. Popper propõe, então, o critério da *refutabilidade* ou da *testabilidade* do sistema teórico (Popper, id. p.284). De acordo com este critério, “*Um sistema só deve ser considerado científico se faz afirmativas que podem chocar-se com observações, de fato, as teorias são testadas pelas tentativas de provocar esses choques – isto é, pelos esforços para refutá-los. Portanto, testabilidade vem a ser o mesmo que refutabilidade, e pode ser adotado como critério de demarcação*” (Popper, *ibid.*).

Notemos que Popper não fala em critério de verdade, mas sim em critério de demarcação. Não existem critérios de verdade, pois tais critérios implicariam algo como que

⁵ Contra aqueles que argumentam que a cientificidade da psicanálise se daria em função desta eficácia.

“Um método de decisão que conduz geralmente, ou ao menos em certo tipo de casos, através da seqüência finita de etapas (por exemplo experimentos) a uma decisão quanto ao fato de o enunciado em questão ser verdadeiro ou falso. Entretanto, em vista da ausência de um critério geral de verdade, pode facilmente acontecer que estejamos de posse de teorias verdadeiras, e que apesar disso, não possamos estabelecer, satisfatoriamente, a verdade das mesmas” (Popper, 1974, p.1105)(grifos nossos).

Não há, por conseguinte, no pensamento popperiano, um expediente finito que nos permita seguir e, através deste, termos acesso ao conhecimento da verdade de uma teoria científica. Se tivéssemos este critério, teríamos também um algoritmo que iria nos permitir decidir definitivamente acerca do valor de verdade de qualquer enunciado. Neste caso, existindo também um algoritmo para os enunciados empíricos, possibilitaria um conjunto de enunciados que atenderiam às seguintes condições (Smith, 1987, p.60):

1. Podemos afirmar com certeza o valor de verdade de todos os enunciados ‘O’.
2. Todo enunciado empírico que for igual a ‘não-O’ é de natureza tal que seu valor de verdade pode ser determinado mecanicamente, em um tempo finito, a partir de uma especificação dos valores de verdade da classe de enunciados ‘O’.

Entretanto, a ausência de um critério de verdade não inviabiliza a postura popperiana de que a ciência não tenha por objetivo a verdade. Ao contrário, dirá Popper: *“Nossa principal preocupação em ciência ou filosofia é, ou deve ser, a busca da verdade”* (Popper, 1972, p. 319) (grifos do autor) mas, como esta permanece absolutamente inacessível, então a *busca da verdade* quer dizer apenas uma maior aproximação dela, um grau mais elevado de verossimilhança. Apesar de este ser o objetivo primordial da ciência, a condição científica nunca deixa de ser uma condição de ignorância, já que não podemos proclamar que temos a verdade de uma teoria ou hipótese.

Aliás, nenhuma teoria pode ser dada como definitivamente estabelecida, mesmo quando já passou com sucesso por várias provas. Ela permanecerá sendo sempre uma hipótese

e, neste sentido, sempre suscetível de ser colocada em causa. Acreditar na certeza absoluta de uma teoria nada mais é que cair no obscurantismo e adotar uma posição que fatalmente vai impedir a melhoria desta teoria, pois a única forma de se aperfeiçoar e levar uma teoria adiante é por intermédio de uma crítica rigorosa (cf. Quilliot, 1978).

Deste modo, Popper ressalta o caráter falível das ciências empíricas e reafirma sua posição quanto ao método próprio da ciência que é o método dedutivo. Em relação a este método, ele vai dizer que nenhum conjunto de observações pode aumentar a probabilidade de uma generalização que as implique. Esta posição se fundamenta no argumento de que “*a probabilidade anterior a uma lei é zero*”. A observação não pode proporcionar um critério de verdade. Isto jamais seria possível. O dedutivismo popperiano vem a ser, portanto, uma resposta para o problema lógico da indução.

O problema da probabilidade de uma hipótese, quer ela seja colocada com relação a uma probabilidade freqüencial, como acontece na teoria de Reichenbach, quer seja em termos de probabilidade lógica, como no caso de Carnap, vai ser considerado como repousando sobre uma idéia falsa. Popper propõe que, em vez de discutirmos sobre a possibilidade de uma hipótese, deveríamos proceder de maneira a tentarmos avaliar os testes pelos quais ela tenha passado. Assim, o *grau de corroboração* de uma hipótese, ou o seu mérito, vem a ser sempre função de um resultado dos testes pelos quais ela passou, ou da possibilidade que possamos ter de falseá-la, uma vez que as teorias não podem ser verificadas (cf. Malherbe, J.F. 1979, p.115).

O que é relevante no critério de demarcação científica para a teoria psicanalítica, já que Popper descarta de antemão qualquer pretensão científica da psicanálise, é o fato de que o questionamento acerca da verdade ou da testabilidade de uma teoria é o ponto central no contexto de uma concepção realista das teorias, ou seja, uma concepção que atribui realidade objetiva às entidades que a teoria postula e que considera as teorias científicas como descobertas reais de um mundo por trás do mundo das aparências.

Popper endossa, portanto, o componente causal do realismo, ou seja, a sua exigência de que pelo menos alguns dos termos teóricos de uma teoria denotem entidades teóricas reais

causalmente responsáveis pelo fenômeno observado o que nos leva a propor sua existência. Além disto, há ainda o comprometimento notório de Popper com a tese da verossimilhança, segundo a qual a ciência madura estaria constituída por uma seqüência de teorias cada vez mais próximas da verdade (cf. Saporiti, 1994). Destarte, o objetivo da ciência seria a produção de teorias explicativas verdadeiras, como nas próprias palavras do autor: *“existem excelentes razões para se poder dizer que o que pretendemos ao fazer ciência é descrever e, na medida do possível, explicar a realidade”* (Popper, 1972, p. 40).

Segundo Smith, estudioso de Popper, este, ao adotar como meta da ciência o descobrimento de verdades explicativas, vai necessariamente subscrever aquilo que é tomado como ingrediente ontológico do realismo, ou seja, a tese de que, em sentido restrito, as teorias são verdadeiras ou falsas e que aquilo que, numa determinada teoria é, o é em virtude do mundo, independentemente de nós próprios (Smith 1981, p. 59). Deste modo, Popper afirma que *“Só devemos dizer que uma situação é real se a afirmativa que a descreve é verdadeira. Seria um grave erro, no entanto, concluir que a incerteza de uma teoria – isto é, seu caráter conjectural e hipotético – diminui sua pretensão de descrever a realidade”* (Popper, 1981, pp.143-144).

Assim, quando uma teoria é testável, implica dizer que suas conjecturas descrevem algo real, que eventos de um certo tipo podem ocorrer. Não sendo testável, a teoria descreve fatos, mas à maneira de *mitos*⁶, e pode sugerir fatos psicológicos interessantes (como é o caso da psicanálise), mas não de maneira testável. Entretanto, não se poderá afirmar que esta teoria esteja sustentada por evidência empírica (na acepção científica), embora possa facilmente ser um resultado da observação, em sentido lato. Neste caso, poderemos suspeitar de que ela seja

⁶ Para Popper, alguns mitos podem desenvolver-se e tornar-se testáveis. Historicamente falando, *todas ou quase todas* as teorias científicas tiveram sua origem nos mitos. Assim, um mito pode ter importantes antecipações das teorias científicas. Cita por exemplo a teoria da evolução por erros e acertos, de Empédocles, e o mito de Parmênides sobre o universo imutável, onde nada jamais acontece. Se adicionarmos mais uma dimensão ao universo delineado por Parmênides, teremos o universo de Einstein, no qual também nada jamais acontece, já que, num universo de quatro dimensões, tudo está determinado e estabelecido desde o início (Popper, 1981, p. 68).

um 'mito', ou 'uma fábula' (ibid. pp.66-68 e 144). Ora, apesar de negar o estatuto de cientificidade à psicanálise, Popper não nega a sua pretensão de racionalidade.

Considerando-se que a metapsicologia não seja uma teoria testável, levanta-se a suspeita de que ela não descreve nada de real, isto é, que ela contém proposições que não se pode interpretar empiricamente. Ao pressupor que todas as proposições teóricas que ocorrem numa teoria com pretensões de cientificidade sejam descrições de entidades reais (nem sempre sensíveis), o critério de testabilidade considera aprovadas apenas aquelas teorias que contém proposições verificáveis.

De acordo com Tomaz, a estreiteza deste critério está em que ele neutraliza o valor das proposições não verificáveis, levando-nos a acreditar, contrariamente ao que nos mostra Kant, que elas são absolutamente dispensáveis e inúteis na investigação empírica⁷. Desta maneira, não causa surpresa que alguns psicanalistas pós-freudianos, de tradição positivista, empenhando-se em mostrar que a teoria psicanalítica pode ser verificada empiricamente, acabem defendendo o ponto de vista de que os referentes dos conceitos metapsicológicos são entidades reais necessárias para explicar o comportamento humano (Tomaz, 1995, p. 27).

A adoção deste ponto de vista tem conseqüências nocivas para a psicanálise, considerando-se sua linguagem mista, em que conceitos fisicalistas (quantidades, investimentos, contra-investimentos de energias) convivem pacificamente⁸ com conceitos mentalistas (desejos, intenções, propósitos, conflitos).

Assim, se aceitarmos o critério de validação empírica da metapsicologia, duas opções emergem como conseqüência: ou a psicanálise tem que ser depurada de seus excessos

⁷ Do ponto de vista filosófico, Kant foi um dos primeiros filósofos a teorizar uma possível distinção entre uma teoria metafísica e uma teoria científica. Contudo, enquanto Kant procura um critério lógico, Popper busca um critério metodológico. Este se pergunta como a ciência procede para objetivar seus resultados.

⁸ Embora, para Th. Nagel esta convivência não se apresente de maneira tão pacífica assim como se supõe. Ele põe a questão de saber até que ponto, ou em que sentido é possível pensar sobre um sistema físico em termos mentalistas, sem ter qualquer idéia sobre a significância física destas descrições. Nagel parte do pressuposto de que o aparelho psíquico, que Freud investigava e descrevia em termos mentalistas, era na verdade um sistema físico, embora pouco se soubesse sobre a neurofisiologia que permitisse falar sobre o psíquico em termos físicos. Foi este problema que, segundo ele, fez com que Freud abandonasse *O Projeto* (Th. Nagel, 1982, p.228).

mentalistas, de maneira que a metapsicologia possa ser transformada num conjunto de constructos hipotéticos de caráter fisiológico, capazes de conectá-los significativamente com algum tipo de observável (conduta, estruturas, organismo)⁹; ou a teoria psicanalítica deve ser reconstruída em termos operacionais que permitam a verificação dos fenômenos considerados. Neste sentido, a teoria psicanalítica seria despida daquilo que os comportamentalistas chamam de “*estados internos do organismo*”¹⁰. Esta última opção implica deixar de lado termos vagos como ‘*libido*’, ‘*id*’, ‘*vida mental*’ (Ellis, 1956, pp.135-137)¹¹.

De uma maneira ou de outra, a metapsicologia freudiana é então esvaziada de sua ‘*mitologia*’. A linguagem operacional esvazia o edifício psicanalítico de sua tessitura pulsional, da sua dimensão especulativa, e principalmente, do escandaloso conceito de pulsão de morte.

Os pontos de vista aventados até aqui representam as principais críticas metodológicas feitas à pretensão de cientificidade da psicanálise e se baseiam, principalmente, como bem mostrou Tomaz (1995)¹², numa concepção realista dos conceitos metapsicológicos que não leva em conta seu caráter especulativo e ficcional.

⁹ Ver, a este respeito, Rappaport – “The structure of psychoanalytic Theory (a Systematizing Attempt)”, in *Psychology, a study of a Science*. Vol.3. Ed. S. Koch, NY, 1958.

¹⁰ Para Skinner, por exemplo, a psicanálise, ao pretender aceder ao estatuto de cientificidade, deveria satisfazer às regras de uma linguagem operacional, pois todos os conceitos da teoria psicanalítica que gravitam em torno da concepção de um aparelho mental, aparecem como metáforas perigosas. A partir de um ponto de vista epistemológico, a teoria psicanalítica não implicaria um progresso marcante em relação ao animismo e a seus sucedâneos. Segundo Skinner, o esquema explicativo de Freud seguiria o modelo tradicional que induz a procurar *uma causa do comportamento humano no interior do organismo*. Esta *ficção tradicional de uma vida mental* leva a afirmar *algo que não é observável*, sobre o qual não podemos agir. Destarte, para o operacionalismo, somente as mudanças do organismo referidas às variáveis ambientais devem ser levadas em conta. Skinner acusa Freud de ter limitado enormemente o campo da observação, uma vez que ele só se manteve interessado pelos aspectos do comportamento humano que se constituíam como expressões dos processos mentais. Neste sentido, o que Freud fez foi retardar a inclusão desta disciplina no âmbito da ciência propriamente dita (Skinner, 1956, p.79).

¹¹ Segundo Ricoeur, a reformulação conceitual proposta por Ellis e também por Madison, parece basear-se em alguns princípios epistemológicos de Bridgman, que definia a objetividade “*pelo tipo de operações necessárias para produzir e verificar o fenômeno abordado*” (apud Ricoeur, op. cit. p. 345ss).

¹² Segundo esta autora, no momento em que Freud reconhece explicitamente a incognoscibilidade do inconsciente, as representações metapsicológicas não podem mais ser objetivamente justificadas. Assim, as hipóteses relativas à estrutura e funcionamento do aparelho psíquico constituem aproximações por meio de analogias da realidade incognoscível e o mero uso de uma terminologia fisicalista em Freud, não implica na afirmação de seus referentes lingüísticos (cf. Tomaz, 1995).

Loparic também concorda que muitas questões internas da teoria psicanalítica não podem, de fato, ser decididas objetivamente; e que a questão relativa à natureza do inconsciente escapa ao âmbito de considerações semânticas e ontológicas, parecendo, antes de tudo, ser este um problema insolúvel. No entanto, ele acrescenta que a opção de Freud pela formulação de um inconsciente dinâmico e intencional (ou seja, do mesmo tipo de categoria que a consciência) implica uma motivação heurística subscrita por ele mesmo ao ressaltar que sua *hipótese psicológica*, contrariamente à *hipótese fisiológica*, permitiu a elaboração da vida mental de maneira coerente e compreensiva (cf. Loparic, 1985, pp.36-37).

Enfim, o que está em jogo, quando se aplica o critério da testabilidade empírica às hipóteses metapsicológicas, é a suposição de que Freud teria introduzido o inconsciente psíquico como uma entidade inobservável, que explicaria o comportamento observável e, ao condenar a psicanálise pelo fato da metapsicologia não ser testável, muitos filósofos da ciência passam a considerar a metapsicologia de maneira pejorativa, como um mito, uma especulação ou uma metafísica, completamente destituída de critérios científicos.

2 – O reducionismo mecanicista

No item anterior, fizemos um breve inventário de algumas das principais críticas à cientificidade da psicanálise, tentando mostrar as prováveis conseqüências para a teoria psicanalítica, quando se tenta adequar seu arcabouço conceitual a certos padrões de cientificidade, notadamente aquele que concebe a metapsicologia como uma ciência natural e, assim fazendo, passa a considerá-la como uma teoria explicativo-causal, cujos conceitos metapsicológicos teriam necessariamente, por referentes, entidades reais. Nesta perspectiva, os conceitos especulativos deveriam ser rechaçados da teoria psicanalítica.

Neste item, apresentaremos as principais discussões acerca da natureza epistemológica da metapsicologia, levando-se em conta que, para Freud, a psicanálise sempre foi concebida como uma ciência natural. Tentaremos estabelecer em que ponto específico a relação da

metapsicologia com a ciência natural pode ser verificada e quais as possíveis conseqüências desta relação.

Estas discussões giraram em torno da problemática de saber se a psicanálise deveria ser concebida como uma teoria mecanicista fisicalista, o que a situaria de imediato no registro de uma ciência natural, ou se ela deveria ser concebida como uma hermenêutica, uma teoria de decodificação do sentido, o que a situaria no lado das ciências humanas¹³.

Consideremos inicialmente a análise feita por Binswanger. Ao examinar a concepção de homem na psicanálise a partir de uma antropologia, ele acaba fazendo também uma importante tentativa de estabelecer os referentes próprios da teoria psicanalítica. Binswanger expõe, deste modo, algumas asserções que nos possibilitam capturar o modo de construção científica de Freud que, segundo aquele, é semelhante ao das ciências naturais.

Segundo Binswanger, “*O processo dialético de redução que Freud utiliza como instrumento metodológico para a construção de sua idéia de homem é, até em seus últimos detalhes, o das ciências naturais*” (Binswanger, 1970, p.201). Há portanto, uma determinação naturalista do homem, em que ele é capturado em sua imanência como um objeto natural, como *homo natura*.

Ao corpo seria atribuída a “*qualidade de juiz sobre o todo do ser-homem*”, pois agora só seria considerado vivido pela experiência, sentido como real e efetivo, aquilo que o homem como corpo, sente ou percebe, *no e pelo* corpo (Binswanger op.cit. p.213).

A psicanálise seria, neste sentido, construída de acordo com o modelo das *Naturwissenschaften*. O homem seria reduzido, portanto, a um jogo de forças cegas, produto

¹³ Talvez os germens desta discussão já se delineassem sub-repticiamente nas primeiras análises em torno das influências histórico-científicas de Freud. Assim, por exemplo, Maria Dorer, na Alemanha, ressalta os modelos epistemológicos oriundos da psicologia, que operam na concepção freudiana do psiquismo. Segundo ela, Freud permanece preso as suas origens materialistas, mecanicistas e deterministas, e desconhece a dimensão de todo o *sentido dos valores*. Na França, temos a obra de Dalbiez (*La méthode psychanalytique et la doctrine freudienne*), que introduz o dualismo método-doutrina na obra freudiana. Para ele, somente o método psicanalítico permanece no campo científico. A doutrina, sendo inverificável, deveria ser radicalmente separada da prática. É esta aporia, formulada por Dalbiez, que Hyppolite vai desenvolver e que Ricoeur terá como referência (ele situa-se explicitamente na ‘*companhia de Dalbiez*’) (apud Assoun, 1981, pp.20-33).

passivo das potências pulsionais, o que implicaria necessariamente num reducionismo metodológico do tipo mecanicista.

Algumas páginas mais adiante, sendo mais incisivo, Binswanger afirma: “*Freud estuda o homem com a mesma objetividade, com a mesma devoção existencial ao objeto quanto a usada para estudar, no laboratório de Brücke, a medulla do amocoetespretomyzon: aqui, com a ajuda do olho aguçado pelo microscópio; lá, com a ajuda de seu ouvido aguçado por seu sentido e seu gênio infalíveis para as condições humanas. Em lugar da comunicação recíproca, pessoal, na relação entre-nós, aparece a relação unilateral, isto é, não reversível do médico e do paciente; e a relação ainda mais impessoal do pesquisador com seu objeto teórico de pesquisa*” (Binswanger, op. cit. p.226).

Para Binswanger, porém, as ciências da natureza não constituem a totalidade da experiência humana, e além disto, o método das *Naturwissenschaften* acaba por reduzir o mundo a um fato *desprovido de sentido*, onde tudo aquilo que aparece como uma constelação significativa é resultado da ficção, da ilusão e da aparência (Binswanger, id. p. 231).

Assim, para Binswanger, o maior problema da teoria psicanalítica seria o seu esquecimento da dimensão existencial do homem (decorrente do reducionismo metodológico), o que o levaria a propor a antropologia filosófica baseada na analítica existencial heideggeriana como uma solução para este problema¹⁴.

Paes de Barros é outro autor que também ressalta o mecanicismo e o energetismo presentes na teoria freudiana; entretanto, diferentemente de Binswanger, ele não concorda que estes constituam um abuso positivista de Freud, mas sim o ponto principal desta teoria. Paes de Barros acrescenta ainda: “*A confusão habitual entre métodos e técnicas deu origem à crença no surgimento de uma nova e revolucionário ‘metodologia’ supercientífica – a metodologia psicanalítica (interpretativa, compreensiva etc) – que veio fortalecer os*

¹⁴ De acordo com Monzani, Binswanger tem o mérito de apontar o mecanicismo vigente na teoria freudiana; entretanto, ao não fornecer uma visão mais completa de algumas das principais características da psicanálise,

movimentos romântico, humanístico, ideográfico na psicologia contemporânea” (Paes de Barros 1975, pp.43-440). Deste modo, não haveria incongruência entre uma interpretação que privilegiasse a decodificação do sentido, por um lado, e a constituição de uma teoria segundo o modelo das ciências naturais, pelo outro.

Para Paes de Barros, a metapsicologia se constitui como “*uma série de construções hipotéticas de natureza neuro-energética, evolucionista, destinadas a explicar os dados empíricos, psicológicos e psicopatológicos, obtidos com o auxílio de novas técnicas investigativas, as técnicas psicanalíticas*” (Paes de Barros, op. cit. p.43). Neste sentido, a metapsicologia teria de se constituir como uma teoria energética, cujo fim seria dar fundamentação física aos fenômenos psíquicos. Isto é, as manifestações psíquicas seriam explicadas em termos de seus fundamentos neuro-energéticos.

Posição diametralmente oposta em relação a Binswanger e Paes de Barros é representada por Hyppolite¹⁵, para quem o ponto essencial da psicanálise é a produção de sentido pelo espírito. Para ele, a psicanálise é uma *explicação compreensiva*, uma teoria da existência humana e, neste sentido, suas principais aquisições seriam: a interpretação dos fenômenos da consciência como fenômenos significativos; e uma revolução metodológica na exploração do psiquismo através da idéia de totalidade significante (Hyppolite, 1971, p. 379s).

Para Hyppolite, haveria na obra freudiana uma tendência progressiva, uma evolução em direção a uma teoria do sentido em detrimento da fachada mecanicista-naturalista com a qual ele revestia sua obra. Seria um movimento apenas tendencial, pois Freud nunca se desligaria completamente desta tradição e linha interpretativas. Assim, o pensamento freudiano, “*Não cessou de evoluir, de se retificar, obcecado pela preocupação única com a verdade e o sentimento de um desvelamento das raízes humanas. Podemos, às vezes, indignar-nos com a linguagem positivista do Freud médico, que era aquela de sua época, mas não*

algo destoia em sua explicação. Este algo refere-se à dimensão do sentido, que está presente na psicanálise através da busca de significações ocultas (Monzani, 1989, p.68).

¹⁵ E também por Ricoeur, que veremos logo mais a seguir.

devemos esquecer a evolução que o conduziu de uma fisiologia dinâmica à psicologia" (Hyppolite, op. cit. pp.407-8.)

Era, portanto, esta linguagem positivista que estragava o conteúdo da psicanálise, marcando-a por um contraste inegável: *"Há um contraste evidente entre a linguagem positivista de Freud (a topologia do ego, id e superego, por exemplo) e o caráter de pesquisa e de descoberta"* (Hyppolite, id. p.374)

A teoria psicanalítica deveria ser depurada do positivismo, da *"Representação energética que Freud elabora sobre o aparelho psíquico"*. Para isto, Hyppolite busca uma fundamentação na fenomenologia existencial e até mesmo na dialética: *"Quem não perceberá que aquilo que falta a Freud, mesmo do ponto de vista de um filósofo da natureza, é uma dialética..."* (Hyppolite, ib. p.429).

A dialética seria, portanto, uma prótese que viria suprir a falha teórica da psicanálise, que consistiria em manter o ponto de vista energético, o *materialismo da energia*, juntamente com uma teoria do sentido, com uma *análise intencional*. Segundo Hyppolite, Freud até teria tentado superar esta falha ao pretender uma *espécie de síntese* que, no entanto, foi frustrada e transformou-se numa *mescla* original (Hyppolite, op.cit. p. 410).

Não se pode ingenuamente concordar com esta leitura de Hyppolite, pois, mesmo tocando de perto na problemática que se refere a uma teoria energética e a uma teoria do sentido, uma análise dos textos psicanalíticos revela que Freud não tentou fazer uma síntese de ambas as teorias, nem também tentou separá-las. O que se pode constatar é que, ao longo de sua obra, energia e sentido coexistiam lado a lado, e Freud parecia não ver nenhuma contradição entre a dimensão interpretativa e o arcabouço teórico-conceitual da psicanálise.

Outro autor que situa a psicanálise do lado das disciplinas hermenêuticas é P. Ricoeur. De acordo com ele, este problema pode ser colocado nos seguintes termos: *"Qual o estatuto da representação em relação às noções de pulsão, de objetivo de pulsão e de afeto? Como compor uma interpretação do sentido pelo sentido com uma econômica de investimentos, de*

desinvestimentos e de contra-investimentos? À primeira vista, parece que há uma antinomia entre uma explicação regulada pelos princípios da metapsicologia e uma interpretação que se move necessariamente entre significações e não entre forças, entre representações e não entre pulsões” (Ricoeur, 1965, p.68).

Eis aí portanto, em que consiste a *aporia* do discurso psicanalítico pois, como é possível que a explicação econômica *passse por* uma interpretação que trata de significações e, inversamente, que a interpretação seja um *momento* da explicação econômica? Para Ricoeur, a dificuldade da epistemologia freudiana não consiste apenas na de seu problema, mas também na de sua solução. Desta maneira, e diferentemente de Hyppolite, Ricoeur considera que a problemática de um *discurso misto* e até mesmo *ambíguo*, em que a explicação naturalista (com seu conteúdo energético) exclui uma compreensão do *sentido pelo sentido* (uma hermenêutica) é, na realidade, a própria *razão de ser* da psicanálise (Ricoeur, op. cit. pp.67-68).

Assim, Ricoeur vai fazer todo um esforço para mostrar, na obra de Freud, um *momento inicial* em que a tópica estaria cortada do trabalho da interpretação e a chave deste *divórcio* estaria no *Projeto*, de 1895.

Ricoeur adverte que não se trata de optar entre uma energética ou uma hermenêutica, pois isto levaria a uma mutilação da teoria, uma vez que *‘o freudismo só existe pela recusa dessa alternativa’* (Ricoeur, op.cit. id.). No entanto, desde o momento em que Ricoeur toma como ponto de partida de sua investigação uma clivagem que divide a psicanálise em duas partes¹⁶, uma destas partes parece condenada à recessividade¹⁷. Tanto é assim que o autor diz que *“Não resta dúvida de que a psicanálise seja uma hermenêutica”* (Ricoeur, id. Ib.).

¹⁶ Assim, por exemplo, de acordo com Ricoeur *O Projeto*, de 1895, apresentaria uma *‘energética sem hermenêutica’*, enquanto a partir de 1900, com *A Interpretação dos Sonhos*, Freud emergiria para o plano hermenêutico, pois uma *transformação radical afetaria as relações entre a explicação tópico-econômica de um lado e a interpretação de outro lado*, ou ainda, *a explicação estaria explicitamente subordinada à interpretação* (Ricoeur, op.cit. pp.79; 96).

¹⁷ Monzani, ao analisar minuciosamente a construção de Ricoeur, é mais contundente ao ressaltar que *‘Toda a montagem operada por Ricoeur consistiu não em harmonizar o econômico e a interpretação, mas simplesmente eliminar totalmente do plano psíquico, o econômico’* (Monzani, 1989, p. 89).

O que se pode perceber com a análise destes autores é que, de um modo ou de outro, o discurso psicanalítico é apresentado como um discurso cindido, clivado, em que predomina uma irreducibilidade entre a energética, por um lado, onde predomina o reino mecanicista com suas noções de quantidade, de energia, o jogo de forças cegas que só podem subsistir no plano somático e, por outro lado, a hermenêutica, o reino do sentido, onde vigoram os desejos, as intenções, as representações, as miríades de relações semânticas.

É, portanto, a interpretação metapsicológica que reduz o sujeito humano ao jogo de forças cegas, que permite assinalar a idéia da psicanálise como ciência natural e que, em geral, causou muitas polêmicas. Contudo, apesar desta interpretação estar freqüentemente presente numa grande parte da literatura psicanalítica, há autores que discordam explicitamente do aspecto reducionista da teoria.

Dentre estes autores, Parkin pode ser tomado como exemplo. Para ele, este reducionismo deveria ser considerado como produto de um equívoco, um mal-entendido concernente à relação entre a teoria clínica (essencialmente dinâmica) e a metapsicologia. Não se trata, na metapsicologia, de uma relação de oposição entre significado e mecanicismo, mas sim, *“do problema da relação entre mente e corpo”* (Parkin, 1979, p.493).

Parkin ainda acrescenta *“O ponto de vista dinâmico contém as hipóteses clínicas do significado, enquanto que o ponto de vista econômico contém as hipóteses do mecanicismo”*. ou seja, o ponto de vista dinâmico estaria se referindo aos processos psíquicos e o ponto de vista econômico aos processos somáticos (ibid. p.487).

Ora, mesmo que Parkin recuse uma abordagem reducionista da metapsicologia, ele acaba caindo numa leitura que distingue processos somáticos, ou seja, novamente a metapsicologia vem a ser concebida como referindo-se a entidades reais.

Gill (1976, p.91) toma uma postura mais incisiva e insiste que a psicanálise não deve ser concebida como uma ciência natural¹⁸. A partir daí, ele procura separar a teoria clínica da metapsicologia e, ao fazer isto, passa a considerar esta última como irrelevante. A psicanálise não deveria se referir aos processos somáticos e sim tentar constituir-se como uma teoria do sentido, pois, contrariamente, *“Se a metapsicologia é empregada para explicar as proposições clínicas, o esforço de apresentar as proposições psicanalíticas em termos de física e química, ou em termos de conceitos biológicos como estrutura, função e adaptação, inevitavelmente torna-se reducionista”* (Gill, op.cit. p.85).

O que sobressai na argumentação de Gill é o fato de que ele interpreta a metapsicologia como uma teoria explicativa de caráter biológico e fisiológico, que é enunciada numa linguagem psicológica. *“O termo metapsicologia deveria ser restrito às proposições sobre o substrato material, tanto neurológicas como biológicas do funcionamento psíquico”* (id. p.71). Por conseguinte, Gill também acaba caindo numa leitura realista das idéias de Freud.

Deste modo, apesar de considerar que Freud várias vezes insistiu em situar sua teoria sobre o eixo da psicologia, a maior ambição de Gill é demonstrar que, *“Por metapsicologia, Freud denotou um conjunto de suposições biológicas e neurológicas, as quais ele empregou na teoria psicanalítica”* (id. ibid. p.72). Neste sentido, Freud incorreria necessariamente no reducionismo, já que suas concepções metapsicológicas estariam assentadas no terreno das ciências naturais. A perspectiva freudiana tentaria converter o discurso psicológico a um universo alheio a ele – o universo do espaço, da força, da energia¹⁹.

Ao presumido reducionismo freudiano, dos dados clínicos à biologia e à neurologia, Gill propõe, em contrapartida, a possibilidade de constituição de uma teoria psicológica *pura*, fundamentada em dados tais como os da situação psicanalítica, podendo esta teoria ser consolidada como uma ciência válida pelos seus próprios métodos. Desta maneira, tudo que se

¹⁸ Com palavras mais percucientes, Gill vai dizer, *‘The natural-science framework is inappropriate to the data of psychoanalysis’* (Gill, 1976, p. 91).

¹⁹ *‘In a natural-science framework... is a reductive attempt to convert psychological discourse to a universe alien to it – the universe of space, force and energy’* (Gill, op.cit. p.72).

referisse à pesquisa metapsicológica deveria ser deixada sob a responsabilidade dos neuropsicólogos (cf. Gill, 1976, p.103).

Gill encontra dificuldades para demonstrar que sua interpretação da metapsicologia está correta. Ele mesmo tem clareza desta questão e, por isto, não se nega a enfrentá-la. Assim, é a inconsistência do próprio Freud que dificulta suas observações pois, ainda que Freud tenha pretendido permanecer no terreno psicológico, muitas de suas formulações apontavam numa direção contrária, sobretudo aquelas do contexto metapsicológico (id. p.77-78).

Mesmo no que diz respeito ao caráter especulativo da metapsicologia, Gill parece chegar a uma conclusão, diríamos, no mínimo apressada. Isto porque ele considera a prontidão de Freud para abandoná-la como devido exclusivamente ao fato desta não incluir as hipóteses puramente psicológicas (id. *ibid.* p.83).

Ao defender o abandono da metapsicologia, Gill apresenta por argumento a alegação de que as suposições neurológicas, tanto quanto as proposições acerca do substrato material dos fenômenos psíquicos, não constituem autênticas explicações. Pelo fato de se situarem no universo do discurso da ciência natural e, não sendo este derivável do método específico da psicanálise, além de não ser por ele testável, as hipóteses metapsicológicas são, na realidade, pseudo-explicações (ibid. pp 85-86).

Gill até reconhece o aspecto metafórico das suposições neurológicas e concebe, também, que as metáforas por si mesmas são inofensivas. No entanto, caso estas sejam tomadas literalmente como explicações, a psicanálise passa a ser considerada ilegítima (Gill, *op.cit.* p.97). Ora, aqui Gill parece não dar o devido valor às analogias metafóricas na construção de modelos (metapsicologia) para tentar descobrir relações naquilo que se observa na clínica (teoria clínica). Isto já podia ser esperado, considerando-se que ele parte do princípio de que seriam necessárias duas teorias na psicanálise, sendo que a metapsicologia seria aquela teoria que explicaria a teoria clínica (Gill, 1977, p.582).

Assim, por exemplo, relativamente ao conceito metapsicológico de energia psíquica, ele afirma que nada demonstra que Freud pretendia utilizar o conceito apenas no seu sentido metafórico. A despeito da posição contrária de alguns outros autores, como Modell e Beres, Gill entende que a origem deste engano, de se acreditar que, para Freud, o conceito de energia psíquica é apenas uma metáfora, reside na concepção errônea de que ele teria deixado de lado o uso literal deste conceito em suas formulações subseqüentes ao *'Projeto...'*. No entanto, Gill está firmemente convicto de que o conceito de energia psíquica era tão literal para Freud depois do *Projeto*, quanto no próprio *Projeto* (cf. id. p.588).

Segundo Gill, os conceitos energéticos devem ser recusados porque, além de serem reducionistas, constituem uma espécie de ameaça à psicanálise em sua prática clínica. Um conceito como o de transferência, por exemplo, que é essencialmente clínico, provocaria pelo menos alguns embaraços, *"Pois se vemos o paciente em termos científicos-naturais como um objeto definido por uma interação de forças resultantes de energias agindo em estruturas, dificilmente podemos ver a nós mesmos e ao paciente como agentes responsáveis envolvidos em uma interação pessoal significativa"* (id. ibid. p.594). Ora, seria leviano achar que Freud não pudesse perceber uma inconsistência tão flagrante em sua construção teórico-prática, caso ele tivesse concebido a energia psíquica realisticamente²⁰.

Enfim, o que se depreende das críticas feitas à natureza epistemológica da psicanálise é que, ao se considerar a teoria metapsicológica realisticamente, isto é, como uma teoria cujos referentes seriam entidades reais, os conteúdos metafísicos, antropomórficos e especulativos passam a ser considerados como errôneos, equivocados e até mesmo patológicos. A partir daí atribui-se à psicanálise a necessidade de uma reformulação conceitual, de uma correção teórica. Mas, será que Freud compactuava com este tipo de interpretação? Será que a

²⁰ Alguns autores, entre eles Rosenblatt e Thickstun, acham que a psicanálise tem necessidade de uma metateoria que seja testável. Ao pretender substituir o modelo das forças por um modelo cibernético de processamento de informações, eles têm por alvo propor um arcabouço conceitual mais coerente para articular os elementos da teoria clínica. A necessidade desta substituição se justifica pelo fato de que estes autores entendem que a teoria da energia psíquica não satisfaz os mínimos critérios de uma metodologia que seja aceitável. Assim, a teoria da energia psíquica apresenta dentre outros problemas, o uso incorreto das metáforas como se fossem fato, a contradição interna, a pseudo-explicação (Rosenblatt & Thickstun, 1977, p.537).

utilização de modelos oriundos de outras disciplinas, ou melhor, oriundos do fisicalismo implicaria a redução dos conteúdos psicanalíticos a conteúdos físicos? Em outras palavras, em reduzir os fenômenos psíquicos a fenômenos físicos, tais e quais?

CAPÍTULO II – PSICANÁLISE E CIÊNCIA ALEMÃ DO SÉCULO XIX

1. *A psicanálise como Naturwissenschaft*

Depois deste percurso pelas principais críticas à natureza epistemológica da psicanálise e utilização que esta faz dos conceitos energéticos, pretendemos, neste capítulo, examinar o contexto científico alemão, no qual Freud reivindica para a psicanálise o estatuto de ciência natural. Tentaremos mostrar, a partir de alguns elementos dos estudos filosóficos de Mach, que parecem ter tido notável influência sobre a concepção epistemológica de Freud, que a concepção dinâmica deste decorria de um critério metodológico que tinha por modelo as principais ciências empíricas daquela época que, por sua vez, se inspiravam no modo heurístico de fazer ciência. Assim sendo, o cientificismo de Freud não implicaria necessariamente a assunção de uma posição exclusivamente reducionista materialista.

Freud, até o final de sua vida, defendeu a idéia de consolidar a psicanálise sob a égide da ciência natural¹. Neste sentido, ele não hesitou em nenhum momento em dizer e redizer que a psicanálise pertence à família das ciências da natureza (*Naturwissenschaften*). Para ele a psicanálise não poderia ser outra coisa senão uma ciência natural, pois “*O que mais ela poderia ser?*”, perguntava ele num texto mais tardio. (Freud, 1938a, SE p.317; AE p.284).

¹ Entretanto, podemos ver, já nos primeiros trabalhos, que Freud tenta fundar uma psicologia como ciência natural. Assim, no *Projeto*, ele afirmará que seu propósito é “*Fornecer uma psicologia científico-naturalista, ou seja, apresentar processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificados e, com isso, torná-los intuitivos e livres de contradição*”. Uma análise minuciosa deste texto mostra as dificuldades em que Freud viu-se envolvido na consubstanciação deste objetivo que utilizava principalmente ou inicialmente um modelo neurológico. Além disto, segundo Gabby Jr., pode-se remontar esta idéia de propor uma psicologia científico-natural a um texto mais antigo de Freud, de 1891, *Sobre a Concepção das Afasias*, embora, neste trabalho, Freud apresente uma teoria da linguagem que dispensa qualquer referência anatômica (cf. Gabby Jr. 1995, p.106).

Do mesmo modo, Freud também não vai aceitar o dualismo epistemológico apregoado por Dilthey e Rickert, que pretendiam distinguir entre as ciências da natureza e as ciências do espírito.²

Freud assume então o monismo³ epistemológico, um dos dogmas sagrados do positivismo de sua época. Com isto, um dos pólos da problemática epistemológica da metapsicologia parece eliminado ou, senão, a problemática em si mesma. No entanto, a psicanálise, ao ser concebida como ciência natural pareceu ser condenada definitivamente ao reducionismo mecanicismo assentado no famoso juramento de 1842 com as teses fisicalistas propugnadas pela destacada tríade alemã: Brücke, Du Bois Reymond e Helmholtz.

O juramento fisicalista obrigava a psicologia a constituir explicações redutíveis à físico-química. Resumidamente, o juramento formulava que:

- a) Só há forças (manifestações materiais) físico-químicas.
- b) Só estas forças atuam no organismo (não há vitalismo).
- c) No caso em que estas forças não possam ser detectadas diretamente, deve-se pressupor a existência de outras forças equivalentes em dignidade às forças físico-químicas inerentes à matéria e redutíveis às forças de atração e repulsão (Jones, 1989, p.53).

² A distinção entre ciências da natureza (*Naturwissenschaften*) e ciências do espírito (*Geistwissenschaften*) estava fundamentada na separação entre a esfera da natureza, passível de metodologia baseada na ciência clássica (Galileu) e a esfera da história e do homem, que dava os primeiros passos em direção a uma metodologia *sui generis*. Daí a concepção terminológica que distingue o *explicar* (*erklaren*), do *compreender* (*verstehen*) (Assoun, 1981, p.48). Entretanto, Freud vai distinguir claramente entre o que ele chama de *ciências especulativas* e *ciências da natureza*. Ver a este respeito o capítulo seguinte.

³ O monismo rigoroso implica a doutrina que admite apenas uma realidade constituinte do Ser ou da Natureza, e reduz tudo o que existe, seja à matéria, seja ao espírito ou à idéia. Deste modo, recusa-se o dualismo clássico que enfatiza a existência de duas substâncias distintas, consequência da distinção ontológica entre alma/corpo, entre espírito/matéria, entre história/natureza. Freud não aceita que uma distinção ontológica funde uma distinção epistemológica e vai encontrar na obra de Ernst Haeckel, *Monismo, profissão de fé de um naturalista*, a justificativa para a sua tomada de posição (cf. Assoun, 1981 p.51).

Mas será que conceber a psicanálise como ciência natural implica ceder à tentação abstrata de reduzi-la cabalmente à físico-química?⁴ Em outros termos, será que reconhecer a dimensão econômica da psicanálise implica necessariamente aceitar literalmente o fisicalismo? No caso que esta redução pareça por demais distante, difícil ou até inexecutável, não seria legítima a utilização de um *modelo* fisicalista? Um modelo ficcional? (Lembremos da superestrutura especulativa do *Projeto*). Uma leitura atenta do contexto epistemológico em que Freud faz a defesa da cientificidade da psicanálise pode indicar um ponto de vista contrário a este pretensão reducionismo.

Tentaremos demonstrar isto com a ajuda inicial de um dos textos de Loparic, onde, ao fazer uma análise minuciosa desta ambiência, ele nos mostra que a cientificidade da psicanálise não está vinculada à problemática do papel da energética na ciência psicanalítica, o que implicaria um contexto ontológico, mas, contrariamente, esta vincula-se à esfera relativa dos preceitos e regras metodológicas (Loparic 1985, pp. 29-49).

Loparic, ao fazer um inventário das principais resistências à psicanálise, destaca que as objeções metodológicas externas à psicanálise atacavam mormente os conceitos e princípios básicos da teoria. Estas críticas enfatizavam que os conceitos, ainda que não fossem absurdos, careciam de clareza e precisão e, em relação aos postulados básicos, estes estavam explicitamente incompletos e, por isso mesmo, insuficientes para abarcar todos os fenômenos. Além disto, eram provisórios e sempre suscetíveis de correção de uma maneira não previsível. A defesa freudiana é, portanto, uma resposta a estas objeções (Loparic, op. cit. p. 30).

Para verificar esta defesa, basta que levemos em conta que Freud, ao conceber a psicanálise como ciência empírica, diz que esta *“Não é como as filosofias, um sistema que parta de alguns conceitos básicos nitidamente definidos, procurando apreender todo o universo com o auxílio deles, e uma vez completo, não possui mais lugar para novas descobertas ou uma melhor compreensão. Pelo contrário, ela se atém aos fatos de seu campo*

⁴ Em vários momentos da obra de Freud, encontramos a afirmação de que a psicanálise se constituía como ciência natural tal qual a física ou a química. Esta afirmação vale menos pelo conteúdo específico destas disciplinas que pelo método que elas empregam.

de estudo, procura resolver os problemas imediatos da observação, sonda o caminho à frente com o auxílio da experiência, acha-se incompleta e sempre pronta a corrigir ou a modificar suas teorias. Não há incongruência (não mais que no caso da física ou da química) se a seus conceitos mais gerais falta clareza e seus postulados são provisórios; ela deixa a definição mais precisa deles aos resultados do trabalho futuro” (Freud, 1923a, SE p. 307 ; AE p.249).

A oposição acima traçada, entre a psicanálise e os sistemas filosóficos, reflete uma oposição feita num outro texto de Freud, entre a ciência natural, “*construída sobre a interpretação da empiria*” e a “*teoria especulativa*”. Assim, ao comentar a controvérsia gerada em torno de alguns de seus conceitos especulativos, Freud vai dizer: “*...é verdade que noções tais como a de uma libido do ego, uma energia das pulsões do ego, e assim por diante, não são particularmente fáceis de apreender, nem suficientemente ricas de conteúdo; uma teoria especulativa das relações em questão deveria começar por buscar como base um conceito nitidamente definido. Mas sou da opinião de que é exatamente nisso que consiste a diferença entre uma teoria especulativa e uma ciência erigida a partir da interpretação empírica. Esta última não invejará a especulação por seu privilégio de ter um fundamento suave, logicamente inatacável, contentando-se, de bom grado, com conceitos básicos nebulosos, mal imagináveis, que espera apreender mais claramente no decorrer de seu desenvolvimento, ou que está até mesmo preparada para substituir por outros. Pois essas idéias não são o fundamento da ciência, na qual tudo repousa; esse fundamento é tão somente a observação. Não são a base mas o topo de toda a estrutura, e podem ser substituídas e eliminadas sem prejudicá-las”* (Freud, 1914b, SE p.93 ; AE p. 75).

O que é fundamental para as teorias especulativas é a possibilidade de construir um sistema intelectual que disponha de conceitos básicos claros e bem definidos. Já a ciência empírica, contenta-se pacientemente com conceitos básicos provisórios, passíveis de alterações e aperfeiçoamentos futuros, pois só o progresso ou o retrocesso da pesquisa empírica, quando avaliados sobre períodos bastante extensos, poderá permitir a decisão objetiva dos conceitos e proposições especulativas das construções científicas básicas, nas quais repousa a orientação da pesquisa empírica, e ainda assim, sempre provisória (Freud, 1916-17).

Respondendo às críticas metodológicas, Freud apresenta também as diversas maneiras de como se dá o progresso científico. De acordo com Loparic, uma destas maneiras destaca que a ciência cresce dedutivamente, dentro de um sistema fechado. Todavia, uma outra concepção destaca que as informações científicas sobre a natureza são acumuladas dentro de programas de pesquisa científica por intermédio da observação cuidadosa do campo factual e de sua posterior elaboração intelectual (Cf. Loparic, 1985, p.37).

Para Freud, as metodologias de origem filosófica, imbuídas da tradição racionalista, pagam caro pela idéia de conceber a ciência como um sistema, do mesmo modo que as filosofias. Elas partem de algumas noções básicas claramente definidas, através das quais se tenta açambarcar o mundo todo, não havendo espaço para novas descobertas, novos entendimentos. Segundo Loparic, as teorias assim construídas se assemelhariam aos sistemas axiomáticos das ciências formais e são propostas em geral, na filosofia, com o nome de *Weltanschauungen* (Loparic, idem).

Freud maneja este conceito tipicamente alemão, concebendo-o como uma construção que soluciona de maneira uniforme todos os problemas de nossa existência a partir de uma hipótese suprema. Dentro desta construção, nenhuma questão permanece aberta e tudo que poderia suscitar nosso interesse tem o seu lugar determinado (Freud, 1932 SE p.193 ; AE p.146). Trata-se, portanto, de uma estrutura suscetível de fornecer um princípio de ordem universal, permitindo situar tudo o que possa nos interessar. Ora, o que parece ser fundamental nesta definição é seu caráter totalizante e fechado, onde todas as perguntas encontram suas respostas.

Pode-se dizer ainda que uma tal *Weltanschauung* corresponderia perfeitamente aos desejos mais supremos e arcaicos do ser humano que visam preencher as falhas e mitigar as incertezas do laborioso processo do conhecimento, brindando-nos com uma imagem do universo coerente e sem lacunas. A crença nela nos dá segurança, permitindo determinar o que devemos querer e como devemos tratar, de maneira mais adequada, nossos afetos e interesses. Ora, uma concepção desta natureza, acrescenta Freud, só pode atender aos anseios de nosso narcisismo, podendo ainda ser utilizada como um *Baedeker*, um daqueles 'guias de vida' semelhante ao velho catecismo, cômodo e perfeito (Freud, op. cit. p.148 e 1926 AE p.91).

Às teorias propostas como *Weltanschauungen*, Freud vai contrapor as teorias empíricas⁵, radicalmente distintas quanto a sua estrutura. Apesar destas últimas também visarem à obtenção de um sistema uniforme e unitário de explicações dentro do qual todos os problemas poderiam ser resolvidos, nenhuma ciência empírica tem a intenção de responder todos os enigmas do universo.

Então, “*de suas teorias, o que dizer?*” pergunta o interlocutor fictício de Freud. “*Podem ao menos dar-nos um quadro coerente do universo, ou mostrar-nos onde haveremos de procurar os fenômenos inexplicados ou como as forças da mente são capazes de agir sobre a matéria inerte?*” A resposta de Freud é “*não*”. E ele inicia sua justificativa, dizendo que a ciência apenas “*dá-nos fragmentos de supostas descobertas, as quais não consegue tornar coerentes entre si; coleciona observações de constâncias no curso dos eventos que dignifica com o nome de leis e as submete as suas perigosas interpretações. E pensem no reduzido grau de certeza que ela confere aos seus achados! Tudo o que ela ensina é provisoriamente verdadeiro e o que hoje é valorizado como a mais alta sabedoria, amanhã será rejeitado e substituído por alguma outra, embora também esta seja apenas uma tentativa*” (Freud, 1932 SE, pp.209-210; AE, p.159). É, portanto, o quadro de um saber insuficiente e incompleto, marcado por um alto teor de ceticismo, que vemos ser esboçadas nestas palavras de Freud.

Ademais, partindo da exigência metodológica de busca de certeza intelectual, a ciência não poderia recorrer nem à revelação – tal como a religião⁶ – nem à intuição das essências – tal como a filosofia. Conseqüentemente, não lhe resta outro caminho senão prosseguir passo a passo, por intermédio de uma elaboração paciente e imparcial. Sua marcha é lenta, hesitante e laboriosa, recorrendo freqüentemente às observações cuidadosamente colhidas e analisadas a

⁵ Na verdade, Freud até chega a mencionar as teorias empíricas como fazendo parte, ou melhor, como constituindo as *Weltanschauungen* científicas. No entanto, dada a definição que ele explicitou para esta última, ele assevera que este nome não lhe é de todo apropriado: “*Difícilmente merece esse grandiloquente nome pois não é capaz de abranger tudo, é muito incompleta e não pretende ser auto-suficiente e construir sistemas*” (Freud, 1932 SE p.220 e AE p.168).

⁶ Assim, mesmo que a estrutura do conhecimento seja de natureza fictícia (como poderemos ver nos capítulos posteriores), pois o problema da natureza do mundo, sem que se leve em conta nossa organização psíquica, não passa de uma abstração vazia. A ciência, para Freud, não é uma ilusão. Sua estrutura não atende aos desejos primários de completude e solução cabal e peremptória dos enigmas do universo. Além disto, a religião fracassou em seus objetivos morais e apaziguadores do homem com a civilização. Já a ciência atinge plenamente a sua tarefa, se se limita a apresentar (ou talvez, representar) o mundo tal como nos deve aparecer em conseqüência de nossa própria organização (Freud, 1927, SE p.70; AE p.56).

partir das quais formulará as primeiras conceituações (Freud, 1932, SE p.211; AE p.160). Estas não têm nem poderiam ter a forma de um sistema axiomático.

Utilizando também a argumentação histórica, Freud diz que as primeiras conceituações, as idéias básicas ou os conceitos mais gerais, em quaisquer das disciplinas da ciência, são inicialmente indeterminados e somente uma análise progressiva dos dados da observação podem torná-los mais claros e consistentes; o que não impede mas, contrariamente, favorece o progresso da pesquisa científica, uma vez que deixa espaços abertos para novas descobertas (Freud, 1915b, SE p.137; AE p.113. Freud, 1925a SE pp. 73-74; AE p.54).

Todavia, isto não quer dizer que se possa inserir um campo qualquer de fatos dentro de um sistema lógico. Freud dirá que esta tentativa é supérflua, podendo até mesmo ser perigosa, pois o avanço do conhecimento científico não suporta qualquer rigidez, inclusive aquelas que tratam das definições. Assim, até mesmo conceitos básicos de ciências bastante avançadas, como a física, são constantemente modificados de acordo com novas orientações de pesquisa (Freud, 1915b SE p.137; AE p.113; 1914b SE p.94; AE p.75).

Ao analisar o andamento da pesquisa psicanalítica, Freud assegura a sua semelhança com o progresso do trabalho científico e deixa entrever de que maneira as ciências empíricas dão prosseguimento as suas atividades de resolução de problemas.

“O progresso no trabalho é o mesmo que se dá numa análise. Trazemos para o trabalho as nossas esperanças, mas estas necessariamente devem ser contidas. Mediante a observação, ora num ponto, ora noutra, encontramos alguma coisa nova; mas, no início, as peças não se completam. Fazemos conjecturas, formulamos hipóteses, as quais retiramos quando não se confirmam, necessitamos de muita paciência e vivacidade em qualquer eventualidade, renunciamos às convicções precoces, de modo a não sermos levados a negligenciar fatores inesperados, e, no final, todo o nosso dispêndio de esforços é recompensado, os achados dispersos se encaixam mutuamente, obtemos uma compreensão interna de toda uma parte dos eventos mentais, temos completado o nosso trabalho e, então,

estamos livres para o próximo trabalho. Na análise, porém, temos de prescindir da ajuda fornecida à pesquisa, mediante a experimentação” (Freud, 1932, SE p.211 e AE pp.160-161).

Destarte, o avanço da pesquisa científica pressupõe a formulação de hipóteses, mesmo que inicialmente estas sejam bastante vagas e imprecisas, ou ainda provisórias. Sem elas, temos apenas desordem nas observações pois, em si mesmos, os dados carecem de significação e inteligibilidade. Além do mais, já que as primeiras suposições têm caráter provisório, podendo ser rechaçadas ou alteradas, não há necessidade de se ter hipóteses verdadeiras *a priori* para se fazer uma descoberta real.

Segundo os defensores da tradicional vertente axiomática da ciência, que tomava como paradigma a geometria dedutiva de Euclides e pressupunha a racionalidade do universo, o que foi exposto logo acima não elimina o problema de quais suposições deveriam ser tratadas inicialmente como axiomas. Assim, apesar do ceticismo genérico que vigorou em torno desta concepção, o racionalismo clássico insistiu em sustentar que o progresso dos sistemas explicativos das ciências empíricas deveria se dar da mesma maneira que o progresso das ciências formais, ou seja, deveria partir da formulação de um conjunto de premissas claras e auto-evidentes a partir das quais um conhecimento verdadeiro e indubitável poderia ser alcançado. Segue-se, a partir desta concepção, um dogmatismo explícito que interpreta os conceitos básicos e as proposições teóricas como se fossem descrições da essência ou natureza das coisas (Nagel, 1975, pp. 16-17).

Ora, nesta mesma linha, até mesmo as correntes psicológicas e psicanalíticas depois de Freud fizeram à psicanálise uma exigência baseada no rigor axiomático. Estas correntes partiram da crítica relativa à falta de formalização sistemática dos enunciados psicanalíticos que, segundo os autores, mais parecia uma ‘*colcha de retalhos*’. Entretanto, ao fazer este tipo de exigência, argumenta Rappaport⁷ (de acordo com alguns experimentos de Piaget⁸), corre-se

⁷ Rappaport, sendo mais enfático, diz que cientistas voltados para as ciências naturais, como Beveridge (1950) e historiadores da ciência, tais como Dingle (1952), de há muito reconheceram que a descoberta, em ciência, tem raízes na intuição e não na dedução (Rappaport, 1960, p.88).

⁸ Em sua *Epistemologia Genética* (1950), ao examinar a história da matemática e o desenvolvimento ontogenético de sua argumentação, Piaget atesta, de maneira semelhante a Freud, o fato de como as disciplinas podem ser, ao mesmo tempo, dedutivamente rigorosas e fúteis.

o risco de uma axiomatização prematura, que pode, num certo sentido, ser tola e fútil; além de não se levar em conta que a axiomatização constitui-se num produto tardio na história das ciências. Estas, prossegue ele, não nascem dos axiomas, mas neles culminam. E o que é mais relevante, os sistemas axiomáticos geralmente não exibem o caminho percorrido por uma ciência mas, ao contrário o ocultam (Rappaport, 1960, p. 88).

Ora, as críticas ao método axiomático já vinham de longa data. Tanto é assim que, até mesmo em sua versão pré-kantiana, tal método já era alvo de críticas percucientes e, o que é mais importante, eram críticas duramente despejadas por um autor que, segundo Assoun, exerceu indubitavelmente uma forte influência sobre a posição epistemológica de Freud. Estamos falando de Ernst Mach, um dos teóricos que desempenha um papel fundamental no solo científico alemão entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX (Assoun, 1981, p.85).

De acordo com Loparic, o objetivo dos estudos filosóficos de Mach é demonstrar que os problemas cognitivos requerem, para que tenham sentido, a restrição de suas referências ao domínio do que é dado, do sensível. Mach adverte que suas observações visam apenas a eliminação dos falsos problemas que dificultam o trabalho do cientista natural, deixando as questões restantes à *pesquisa positiva*. O objetivo de Mach era convencer os pesquisadores de que as questões relativas ao supra-sensível, ou seja, questões metafísicas, eram insolúveis. Destarte, todos os problemas empíricos dotados de sentido seriam, em princípio, solúveis: “*A consideração de que um problema é insolúvel em princípio depende necessariamente de um modo errôneo de formular as questões*” (Mach, 1886, 1914, apud Loparic, 1982, pp.38-39).

Segundo Loparic, Mach critica o método axiomático por ser um método que enfileira proposições em um fio arbitrariamente escolhido. Deste modo, não apenas se ocultam os caminhos de pesquisa, como perde-se completamente de vista a variada conexão orgânica entre os princípios das ciências particulares. Mais especificamente, os pressupostos e suposições fundamentais da ciência – caracterizados pelo fato de serem proposições problemáticas – vinham a ser tomados como fundações axiomáticas, ou seja, como verdades claras e auto-evidentes (Loparic, 1982, id.)

Quanto às construções auxiliares, ou seja, os fatos introduzidos analiticamente, estes são concebidos como fundações reais dos fatos observados. Indo mais longe, a interpretação axiomática, ao considerar as construções auxiliares (que, para Mach, eram apenas instrumentos provisórios e arbitrários para se compreender por partes, o que não se pode compreender como um todo) como os derradeiros ingredientes da realidade, cria problemas insolúveis sobre sua existência e suas propriedades reais e supõe tacitamente a idéia de uma explicação causal dos fatos observados pelos fatos supra-sensíveis, o que acarreta problemas desprovidos de sentido, uma vez que, as questões relativas à existência ou às propriedades reais das entidades hipotéticas não podem ser decididas nem por argumentos, nem pela experiência (Loparic, 1984, pp.41-43).

Mach exortava também aos geômetras práticos a não fazerem uma interpretação realística ou metafísica das entidades hipotéticas tais como os átomos ou as moléculas. Estas entidades deveriam ser tomadas pelo que efetivamente eram, isto é, construções auxiliares comumente introduzidas para completar a experiência. O procedimento correto a seguir era não se preocupar com a realidade dos eventos hipotéticos e sim utilizar apenas a estrutura matemática neles exemplificada, sob pena de ser posta em risco a pesquisa positiva. Caso estas entidades hipotéticas ou metafísicas viessem a ser tomadas realisticamente, os cientistas passariam a trabalhar com problemas destituídos de sentido (Loparic, 1984, pp. 39 e 43).

Para Mach, até mesmo o conhecimento geométrico era derivado de várias fontes, e nem sempre foi cabalmente obtido por intermédio da dedução. Este procedimento, muitas vezes, fazia parte de um nível mais alto do desenvolvimento científico, que já pressupunha um saber constituído que necessitava de simplificação, ordenação e sistematização. Assim, os conhecimentos iniciais da geometria produziram-se do mesmo modo que nas ciências naturais, isto é, por meio da necessidade prática da observação cuidadosa, através de medições, de contagens, de estimativas, da intuição e só mais tardiamente através da derivação do já conhecido. Mesmo o geômetra, ao tentar fazer suas descobertas, não prescindia do uso de especulações, ou, dos experimentos em pensamento, que eram guiados pela comparação, indução, similaridade e analogias (Mach, 1905, pp. 289-291).

Ora, ao percorrermos o texto freudiano de 1915, *As pulsões e suas vicissitudes*, logo no primeiro capítulo, encontra-se uma importante passagem em que Freud apresenta sinteticamente os principais pressupostos epistemológicos em que ele se baseia. Há uma semelhança notória entre as idéias de Mach até aqui postas e as palavras de Freud. Segundo Assoun, ele se expressa em palavras quase que literais às de Mach, no famoso texto *Conhecimento e erro*⁹, especialmente o que está escrito no prefácio e no primeiro capítulo. Para Assoun, Freud assimilou profundamente este texto de Mach, o que demonstra não se tratar apenas da constatação de um parentesco, o que seria fútil, levando-se em conta a perspectiva cientificista comum, mas do reconhecimento de que esta epistemologia reflete a sua própria prática científica (Assoun, 1981, p.87).

Pode-se constatar, por conseguinte, que tanto Freud quanto Mach pertencem à vertente não axiomática da ciência, subscrevendo ambos que nem a verdade, nem o conhecimento da verdade é uma condição necessária das hipóteses ou dos postulados mais gerais de uma teoria. Além disto, ainda que Mach rejeite e considere supérfluo ou desprovido de sentido o termo 'coisa em si', do ponto de vista estritamente metodológico da construção científica, sua recusa do essencialismo¹⁰ e a maneira como ele concebe a atividade, isto é, como uma atividade de resolução de problemas¹¹, o aproxima de Kant.

⁹ Esta obra constituía na Alemanha um verdadeiro best-seller de filosofia das ciências. Nela, Mach expunha o conteúdo de um curso no qual, segundo suas próprias palavras, tencionava "*Reduzir, tanto quanto possível, a psicologia da pesquisa científica a pensamentos autóctones das ciências*" (apud Assoun, op.cit. p.87).

¹⁰ Segundo Popper, o essencialismo, que é um dos três pontos de vista sobre a ciência (ver os outros dois logo a seguir), concebe que as teorias científicas têm por objetivo descrever as *essências das coisas, sua natureza essencial*, isto é, *realidades que existem por trás das aparências*. Estas teorias pretendem constituir-se como *explicações últimas* (Popper, 1982, p.131).

¹¹ De acordo com Loparic, Mach concebe que todos os problemas científicos originam-se de uma incongruência, a saber, uma indeterminação de expectativas. É a partir desta incongruência que nascem os dois tipos principais de problemas científicos: adaptação dos pensamentos aos fatos e adaptação dos pensamentos aos pensamentos. Em outras palavras, os problemas científicos dividem-se em empíricos e formais. Além disto, para que os problemas cognitivos tenham algum sentido, é necessário que estes se refiram ao domínio específico do que é dado. Mach enfatizava que suas observações sobre a significatividade oferecem pouco ou nada para o filósofo tradicional (racionalista). Elas não têm a pretensão ao conhecimento de princípios primeiros indubitáveis, nem se propõem a resolver nenhum quebra-cabeça desafiador acerca do mundo (apud Loparic, 1984, p.39). Para Loparic, Mach "*Viu na teoria da ciência de Kant, uma versão primitiva e inadequada de uma psicologia e lógica da pesquisa, isto é, de um programa de pesquisa científica, algo que (...) ele próprio (Mach) tinha a intenção de estabelecer*" (apud Loparic, 1984, p.39).

Resumidamente, poderíamos dizer que a análise da ambiência científica, em que Freud faz a defesa da psicanálise como ciência natural, aponta que, de um lado, encontra-se o estilo axiomático do fazer científico, calcado na tradição racionalista, pré-kantiana. Esta posição sustenta que as proposições primitivas não podem ser derivadas de outras proposições e constituem, deste modo, as definições tomadas como princípios além de formarem a base de uma demonstração. As definições ou os princípios básicos das ciências foram tradicionalmente interpretados pela perspectiva axiomática como descrições da essência ou da natureza das coisas. Do outro lado, encontra-se o estilo heurístico de fazer ciência, calcado na tradição kantiana, aceito por Mach e Freud. A perspectiva heurística sustenta que as observações constituem o fundamento de toda ciência empírica.

No entanto, mesmo que a ciência tenha por início as observações, estas não constituem a única e exclusiva fonte de conhecimento. Para fazer novas descobertas no seu campo de estudos, o pesquisador geralmente introduz entidades ou eventos hipotéticos e faz suposições acerca das relações entre estas entidades. Contudo, não há conformidade entre os partidários desta perspectiva relativamente à interpretação destas entidades hipotéticas introduzidas.

Assim, de acordo com a vertente convencionalista (Mach)¹², a utilização de idéias especulativas justifica-se plenamente para se obter maiores conhecimentos sobre os fenômenos. No entanto, seria desejável que o pesquisador, ao invés de dar uma interpretação metafísica ou realística das entidades hipotéticas, passasse a considerá-las pelo que elas são: construções auxiliares, instrumentos tomados arbitrariamente e de caráter provisório, que se situam logicamente no mesmo nível dos modelos matemáticos¹³ de representação dos fatos.

¹² Segundo Popper, Mach pode ser enquadrado na perspectiva instrumentalista da ciência que não aceita que o objetivo desta seja a explicação (a explicação definitiva), pois não se pode descobrir a “*essência oculta das coisas*”. Mach sequer aceita a noção de essência. Para os instrumentalistas, as teorias devem ser concebidas como meros instrumentos lógicos, através dos quais se analisa o material empírico. Sua função básica é heurística, constituindo, desse modo, esquemas conceituais arbitrários que permitem dirigir a investigação experimental expondo claramente as conexões relativas aos dados observacionais, que, caso contrário, permaneceriam desconexas (Popper, 1982 pp.131ss e Nagel, 1961 pp. 129ss).

¹³ Os modelos matemáticos não têm obviamente nada a ver com os fenômenos enquanto tais.

Assim fazendo, o pesquisador se esquivaria de cair na ilusão de considerar a relação entre as construções de pensamento (especulações) e os fatos observados como uma relação explicativo-causal.

Como há similaridade entre as relações observadas entre os fatos e as relações definidas sobre os objetos do modelo, a sua construção seria heurísticamente útil para, a partir das relações estabelecidas pelo pensamento, descobrir relações entre os fatos. Não constituindo uma interpretação realista¹⁴ das entidades hipotéticas ou dos inobserváveis teóricos, estes últimos encontrariam justificativa em sua *eficácia heurística*. Deste modo, nem a verdade, nem o conhecimento da verdade é condição necessária das hipóteses heurísticas, assim como também, nenhum compromisso com a realidade ontológica do modelo (Loparic, 1984, pp.43-44).

Uma outra vertente do estilo heurístico diz que as teorias ou conjecturas não somente funcionam como guias para descoberta de fatos novos, mas deverá também explicá-los. Assim, para Hempel, por exemplo, todas as explicações científicas de fenômenos empíricos, inclusive aquelas versões explicativas que tentam evidenciar a influência de motivos conscientes e inconscientes, e de idéias e de ideais na constituição das ações e decisões humanas, são basicamente alicerçadas em *teorias ou leis abrangentes*, de tipo *dedutivo ou probabilístico*¹⁵.

Subsunção dedutiva e probabilística a leis abrangentes constituem modos de explicação que se estendem muito além dos limites de uma explicação causal e mecânica.

¹⁴ De acordo com Nagel, a perspectiva realista sustenta que as teorias são e permanecem hipóteses. São conjecturas (doxa) em contraposição ao conhecimento indubitável (episteme). A ciência busca sempre uma teoria verdadeira, sem jamais alcançá-la. As teorias são descrições e explicações provisórias do mundo. Se considerarmos que a teoria estabelece relações entre propriedades que explicitamente não caracterizam, ou se não podem caracterizar coisas existentes, a pergunta pela verdade ou falsidade de uma teoria não tem sentido (Nagel, 1961, pp. 141-152).

¹⁵ Hempel chama de *explicações probabilísticas*, aquelas explicações baseadas em leis probabilísticas. Como envolvem o caráter estatístico das leis que invocam, estas explicações limitam-se a mostrar que, à vista das leis especificadas e das circunstâncias especiais, é de se esperar, com maior ou menor probabilidade, que o fenômeno a ser explicado venha a ocorrer. Uma explicação dedutiva, por outro lado, afirma que, dada uma informação explicativa, segue-se com certeza dedutiva, a ocorrência do fenômeno em questão. Ambas as explicações buscam apoio essencial em leis abrangentes (Hempel, 1975, pp.165 e 169).

Segundo Hempel, as leis são o elemento essencial de uma explicação, e não a familiaridade de imagens ou associações¹⁶.

A afirmação de que o papel de uma explicação é o de tornar compreensível um fato novo ou não conhecido, por intermédio de um processo que o assimile, ou o reduza a fatos que já nos são familiares não caracteriza adequadamente a explicação científica. Deste modo, nem sempre a ciência reduz o desconhecido ao conhecido, mas, contrariamente, ela pode atuar de modo inteiramente oposto: explica fatos conhecidos através do recurso a princípios teóricos amplos, que surpreendem por serem não familiares e não intuitivos, mas que explicam uma grande variedade de fenômenos e encontram certo apoio nos resultados de comprovações cuidadosas (Hempel, 1975, p.166)

De acordo com Hempel, para que uma teoria possa ter poder explanatório, faz-se necessário que ela distinga dois tipos de princípios: os internos e os de transposição. Os princípios internos caracterizam as entidades e os processos básicos invocados pela teoria, tais como as leis a que aparentemente obedecem. Os princípios de transposição indicam como estes processos se relacionam aos fenômenos empíricos conhecidos e que a teoria pode então predizer, explicar ou retrodizer. Os princípios de transposição, acrescenta Hempel, são também condição necessária da verificabilidade da teoria (Hempel, 1974, pp.92-97), dado que a ciência deve procurar estabelecer um corpo de conhecimentos fatuais, objetivamente verificáveis e bem alicerçados empiricamente (Hempel, 1975, p. 167)¹⁷.

Já, segundo Pap, é uma trivialidade considerar que, a menos que a teoria seja empiricamente testável, ela não poderia servir como uma explicação dos fenômenos

¹⁶ Que, por exemplo, as expressões '*força gravitacional*' e '*força vital*', possa despertar em nós (Hempel, op. cit. pp. 167ss).

¹⁷ Uma crítica à tese de Hempel, de que a explicação deve ser subsumida a leis abrangentes, parte do pressuposto de que isto só seria válido no domínio das ciências naturais e não no domínio da pesquisa psicológica, sociológica ou histórica, onde uma explicação adequada requer não uma especificação de causas ou indicação de leis gerais, mas a indicação de *razões*. Contra esta acusação, Hempel diz que mesmo a explicação do comportamento humano através de referência a características psicológicas e a *razões* é, essencialmente, explicação por subsunção a uma lei abrangente, embora esta lei assuma um ponto peculiar, por exemplo, como um agente *particular* normalmente vai agir frente a uma pluralidade de circunstâncias. Sua teorização, continua Hempel, não implica, naturalmente, uma visão estritamente mecanicista do homem e de suas ações. As explicações, em todas as áreas da investigação científica, têm características fundamentalmente comuns (Hempel, op.cit.pp. 168-169).

observáveis; e que ela não seja empiricamente testável se o seu vocabulário não for direta ou indiretamente, parcial ou completamente interpretado em termos de observáveis (Pap, 1959, p.283).

Para Pap, as entidades teóricas são verificadas através de seus efeitos observáveis, isto é, indiretamente. Uma observação mais direta da realidade física não pode ser concebida. Por isto, as entidades teóricas são concebidas enquanto *definição*, através do conteúdo factual das teorias que, por sua vez, as postulam. Perguntar se elas realmente existem, equívale logicamente a perguntar se os postulados da teoria são verdadeiros. Nós não podemos saber, evidentemente, se tais postulados são verdadeiros, do mesmo modo que nós sabemos que as proposições derivadas da observação, nos termos a partir dos quais foram finalmente testadas, são verdadeiras (Pap, 1963, p.356).

Deste modo, o compromisso com o conhecimento da verdade das entidades teóricas, freqüentemente introduzidas no processo de investigação científica, é a condição necessária das teorias com pretensões explicativas e pressupõe o compromisso ontológico com as entidades postuladas pela teoria. Diferentemente, quando estamos tratando de teorias heurísticas, nem a verdade, nem o conhecimento da verdade é uma condição necessária para as hipóteses ou postulados básicos da teoria.

Estas considerações acerca dos procedimentos para a descoberta científica demonstram que, o simples fato de Freud defender a psicanálise como ciência natural, não nos autoriza a deduzir que o ponto de vista energético da metapsicologia funciona como teoria explicativa do campo empírico da psicanálise. Nem tampouco, que os conceitos especulativos devam ser tomados de maneira pejorativa ou excluídos do procedimento científico.

Assim, se consideramos o tratamento que Freud amiúde dispensava aos seus *conceitos fundamentais* – ou seja, sua disposição para substituí-los, alterá-los, aperfeiçoá-los e descartá-los, se fosse o caso – na construção de sua superestrutura especulativa, podemos supor que a questão da verdade da metapsicologia talvez não fosse o centro de suas atenções¹⁸. Além disto,

¹⁸ Mach, por exemplo, interpretava as construções da ciência física como um conjunto de princípios heurísticos, como preceitos orientadores da pesquisa. Se assim o fizermos também com a teoria metapsicológica, não haveria

Freud não se referia à metapsicologia como uma teoria explicativa, pois já na *Interpretação dos Sonhos* ele dizia que suas hipóteses acerca da estrutura e funcionamento do aparelho psíquico não poderiam ter função explicativa, uma vez que “*explicar é reduzir o conhecido e aquilo sobre o qual se conjectura é justamente o que não se conhece*” (Freud, 1900, p.490). E o real, para Freud, permanecerá sempre incognoscível (Freud, 1938b, p. 73).

A metapsicologia foi concebida então, como um conjunto de conceitos teóricos mais ou menos distantes da experiência e que levava em consideração três pontos de vista, a saber, o tópico, o dinâmico e o econômico. Estes pontos de vista permitiriam uma descrição indireta dos fenômenos psíquicos, de maneira que não seria possível proceder a investigação destes fenômenos sem o auxílio de conceitos e idéias que não tivessem correspondência com o mundo fenomênico.

Por conseguinte, a metapsicologia não teria pretensões de explicar os fenômenos psíquicos, ou melhor, ela não teria função explicativa. As idéias e conceitos metapsicológicos funcionariam basicamente como *convenções heurísticas* que, embora não tendo significado cognitivo, permitiriam a conexão e a organização do material empírico. Uma tal concepção da metapsicologia não implicaria a invalidação de seu conteúdo especulativo (pois este permitiria a obtenção e o avanço do conhecimento) nem a desautorização da psicanálise como ciência natural desde que esta venha a ser tomada de acordo com um esquema descritivo e convencional dos dados brutos, buscando a ordem ou as leis que regem os fenômenos.

Outro argumento que pode ser contraposto a uma interpretação explicativo-reducionista da metapsicologia, diz respeito à concepção do inconsciente como uma força, um sistema positivamente voluntarioso, de maneira que, aquilo que Freud supõe circular pelo sistema inconsciente, que ele nomeia de força, energia, pulsão, não tem as mesmas características das forças cegas do mecanicismo, supostas como causa do movimento das coisas físicas.

necessidade alguma de indagarmos acerca da problemática da verdade. Contrariamente, se concebermos a metapsicologia como uma teoria explicativa, que tem por objetivo informar algo sobre a natureza dos fenômenos psíquicos, de maneira que o mecanicismo represente a opinião de Freud de que a psicologia pode ser reduzida a processos energéticos, então, neste caso, a questão da verdade torna-se pertinente e necessária.

As forças inconscientes são voluntariosas, desejantes; amiúde horrorizam nossos propósitos conscientes, as pulsões têm as suas próprias metas, que entram em acordo quando são incompatíveis entre si, influenciam-se mutuamente e estão isentas de contradição. Não se submetem à negação, dúvida ou certeza e, bem diferentemente das coisas físicas, são intemporais, não se submetem à ação do tempo. São, enfim, regidas por leis próprias e implicam coisas humanas, livres das leis que regulam as coisas físicas (Freud, 1915a, SE p. 214 ; AE, p.184).

Qual o estatuto destas forças? Por que Freud as utiliza como fundamento para explicar a vida mental consciente? Haveria algum tipo de relação entre as forças inconscientes e as forças físicas? Em caso afirmativo, que tipo de relação seria esta? Ou poderíamos supor que o pressuposto das forças físicas deveria ser tomado como modelo metodológico para a metapsicologia freudiana? São estas algumas perguntas que tentaremos responder logo a seguir.

2. Helmholtz e as explicações dinâmicas

No século XIX, um relevante movimento científico veio a desenvolver uma influência capital sobre os principais pressupostos da teoria psicanalítica. Trata-se do famoso '*programa de Helmholtz*', em que o conceito de força vem a adquirir um lugar proeminente na construção das principais teorias científicas daquela época. Helmholtz, o famoso médico berlinense foi autor do livro *Da conservação da energia*, publicado em 1847 e que tratava da aplicação do *princípio da conservação da energia*¹⁹ aos processos fisiológicos. Quando o jovem Freud inicia seus estudos de medicina na escola de Viena em 1873, o modelo de Helmholtz, que segundo Bernfeld já não vivia o seu apogeu, era ainda objeto de interesse para os estudantes (Bernfeld, 1944, p. 349).

¹⁹ Este princípio foi estabelecido por Meyer cinco anos antes no domínio da física (Assoun, 1981, p.180).

O grande *ídolo* de Freud²⁰, juntamente com outros dois nomes proeminentes – Brücke e De Bois Reymond – vieram a consignar o conteúdo filosófico do famoso juramento formulado por De Bois Reymond na carta de 1842 : “*Brücke e eu fizemos um juramento solene de levarmos a efeito essa verdade: além das forças físico-químicas comuns, não há outras forças ativas dentro do organismo. Nos casos que no momento não podem ser aplicados por essas forças, tem-se de encontrar o meio ou a forma específicos de sua ação por intermédio do método físico-matemático, ou pressupor novas forças com dignidade igual às forças físico-químicas inerentes à matéria, redutíveis à força de atração e repulsão*” (cit. por Jones 1989 p.53).

Destarte, ainda que a época áurea do movimento fisicalista já tivesse passado, Jones ressalta que o instituto de fisiologia de Brücke era uma parte importante desse movimento e, não arbitrariamente, ele era aclamado como ‘*o embaixador da escola de Helmholtz em Viena*’. Além disto, Brücke também fazia parte de uma pequena sociedade privada, juntamente com De Bois Reymond e Helmholtz, que em 1845 foi ampliada e transformada na *Berliner Physikalische Gesellschaft* a fim de acabar de uma vez por todas com o vitalismo (Jones, 1989 pp. 53-54; Bernfeld, 1944 p.349).

Em suas *Conferências sobre fisiologia*, publicadas em 1874, Brücke assim definiu a fisiologia: a ciência do organismo enquanto um todo. Os organismos são distintos das máquinas (seres inanimados, porém dotados de atividade), porque possuem a faculdade da assimilação, mas todos são fenômenos do mundo físico, são sistemas de átomos, movidos por forças, de acordo com o princípio da conservação da energia formulado por Helmholtz: a soma das forças permanece constante em todo sistema isolado (Bernfeld, 1944, p.349 ; Jones, op.cit. p.54).

Mesmo a orientação evolucionista de Brücke estava diretamente vinculada ao aspecto dinâmico de sua fisiologia de tal modo que, na evolução da vida, não havia atuação de espíritos, essências ou enteléquias, nem tampouco de planos superiores ou propósitos definitivos. Somente as energias físicas causam efeitos, de alguma forma (Jones, id.).

²⁰ Segundo Jones, Freud chegou a dizer, “*ele é um dos meus ídolos*” (Jones, 1989 p.54).

Além disto, uma apresentação elaborada do que na época era conhecido sobre a transformação e inter-relação de forças físicas no organismo vivo foi feita por Brücke em suas famosas conferências. Segundo estes autores, o espírito e o conteúdo delas correspondem de perto às palavras que Freud empregou em 1926, para caracterizar a psicanálise em seu aspecto dinâmico²¹ (Bernfeld, op.cit. p.350 ; Jones, op. cit. p.54)

Segundo Bernfeld, é no instituto de fisiologia, onde Freud passa vários anos pesquisando (de 1876 a 1882), que ele recebe a influência de Helmholtz, através de Brücke e que, como pôde ser constatado, se manifesta na concepção fiscalista do aparelho psíquico freudiano (Bernfeld, 1944, p. 350).

É, portanto, esta fisiologia física que prevalece até a virada do século XIX juntamente com idéias do tipo '*unidade da ciência*', '*ciência*', '*forças físicas*'. Estas idéias não implicavam simplesmente idéias diretrizes ou hipóteses de empreendimento científico; elas tornaram-se quase objeto de paixão. Elas implicavam mais do que métodos de pesquisa. Elas tornaram-se uma *Weltanschauung* (Bernfeld, op. cit. p.354). A *Weltanschauung científica*, à qual a psicanálise viria a aderir definitivamente.

Parece ser correto dizer que é a concepção metapsicológica do inconsciente como um domínio de forças pulsionais conflitantes que determinam a vida psíquica, o elemento fundamental que permite a Freud arrolar a psicanálise para o campo da *Weltanschauung científica*. Mas, no que consiste afinal este conceito de força? Como entender o alcance e a utilização deste conceito no interior da psicanálise?

De acordo com Suppe, é basicamente com os trabalhos de Helmholtz sobre a fisiologia dos sentidos que a filosofia neo-kantiana vem a se instalar em detrimento da concepção materialista mecanicista. Estes trabalhos apontavam que uma filosofia da ciência deveria vir a se consubstanciar na tentativa de poder dar conta do modo de desenvolvimento científico daquele século. Isto porque tal tarefa não tinha sido realizada pelo materialismo mecanicista (Suppe, 1977, p.8). Deste modo, um exame mais detalhado do programa científico de

²¹ "...forças que ajudam ou inibem umas às outras, se combinam, entram em conciliações umas com as outras, etc..."(Freud, 1926, SE p.303 e AE p. 253).

Helmholtz mostra que este tinha por epistemologia nada mais e nada menos que a epistemologia kantiana – o que implica dizer que existem fatores inerentes à natureza humana que organizam a experiência e a relação com o mundo externo.

Assim, Helmholtz afirma que dentre aquelas atividades que são próprias ao espírito humano, destacam-se sobretudo “*as definições, as classificações, as hipóteses e as formas da representação*”. Estas atividades não implicam outra coisa que a capacidade, inerente ao ser humano, de conceituar. A formação de conceitos parece ser um método valioso através do qual o nosso pensamento se adapta ao mundo, ordenando os fatos e prevendo o futuro (Helmholtz, apud Tomaz 1995, p.76).

König, ao fazer a análise da concepção de ciência em Helmholtz, declara que, para este autor, os fenômenos naturais devem ser pensados do mesmo modo como se buscam as forças, que são, em última instância, a causa dos fenômenos. Segundo König, Helmholtz parece não ter se desfeito do conceito metafísico de causa, tal como Mach queria eliminar diretamente este conceito da física. No entanto, Helmholtz parece advertir quanto ao uso de construções abstratas que, como elementos hipotéticos, são vazios pois, neste sentido, não são dados pela experiência. Estas construções abstratas freqüentemente aparecem como exigência às ciências naturais para que estas se empenhem em descobrir verdades absolutas. Assim, ao alertar contra a construção de conceitos abstratos como elementos perniciosos ao progresso do conhecimento científico, Helmholtz está censurando, não especificamente o exercício de construção conceitual, mas o apego rígido ao conceito, que pode vir a obscurecer os fatos (König, 1968, pp.96-98).

Segundo Helmholtz, “*No que diz respeito ao obscurecimento, isto acontece de fato, quando nós permanecemos no reino dos conceitos abstratos e não esclarecemos o seu sentido factual, isto é, nós não esclarecemos quais as novas relações legais observáveis entre os fenômenos seguem daí*” (apud Tomaz, op. cit. idem).

Quanto ao conceito de força, concebido como explicação última dos fenômenos, como fundamento, não deve ser tomado em seu sentido literal, ou seja, “*Toda redução dos fenômenos a substâncias e forças fundamentais afirma que algo imutável e definitivo foi*

encontrado. Nós não temos o direito de fazer uma afirmação incondicionada deste tipo; nem as lacunas de nosso saber, nem a natureza da inferência indutiva, da qual depende nossa percepção da realidade, permite-nos tal afirmação”(id. p.80).

Formulado desta maneira, este conceito deve ser tomado como uma *metáfora*, um *símbolo da realidade*, o que não quer dizer, todavia, que o conceito de força seja vazio em todos os sentidos, uma *pura invenção*. Contrariamente, um *conteúdo intuitivo* pode ser atribuído ao conceito, mesmo que este conteúdo seja inadequado ou parcial. Além disto, se Helmholtz considera que aquilo que se apresenta como invariante última do pensamento, ou seja, o conceito de força como causa das modificações observadas funciona como princípio regulativo do pensamento, pode-se afirmar ainda que, *“A função primária do conceito é regulativa, isto é, se a finalidade da ciência é descobrir as leis empíricas da natureza, então ela deve supor a existência de forças”* (apud Tomaz, op.cit. p.80).

Ora, ao pressupor a interpretação da natureza a partir de forças que seriam a causa dos fenômenos, Helmholtz corrobora uma exigência metodológica que tem sua fonte em Kant. De acordo com Mischel, este juntamente com a maior parte dos cientistas dos séculos dezoito e dezenove, toma a mecânica newtoniana como paradigma de toda teoria científica (Mischel, 1969, p. 437).

Deste modo, o conceito de força, em Kant, deve ser tomado como exemplo de um conceito da razão, isto é, de um conceito que *não é formado a partir da natureza* e que pode ser apenas suposto, mas jamais concebido como real. *“...o objeto de um conceito para o qual não se pode obter absolutamente nenhuma intuição correspondente é = nada, isto é, um conceito sem objeto, como os noumena, que não podem ser contados entre as possibilidades, embora nem por isso tenha que fazer-se passar por impossíveis (ens rationis), ou como porventura, certas novas forças fundamentais, que são pensadas, em verdade sem contradição, mas também sem exemplo da experiência, não podendo por isso ser contadas entre as possibilidades”*. Por conseguinte, as entidades ideais introduzidas pelas teorias físicas deveriam ser tomadas pelo que são: conceitos introduzidos pela razão, cujo emprego regulativo é imprescindivelmente necessário (apud Tomaz 1995, p.75).

Ao citar Goethe, porém, Helmholtz parece tornar mais clara a influência de Kant em seu pensamento. Assim ele expressa que tudo o que não pode ser apresentado pelo sistema de sinais do organismo, isto é, o que não produz efeito na sensibilidade, não tem consistência, sendo, portanto, apenas uma alegoria, o que, em linguagem kantiana, pode ser dito: símbolos ou ficções. Deste modo, Helmholtz e Kant parecem compartilhar a idéia de que as forças podem ser consideradas como *ficções heurísticas*, uma vez que Helmholtz concebe o real como aquilo que provoca efeitos em nossos órgãos dos sentidos; e já que ele mesmo reconhece que as forças não podem ser percebidas, mas apenas os seus efeitos, então estas forças naturais, concebidas como coisas que fundamentam os fenômenos, são apenas alegorias (Tomaz, op. cit. p. 78).

No entanto, König ressalta que alguns trechos da obra de Helmholtz parecem contradizer a idéia de que o conceito é somente uma ficção. Num texto de 1853, Helmholtz expressa que, em toda explicação dos fenômenos naturais, é necessário dar o passo do campo da sensibilidade para o não perceptível, somente através do conceito de determinada coisa, pois um fenômeno natural só estará completamente explicado fisicamente, se se tiver reduzido o fenômeno às forças naturais nele atuantes e que são seus fundamentos. Nunca as forças em si podem ser percebidas, mas apenas os seus efeitos (König, 1968, pp.98-99).

Para König, esta passagem parece sugerir um conceito de força com implicações de conteúdo realista. Entretanto, ele observa que um exame justo da obra de Helmholtz deveria separar a possibilidade de se acreditar numa verdade absoluta, do componente genuinamente realista, que simplesmente intente se afastar do convencionalismo. Uma concepção realista do conceito de força apenas poderia expressar a idéia de que o cientista natural não pode proceder de maneira inteiramente arbitrária e, por conseguinte, de maneira inteiramente lógica ou inteiramente especulativa (König, op. cit. p.99).

Estas idéias, que expressavam representações de mundo em termos fisicalistas, isto é, em termos de forças, massa, átomos, matéria, vieram a ser melhor definidas com as formulações de Hertz e Mach. Para este último, estas representações nada mais seriam que

diferentes mitologias – mitologia da matéria ou força, mitologia atomista mecânica, mitologia dinâmica da natureza – que vieram em substituição à antiga mitologia animista-demonológica.

Mach descreve em termos quase que pitorescos o que ele entende por mitologias. Estas formam um portentoso conluio de feiticeiras das ousadas representações modernas. São filhas da fantasia lutando pela existência e procurando sufocar umas às outras. Muitas destas criaturas das fantasias devem ser abandonadas pela crítica implacável em vista dos fatos, antes que alguma possa se desenvolver e existir por longo tempo. No entanto, enquanto não se tiver uma sólida base da experiência que permita o avanço do conhecimento, a fantasia deve ser utilizada para preencher a lacuna deixada pela falta de dados. Mach não duvida que a pesquisa científica necessite da fantasia²² (Mach, 1905, p.111).

Como Mach concebe o conceito de fantasia? Ele dirá que *“Se através de diferentes experiências uma grande variedade de associações entre elementos intuitivos surgiram, dessa maneira, perdendo os elementos individuais, então outras influências podem combinar várias daquelas conexões de um modo como nunca aconteceu numa experiência anterior do sentido. Assim, essa combinação existe primeiro na imaginação. São estas idéias, combinações que nós chamamos de fantasias”* (Mach 1905, p.110).

A fantasia é, portanto, necessária para que se possa apreciar este processo e basta pensar que se trata de reduzir os processos naturais a elementos conceituais mais simples. A conceituação da natureza precisa ser precedida pela sua apreensão por meio da fantasia, para dar um conteúdo intuitivo aos conceitos (Mach, op. cit. idem).

Por mais paradoxal que possa parecer, até mesmo Mach, o arauto do positivismo, não recusa também a especulação. Aliás, tanto a fantasia quanto a especulação fazem parte do procedimento científico²³. Entretanto, a especulação deve ser regulada pela recusa de uma interpretação que conceba ontologicamente as entidades hipotéticas por ela introduzidas.

²² Embora ele ressalte que tal fantasia não é a mesma que a do procedimento artístico, que ele discute algumas páginas mais adiante neste mesmo texto (Mach, 1905, p.111).

²³ Loparic, em seu estudo sobre Mach, acrescenta que ele ao incentivar o uso do método analítico como principal método heurístico, enfatizava que, *“the application of analytic method in physics legitimates the use of hypotheses, even of speculative and metaphysical ones, in the process of discovery”* (apud Loparic, 1982, p.10)

Freud vai se exprimir em termos muito semelhante aos de Mach, em um texto mais tardio, onde ele se refere à metapsicologia a partir de uma frase de Goethe: “*Então é preciso que intervenha a feiticeira’ (die Hexe). Quer dizer, a bruxa metapsicológica. Sem um especular e um teorizar – quase disse fantasiar (phantasieren) metapsicológicos, não progredimos um passo. Infelizmente, os ensinamentos da feiticeira não são nem claros nem tampouco detalhados*” (Freud, 1937, SE p.257; AE p.228).

Da mesma maneira, numa carta a Fliess em 1895, ele dirá “*Durante estas últimas semanas foi a esse trabalho que consagrei cada um de meus minutos livres, todas as noites entre vinte e três e duas horas, não fiz outra senão fantasiar (phantasieren), transpor (übersetzen), adivinhar (erraten), para só me interromper quando esbarrava com algo absurdo ou me sentia exausto*’ (apud Assoun, 1981, p. 104, Masson, 1985, p.130).

Para Hertz, a fantasia também desempenha um papel fundamental na construção de modelos da natureza. Deste modo, nenhuma ciência poderia operar sem a presença de símbolos intelectuais criados pela razão. Massa, força, são exemplos de imagens ou símbolos dos objetos externos. Estas imagens são modeladas de modo que as conseqüências lógicas do modelo são sempre imagens das conseqüências na natureza das coisas representadas. A relação entre fatos e símbolos é sempre funcional. Assim, entre a coisa representada e seu modelo não precisa haver nenhuma similaridade. A função do modelo é apenas predizer conseqüências do mundo externo (Wurmser, 1977, pp.472-3).

A exposição de alguns trechos da obra destes cientistas alemães – Helmholtz, Mach e Hertz – demonstra que o sistema kantiano da razão, especificamente naquilo que concerne a sua concepção de metafísica²⁴ como uma metodologia e principalmente o conceito de força como um conceito metafísico, já estavam presentes no solo epistemológico em que vai se originar a psicanálise .

²⁴ Em seu sentido dogmático, a metafísica refere-se ao conhecimento *a priori* da coisa em si ou, do supra-sensível. Tal conhecimento, de acordo com a crítica kantiana da razão, é impossível. Para Kant, a metafísica como ciência só é possível como sistema dos pressupostos *a priori* (as idéias da razão), que prescrevem a conexão da multiplicidade de representações empíricas, segundo uma certa lógica. Por conseguinte, a ciência natural sempre pressupõe uma certa lógica (apud Tomaz, 1995, p.85).

É, por conseguinte, a observação da ambiência epistemológica exposta acima, que pode fornecer um fio condutor para que se possa entender o procedimento metodológico freudiano, apesar de que isto não implique necessariamente numa adesão cabal de Freud às idéias de sua época.

Assim, segundo Jones, o espírito científico da época concorria para “*Substituir o numeno (a coisa em si) de Kant pelo conceito de força*” (Jones, op.cit. tomo I, p. 368). Também Bernfeld assim se refere àquela época: “*As causas reais são simbolizadas na ciência pela palavra ‘força’*” (Bernfeld 1944, p. 349). Estas breves colocações também acentuam a importância do conceito de força na construção das teorias científicas e, mais especificamente, segundo Loparic, no que tange à escolha da opção metodológica de Freud por explicações dinâmicas, esta teria relação com sua formação baseada na tradição de Helmholtz (Loparic, 1985, p.33)²⁵.

De acordo com Shakow e Rappaport, a partir do juramento proposto por De Boys Reymond, o programa de Helmholtz poderia ser efetivado de três maneiras distintas, a saber: a) por intermédio de uma fisiologia fisicalista original (que nunca foi realizado no período de Helmholtz); b) por intermédio da fisiologia ou da psicologia experimental que utilizavam a física e a química como instrumentos; e c) por intermédio da psicologia clínica que utilizava métodos observacionais objetivos (Shakow & Rapaport 1964, pp.34ss). Segundo estes autores, para os cientistas da época (ou mesmo para os atuais), que procuraram realizar pelo menos o primeiro item deste programa, o empreendimento freudiano representou um abandono do programa científico (idem).

Para que Freud pudesse aplicar as teses deste programa à psicanálise, era evidente que o mesmo deveria incluir a dimensão significativa dos fenômenos psíquicos, sejam eles patológicos ou normais. Os problemas com os quais Freud lidava na clínica eram fundamentalmente problemas afetivos. É a estes problemas que Freud tenta aplicar as teses do

²⁵ Ainda de acordo com Loparic, a teoria da etiologia das neuroses de Breuer, que diz que os sintomas neuróticos representam um uso anormal de quantidade de excitações que não foram eliminadas, implica também uma teoria dinâmica caracterizada vagamente através de uma analogia com um sistema elétrico de iluminação e de transmissão de *força motora* (apud Loparic, op. cit. p.33).

fisicalismo, embora não possa dispor da experimentação enquanto procedimento rigoroso, tal qual a psicologia fisiológica a utilizava.

Assim sendo, a cientificidade da psicanálise, ou pelo menos a sua pretensão de cientificidade, eram reivindicadas por Freud a partir de sua adoção do antivitalismo e do uso da observação como procedimento para a construção de sua teoria. Shakow e Rappaport acrescentam ainda que a afirmação “*igual em dignidade*”²⁶, *toma a forma do postulado de um intenso determinismo psíquico. Ao assumir a existência de forças 'iguais em dignidade', Freud fez da realidade psíquica objeto de estudo psicológico tão digno quanto o estudo dos 'impingements' da realidade externa*” (Shakow & Rappaport, op. cit. pp. 47-49).

Para Freud, o vasto campo dos comportamentos e ações humanas poderiam ser estudados à luz da metodologia utilizada pelas ciências naturais, e é neste ponto que se verifica o comprometimento de Freud com o programa fisicalista. Os fenômenos psíquicos deveriam integrar uma dimensão econômica que, por sua vez, pressupunha um fator quantitativo, melhor dizendo, a presença de uma qualidade quantitativa.

“Nas funções mentais, deve-se distinguir algo – uma carga de afeto ou soma de excitação – que possui todas as características de uma quantidade (embora não possamos medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo. Esta hipótese que também está implícita na teoria da ab-reação (exposta na Comunicação Preliminar, 1893a), pode ser utilizada no mesmo sentido que os físicos aplicam a hipótese de um fluxo de energia elétrica. Ela é provisoriamente justificada por sua utilidade na coordenação e explicação de uma grande variedade de estados psíquicos” (Freud, 1894, SE p.65; AE p.61).

Deste modo, Freud jamais relaciona a metodologia da ciência natural ao propósito de expressar as relações quantitativas em termos numéricos. Seu compromisso era apenas metodológico: tal como no domínio físico, a representação quantitativa se apresentava

²⁶ Cf. O juramento fisicalista, exposto no início desta parte.

extremamente fecunda para tornar claro aspectos relacionais da realidade física; procedimento semelhante poderia ser aplicado ao domínio psíquico de modo que se pudesse descobrir relações entre aquilo que se apresenta disperso e fragmentário na vida psíquica. A questão da intensidade das pulsões era um enunciado teórico, não se desenrolando na prática da mensuração.

Aplicado ao campo psicológico ou das doenças mentais, o fisicalismo presente no programa de Helmholtz pode ser compreendido de duas maneiras:

Uma interpretação menos abrangente considera o fisicalismo num sentido estritamente reducionista, ou seja, *“Todas as entidades medicamente explicativas possíveis deveriam possuir uma referência física”* (Forrester, 1983, p.300), o que implica dizer que a explicação dos fenômenos psíquicos deveria ser de caráter fisiológico.

Uma segunda interpretação, que inclusive parece ter sido privilegiada por Freud, toma o fisicalismo como uma prescrição metodológica para produzir teorias científicas. Segundo esta interpretação, todos os fenômenos naturais – tanto físicos como psíquicos – deveriam ser examinados como representações dinâmicas, ou seja, em termos do movimento das forças (enquanto atividade). Tal seria, portanto, a interpretação mais eficaz para se descobrir relações não perceptíveis entre os fenômenos.

É esta, também, a explicação que Freud vai apresentar em suas *Conferências*: *“Buscamos não somente descrever e classificar os fenômenos, mas entendê-los como sinal de uma ação recíproca de forças na mente, como manifestação de intenções com finalidade, trabalhando concorrentemente ou em oposição recíproca. Interessa-nos uma visão dinâmica dos fenômenos mentais. Em nossa opinião, os fenômenos que são percebidos devem ceder lugar, em importância, a tendências que são apenas supostas”* (Freud, 1915-16, SE pp.86-87; AE p.59) (grifos nossos). Por conseguinte, a aceitação da regra metodológica, que afirma que toda explicação causal deve ser dinâmica, leva Freud a abordar os fenômenos psíquicos, ou ainda, a representação inconsciente por intermédio do conceito de força.

Mesmo nos primeiros momentos da psicanálise, quando Freud analisa a formação dos sintomas histéricos e constata que estes decorrem de idéias que estavam esquecidas e que foram impedidas de terem acesso à consciência, ele demonstra sua preferência por explicações dinâmicas²⁷. Deste modo, ele vai interpretar os sintomas como uma manifestação de um conflito, de um jogo de forças intencionais de que a pessoa nada sabe. A partir de então ele tem elementos para formular a sua teoria da defesa, que é essencialmente uma teoria dinâmica.

Numa carta de 2 de maio de 1897, Freud deixa claro que o alvo da defesa não é um evento, mas, um impulso. Em outras palavras, as recordações devem ser consideradas incompatíveis ou reprimidas, não por causa dos eventos que elas consubstanciam, mas por causa dos impulsos que se expressam nos eventos que são recordados, *“As estruturas psíquicas que, na histeria, estão sujeitas à repressão não são propriamente falando, recordações... mas impulsos que derivam das cenas primordiais”* (apud Wollheim, 1971, p.41)²⁸.

Também na *Autobiografia*, ao recordar os momentos de sua divergência com Breuer, Freud ressalta que *“...ao responder à pergunta sobre quando um processo mental se torna patogênico – isto é, quando é que se torna impossível lidar com ele normalmente – Breuer preferiu o que poderia ser chamado de teoria fisiológica: julgava ele que os processos que não podiam encontrar um resultado normal eram aqueles que se haviam originado durante estados mentais ‘hipnóides’ inusitados. Isto provocou a questão ulterior da origem destes estados hipnóides. Eu, por outro lado, estava inclinado a suspeitar da existência de uma ação mútua de forças e da atuação de intenções e propósitos como os que devem ser observados na vida normal”* (Freud, 1925a, SE p.35; AE p.22) (grifos nossos).

A explicação em termos de forças permitiu a Freud não apenas manter-se de acordo com o método das ciências naturais, mas também o que se revelou bastante frutífero, supor

²⁷ Talvez se encontre nesta preferência por explicações dinâmicas, um dos motivos pelos quais Freud se livra da hipnose: *“...minhas expectativas foram correspondidas; librei-me do hipnotismo. Mas, justamente com a mudança de técnica, o trabalho de catarse assumiu um novo aspecto. A hipnose interceptara da visão uma ação recíproca das forças que surgiam agora à vista e cuja compreensão proporcionava um fundamento sólido à teoria”* (Freud, 1925 SE p.42; AE p.28) (grifos nossos).

²⁸ Ver também, a este respeito, Masson, 1985, p.240.

uma continuidade entre o normal e o patológico,²⁹ decorrente do estabelecimento de uma relação dinâmica entre os eventos normais da consciência e aquelas recordações patogênicas apartadas da consciência. Tal explicação é, ainda assim, psicológica e leva à suposição de representações inconscientes como produtos de uma dissociação psíquica que, por sua vez, resulta de um conflito entre representações opostas.

“Por meio de meu trabalho psíquico, eu tinha de superar uma força psíquica nos pacientes que se opunha a que as representações patogênicas se tornassem conscientes (fossem lembradas). Uma nova compreensão pareceu abrir-se ante meus olhos quando me ocorreu que esta sem dúvida deveria ser a mesma força psíquica que desempenhara um papel na geração do sintoma histerico, e que, na época, impedira que a representação patogênica se tornasse consciente. Que espécie de força poder-se-ia supor que estivesse em ação ali, e que motivo poderia tê-la posto em ação?” (Freud, 1893-95 SE p.264).

Assim, por mais inusitado que possa parecer, o conceito freudiano de inconsciente, como uma força, é uma convenção. Nem poderia ser de outro modo pois, para Freud, todas as definições são convenções³⁰, embora tais convenções possam ser modificadas de acordo com novos objetivos que possamos vir a ter (Freud, 1915a SE p.193; AE p.164 e 1905a). No caso específico do inconsciente proposto como uma força, esta convenção é inferida a partir do fenômeno quantitativo da resistência que, por sua vez, revela a existência de uma força de repressão dirigida contra as representações que foram impossibilitadas de virem à consciência.

Esta afirmação teórica, que está assentada em dados vivenciais³¹, pressupõe que toda explicação causal na psicologia deve ser dinâmica. Esta é também a *hipótese psicológica* que, segundo Freud, lhe permitiu dar uma explicação coerente e compreensiva dos fatos psíquicos (apud Loparic, 1985, pp.32-33).

²⁹ Ainda nas *Conferências*, Freud dirá: *“Também as neuroses se baseiam apenas em uma modificação do jogo de forças entre os poderes da vida mental”* (Freud, 1916, SE p.285 e AE p.219).

³⁰ Cf. a primeira parte deste capítulo.

³¹ Sendo uma convenção, é entretanto *‘irrefutável’*, diz Freud, já que ele acredita dispor de meios técnicos para superar a força de repressão, tornando consciente as representações recalçadas (Freud, 1923b).

Do mesmo modo³², nas *Conferências*, Freud justifica a teoria dualista das pulsões. Esta não constitui um precipitado imediato da experiência analítica. Assim, por exemplo, a separação entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu está assentada no fato de possibilitar uma conceitualização do fenômeno intra-psíquico, valendo apenas provisoriamente, ou seja, até um possível fracasso, '*por motivos heurísticos*' (Freud, 1916-17, SE pp.490-491; AE p. 382). Por conseguinte, a tese do dualismo não determina uma propriedade objetiva, mas simplesmente aponta para uma direção de pesquisa psicológica (ibid, SE p.501; AE p.391).

Assim sendo, o modelo fisicalista não deve ser concebido literalmente, mas apenas como um recurso metodológico que decorre diretamente do estilo heurístico de fazer ciência empírica, presente na época de Freud.

³² Como veremos mais detalhadamente no capítulo IV, sobre as pulsões.

CAPÍTULO III – INCIDÊNCIAS DO MODELO FISCALISTA

1. A construção do modelo

Neste capítulo, abordaremos alguns textos capitais de Freud, em que poderemos examinar de que modo ele utiliza a linguagem fiscalista na tentativa de construir uma teoria psicológica da mente e, com isto, poderemos captar melhor o aspecto heurístico da metapsicologia. Inicialmente, procuramos examinar se a linguagem utilizada por Freud deve ser considerada em seu sentido literal, isto é, se a utilização de uma linguagem fiscalista implica necessariamente na assunção de fundamentos físicos para os fenômenos psíquicos ou se, diferentemente, o fiscalismo freudiano deveria ser considerado apenas como uma linguagem figurada, simbólica, que poderia oferecer um conteúdo intuitivo para as concepções psicológicas.

Dentre os textos a serem discutidos serão destacados *O Projeto para uma psicologia científica* e *A Interpretação dos Sonhos*. *O Projeto*, de 1895, tem sua relevância neste contexto, principalmente porque até hoje, para muitos autores, uma das principais problemáticas inerente a este escrito refere-se à utilização e ao posterior abandono da linguagem fiscalista no decorrer da obra de Freud. No *Projeto* estaria consolidado o ápice desta linguagem enquanto na *Interpretação dos Sonhos* se verificaria o abandono peremptório da linguagem fiscalista. Além disto, o fiscalismo presente no *Projeto* é frequentemente interpretado a partir de uma concepção realista que busca os referentes ontológicos do mesmo.

Ora, o que pretendemos verificar agora é se, também neste texto, a linguagem fiscalista pode ser concebida como um recurso heurístico, ou seja, como uma linguagem metafórica, representativa dos processos psíquicos que Freud se propôs a estudar e se, posteriormente ao *Projeto*, ou mais especificamente em relação aquele que é considerado o seu sucedâneo imediato, *A Interpretação dos Sonhos*, haveria de fato um abandono completo da linguagem fiscalista. Passaremos agora, de imediato, à análise destas questões.

Escrito rapidamente no outono de 1895, o texto freudiano do *Projeto* veio a ter sua primeira edição publicada apenas em 1950, portanto, mais de dez anos após a morte de seu autor. Aspectos curiosos (tais como os que serão relatados logo em seguida nas cartas de Freud) e que não deixam de ser relevantes tangenciam as circunstâncias em que este texto foi redigido e ajudam a entender não apenas a formulação de alguns dos principais conceitos desenvolvidos nos anos tardios da psicanálise, assim como também o alcance e a significação destes conceitos.

A partir das cartas de Freud a Fliess,¹ tomamos conhecimento do entusiasmo e, ao mesmo tempo, das dificuldades em que o autor se viu mergulhado respectivamente nas redações inicial e final deste livro. Assim, por exemplo, na *Carta 23* (27/04/1895), Freud vai se queixar ao amigo de estar por demais absorvido em sua *Psicologia para Neurologistas*,² sem saber se esta vai dar algum resultado.

Numa outra *Carta*, nº 24, escrita um mês depois (25/05/1895), Freud revela que apesar desta '*psicologia*' estar se tornando cada vez mais clara e explicitada, ele se sente atormentado por duas intenções: descobrir que forma irá assumir a teoria do funcionamento psíquico, se nela forem introduzidas considerações quantitativas tais quais uma espécie de economia de forças nervosas e, em segundo lugar, extrair da psicopatologia tudo o que puder ser útil para a psicologia normal.

Passado o entusiasmo inicial de Freud, surgem as primeiras dificuldades ao abordar a problemática da defesa e eis que, neste momento, a psicologia aparece para ele como um fardo pesado, uma cruz (16/08/1895, Carta 27). Mas, uma visita a Fliess, em setembro do mesmo ano, parece aclarar as idéias de Freud a tal ponto que logo em seguida, ele dá início às primeiras linhas do *Projeto*, tal como o conhecemos após sua publicação. No entanto, Freud tem dificuldades em coadunar o material clínico, principalmente o que diz respeito à explicação do recalçamento (08/10/1895, Carta 29).

¹Todas as referências às cartas de Freud foram feitas com base na consulta às seguintes fontes: *Correspondência completa de S. Freud para W. Fliess* (Masson, 1985); *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess* (Freud, 1950 [1892-1899] SE e AE vol.I); *A Vida e a obra de S. Freud* (Jones, 1989).

² Segundo Jones, mesmo quando Freud deu início a redação do *Projeto* por ocasião de uma visita a Fliess, o texto fica sem um título, embora Freud venha a falar de uma monografia a ser chamada *Psicologia para Neurologistas*. Os editores dos *Anfänge* é que decidiram rotulá-lo como *Entwurf einer Psychologie* (Jones, 1989, p.384).

Pouco tempo depois, Freud, surpreendentemente otimista, relata que suas elaborações sobre o aparelho psíquico pareciam agora encaixar-se e as engrenagens ajustarem-se de maneira que o conjunto teórico que estava elaborando se assemelhava a uma máquina, que logo começaria a andar sozinha (20/10/1895, *Carta 32*).

Todas estas incidências verificadas por ocasião da redação do *Projeto*, vão ser surpreendentemente somadas ao desfecho dado por Freud, em 29 de novembro (*Carta 36*) quando ele diz que não compreende o estado de ânimo em que concebeu esta ‘*psicologia*,’ para logo depois remeter a Fliess uma revisão elaborada das principais posições adotadas no livro (01/01/1896, *Carta 39*). Desde então, o *Projeto* é abandonado pelo próprio Freud, que tenta reavê-lo quarenta e dois anos depois, das mãos de Marie Bonaparte, com o intuito talvez de destruí-lo.

As razões deste abandono constituem um ponto meio obscuro e freqüentemente os intérpretes não estão de pleno acordo quanto a elas. Para Strachey, por exemplo, Freud abandona o *Projeto* porque não conseguiu resolver o problema da consciência, pois a neurologia implicada na construção do aparelho psíquico não permitia uma explicação satisfatória daquilo que Freud vai chamar no *Ego e o Id* de “*A faculdade de estar consciente ou não*”. Outros autores adotam uma posição menos radical e concluem que o que Freud recusa é o texto considerado como um todo acabado, mas não as idéias, ou algumas das idéias nele contidas; e, com o passar do tempo, algumas noções aí expostas foram sendo rescritas em outras obras expressivas da psicanálise (Garcia-Roza, 1994, p.70).

Entretanto, o que é mais importante perguntar aqui é se com o abandono deste livro, Freud estaria a abandonar completamente a pretensão de tratar os fenômenos psíquicos como se fossem físicos, haja visto que, com a formulação da hipótese de um inconsciente psíquico, formulada na *Interpretação dos Sonhos* fosse estabelecida também uma ruptura no interior de sua obra, de tal modo que os conceitos quantitativos propostos no *Projeto* fossem superados, ultrapassados cabalmente pela linguagem mentalista.

Ora, tal ruptura parece não se sustentar, pois o que pode ser constatado, ao longo do trabalho ulterior de Freud, é que a linguagem fiscalista não somente permanece, mas também

ela passa a conviver lado a lado com a linguagem mentalista, constituindo assim, a estrutura básica da psicanálise.

De acordo com Jones, mesmo nos primórdios da psicanálise, Freud partilhava com outros cientistas e psicólogos de sua época a pretensão de que algum dia a lei e a ordem científica, com seus conceitos físicos e fisiológicos de energia, tensão, força, descarga, excitação, tornaria possível uma melhor compreensão dos processos psíquicos (Jones, 1989, p.379).

Isto quer dizer que não é de modo algum surpreendente que Freud venha a propor, no *Projeto*, a constituição de uma psicologia como ciência natural depois, de ter publicado textos como *A Interpretação das Afasias* (1891), onde ele elabora uma teoria do aparelho da linguagem, que descarta qualquer referência anatômica; ou os *Estudos sobre a Histeria* (1893-95), onde também, de acordo com Jones, Freud vai dizer que os processos psíquicos deveriam ser concebidos na linguagem da psicologia, uma vez que ele irá reconhecer que a abordagem dos processos psíquicos numa linguagem puramente fisicalista, em que o destaque era concedido à fisiologia do cérebro, ocasionava algumas dificuldades relativas à explicitação do funcionamento do aparelho psíquico (Jones, 1989, p.379).

Contrariamente, o desenvolvimento da teoria freudiana parece acenar para a necessidade de coexistência de ambas as linguagens, o que nos permite suspeitar que a linguagem fisicalista talvez possa ser interpretada como uma representação simbólica dos processos psíquicos. Poderemos investigar isto, já a partir de 1894, quando Freud escreve um artigo intitulado *As Neuropsicoses de Defesa*. É neste texto que, pela primeira vez, o questionamento sobre a impossibilidade de se verificar as asserções relativas ao modo de funcionamento dos processos inconscientes é aventada.

Além disto, de acordo com Strachey, é neste primeiro artigo que Freud dá expressão pública, senão direta, ao menos implicitamente, a algumas de suas concepções teóricas mais fundamentais, a partir das quais ele vai basear todo o seu trabalho posterior. Neste período começam “*A surgir as primeiras inferências clínicas e, por trás delas, algumas hipóteses mais gerais que emprestariam coerência às descobertas clínicas*” (in Freud, 1894, p. 67). Entretanto, é apenas no outono de 1895 que Freud faz uma primeira tentativa de expor

sistematicamente as suas noções teóricas. Tal tentativa ficou conhecida com o nome de *Projeto para uma Psicologia Científica* que ficou incompleta e só foi publicada mais de quarenta anos depois (Freud, 1954, id.).

Ao tentar analisar o que poderia estar envolvido na eclosão de algumas psicopatologias (histerias, obsessões e fobias), Freud, através do artigo de 1894, parece dar os passos iniciais em direção à formulação de uma teoria metapsicológica dos estados psíquicos, que implica na abordagem dos processos de soldagem e separação entre afetos e representações.

É a partir do estudo das obsessões e fobias que Freud não somente chega a uma tentativa de explicitação destes sintomas como também “*chega com êxito à origem desse tipo de representações psicopatológicas em casos novos e diferentes*” (Freud, 1894, p.53). Ou seja, o material empírico permite a formulação da teoria que, por sua vez, possibilita descobrir novos fatos empíricos. Este é o percurso metodológico de Freud, que sugere uma *eficácia heurística* na medida em que, ao partir dos fatos fornecidos pela observação, ele completa no pensamento (e não por um experimento no campo sensível) um fato desconhecido. Daí a justificativa metodológica da formulação de novas hipóteses e construções auxiliares. Tais construções no pensamento funcionam como recursos ou expedientes para descobertas, não só de casos do mesmo tipo, como também de casos novos e diferentes.

Freud ainda acrescenta que, ao elaborar a sua teoria das obsessões e fobias, a observância de alguns casos fez com que ele fizesse uma modificação na teoria da histeria. Esta modificação decorre da constatação de um aspecto comum aos distúrbios psicopatológicos (isto é, às obsessões e às fobias). Além do mais, Freud diz que teve “*A oportunidade de discernir o que sem dúvida constitui uma forma de doença mental e descobre, ao mesmo tempo, que o ponto de vista que ele adotara provisoriamente, estabelecia uma conexão inteligível entre essas psicoses e as duas neuroses em questão*”. No final do trabalho, Freud diz que formulará sua hipótese de trabalho, a partir da qual ele se valeu em todos os três casos (Freud, 1894, idem p.53).

Ao mencionar o uso de hipóteses de trabalho, Freud está a nos dizer que os dados empíricos não são a única fonte de suas pesquisas, sobretudo porque ele faz uso daquilo que

ele chama de os seus '*pontos de vista*' na tentativa de formular hipóteses cada vez mais gerais para alcançar, organizar, conectar e até mesmo sistematizar de uma maneira compreensível os diversos modos de manifestações psicopatológicas.

Freud aponta que a conexão entre os três distúrbios psicopatológicos se faz por intermédio daquele ponto em comum entre eles, quais sejam: a ocorrência de uma *incompatibilidade na vida ideativa*, ou seja, o *eu* do paciente se confronta com *uma experiência, uma representação, ou um sentimento* que suscita um afeto sobremaneira aflitivo, que o sujeito decide esquecer, já que não confia em sua própria capacidade de resolver “*a contradição entre a representação incompatível e seu eu por meio da atividade de pensamento*” (Freud, *ib.* p.55).

Mas, é somente em 1896, em seu segundo artigo sobre as *Neuropsicoses de defesa*, onde Freud faz um estudo bem mais detalhado sobre este problema, que ele vai ajuntar num mesmo grupo a histeria, as obsessões e alguns casos de confusão alucinatoria com o nome específico de psiconeuroses de defesa. O ponto em comum destas afecções consiste em que “*...seus sintomas emergiam por meio do mecanismo psíquico da defesa (inconsciente), isto é, emergiam como uma tentativa de recalcar uma representação incompatível que se opunha aflitivamente ao ego do paciente*”. São as observações clínicas, que, segundo Freud, o levaram a considerar a defesa como “*o ponto nuclear no mecanismo psíquico das neuroses em questão*” e o capacitaram a dar uma fundamentação clínica a esta teoria psicológica (Freud, 1896, p. 154).

É ao analisar o trajeto que vai do esforço voluntário do paciente até o surgimento do sintoma neurótico que Freud formula sua hipótese de trabalho: “*...a tarefa que o eu se impõe, em sua atitude defensiva, de tratar a representação incompatível como 'non-arrivé', simplesmente não pode ser realizada por ele. Tanto o traço mnêmico como o afeto ligado à representação lá estão de uma vez por todas e não podem ser erradicados. Mas uma realização aproximada se dá quando o eu transforma essa representação poderosa numa representação fraca retirando-lhe o afeto – a soma de excitação – do qual está carregada. A representação fraca não tem então praticamente nenhuma exigência a fazer ao trabalho da*

associação. Mas a soma de excitação desvinculada dela tem que ser utilizada de alguma outra forma" (Freud, 1894, p.56) (grifos do autor).

De acordo com Freud, o trajeto que vai da defesa à constituição do sintoma é comum às fobias, às obsessões e à histeria, havendo, então, uma separação entre a representação e seu afeto³ correspondente. Daí em diante, o destino dado ao afeto vai determinar um ou outro tipo de neurose. Na histeria a soma de excitação é transformada em alguma coisa somática (conversão histérica)⁴. Nas obsessões e nas fobias, o afeto "*fica obrigado a permanecer na esfera psíquica*", só que, tornando-se livre, ele vai se ligar a outras representações que não são incompatíveis em si mesmas. Ocorre então uma *falsa ligação* entre tais representações, amiúde verificada principalmente nas obsessões (deslocamento do afeto) (Freud, 1984, pp.63-65).

No que diz respeito à psicose alucinatória, Freud dirá que esta implica "*Uma espécie de defesa muito mais poderosa e bem-sucedida. Nela, o eu rejeita a representação incompatível juntamente com o seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido*". Há como que uma *fuga para a psicose* e esta representação (incompatível) fica, porém "*inseparavelmente ligada a um fragmento da realidade, de modo que, à medida que o eu obtém esse resultado, também ele se desliga, total ou parcialmente, da realidade*" (rejeição do afeto e da representação) (Freud, id. ib.).

Freud observa que há um hiato "*...entre o esforço voluntário do paciente, que consegue recalcar a representação sexual inaceitável, e o surgimento da representação obsessiva, que, embora tendo pouca intensidade em si mesma, está agora suprida de um afeto incompreensivelmente forte*" (Freud, ib. p. 59). É, portanto, este hiato que a teoria visa preencher de maneira inteligível, já que não se pode verificar o processo envolvido entre o recalçamento da representação sexual intolerável e o aparecimento do sintoma.

³ O afeto pode ser dito numa linguagem fisicalista como *soma de excitação*.

⁴ Freud dirá que a *capacidade de conversão* é o fator característico da histeria e não a divisão da consciência, como foi proposto por Janet. Assim, a predisposição para a histeria (ainda que desconhecida em muitos aspectos) implicaria uma "*aptidão psicofísica para transpor enormes somas de excitação para a inervação somática*" (Freud, 1894, p.57).

Deste modo, prossegue Freud “...a separação da representação sexual de seu afeto e a ligação deste com outra representação – adequada, mas não incompatível – são processos que ocorrem fora da consciência. Pode-se apenas presumir sua existência, mas não prová-la através de qualquer análise clínico-psicológica. Talvez fosse mais correto dizer que tais processos não são absolutamente de natureza psíquica, e sim processos físicos cujas conseqüências psíquicas se apresentam como se de fato tivesse ocorrido o que se expressa pelos termos ‘separação entre a representação e seu afeto’ e ‘falsa ligação’ deste último” (Freud, id. ib. pp.59-60).

É a não possibilidade de constatação da ligação intermediária entre o esforço voluntário de recalcar a representação incompatível e a manifestação do sintoma enquanto tal, que leva Freud a formular a sua hipótese de trabalho como um processo em que se dá a separação e a soldagem do afeto, tornando compreensível a esfera dos fatos psicanalíticos. Heurísticamente, além de ser eficaz, a hipótese permite uma melhor orientação da pesquisa clínica, direcionando-a para a busca das representações que estiveram originariamente vinculadas aos afetos.

Mesmo que neste momento Freud levante a hipótese dos processos inconscientes como sendo de natureza física, a questão da incognoscibilidade do inconsciente também já é colocada, sendo que as diferentes formações psíquicas dependem destes processos. Assim, a suposição do inconsciente diz respeito a um processo que em si mesmo é desconhecido e cuja investigação teórica ou metapsicológica pode ser norteadada ou ainda estruturada por intermédio de uma hipótese de trabalho que, segundo Freud, já estava subjacente à teoria da ab-reação (Freud, 1894, p.65).

Desta maneira, continua Freud “*Nas funções mentais, deve-se distinguir algo – uma carga de afeto ou soma de excitação – que possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo*”. Esta hipótese “*é provisoriamente justificada pela sua utilidade na coordenação e explicação de uma grande variedade de estados psíquicos*” (Freud, 1894, p.65).

Ora, ‘*carga de afeto*’ ou ‘*soma de excitação*’ é um conceito, ou melhor, uma suposição fisicalista, que orienta as pesquisas de Freud, mas que não faz parte de maneira nenhuma, do conteúdo material daquilo que ele pretende representar ou investigar. Trata-se, portanto, tão somente de um procedimento heurístico eficaz através do qual o funcionamento dos processos psíquicos inconscientes podem ser representados de maneira a produzirem resultados suscetíveis à observação.

De acordo com Freud, o artigo *As Neuropsicoses de defesa* constituiu uma tentativa de formulação de uma *teoria psicológica* das diversas manifestações psicopatológicas (histeria, fobias, obsessões e psicoses alucinatórias). Sendo assim, a representação fisicalista, através da qual ele aí investiga as relações de grandezas que são basicamente psíquicas, não são nada mais nada menos que uma representação figurada, com o objetivo de tornar os processos psíquicos observáveis por intermédio da terminologia científico-natural (Freud, 1897, SE p.225; AE p.242).

Ora, um ano depois da publicação deste artigo, Freud redige aquele que é considerado, talvez, o texto em que ele mais se utiliza do fisicalismo vigente em sua época. Trata-se do *Projeto para uma Psicologia Científica*.

A maior parte dos autores são unânimes em afirmar que o *Projeto* não é uma obra estranha a sua época dada a linguagem aí utilizada e o objetivo explícito de construir uma psicologia em termos de uma ciência natural, ou seja, uma psicologia explicativa, cujos fenômenos psicológicos dependiam causalmente dos fenômenos neurofisiológicos, tendo, *ipso facto*, uma base física.

O que está em jogo neste tipo de interpretação é a presunção de que com o *Projeto*, Freud estaria a formular, no dizer de Ricoeur, uma *representação real* do aparelho psíquico (Ricoeur, 1965, p. 95). Esta parece ser também a opinião de Wollheim, que afirma que “...*seria lícito esperar que a ocorrência de conceitos neurofisiológicos na teoria psicológica tivesse um efeito corretivo e regulador, porquanto eram eles que asseguravam à teoria um formato apropriado*”. Por *formato apropriado*, Wollheim quer dizer, uma base real, materialista, da qual, aliás, segundo ele, Freud jamais teria se libertado cabalmente (Wollheim, 1971, p.46).

Segundo K. Pribram, o modelo presente no texto do *Projeto*, é um sofisticado modelo neurológico até mesmo para os padrões atuais, isto é, quando se considera que a neurofisiologia contemporânea não encontra neste modelo nenhum defeito. Além disto, toda a formulação posterior da metapsicologia estaria implicitamente assentada nesta neurologia que, no *Projeto* constituiria um enunciado explícito. A metapsicologia seria então uma neuropsicologia (Pribram, 1982, p.443; Pribram e Gill, s/d, pp. 5-28).

R. Solomon é outro autor que vai considerar a neurologia como uma prerrogativa central, não somente no *Projeto*, mas também em toda a obra de Freud. Assim, as “*afirmações básicas de sua teoria inteira dependem das suas observações e especulações neurológicas*”⁵ (Solomon, 1976, vol. I, p. 39).

Já para Lorenzer, o *Projeto* tem seu início a partir de um modelo *científico-explicativo*, em que a fisiologia tem seu lugar de destaque, mas termina como uma “*rede de metáforas que afirmam a pretensão de uma ciência da experiência acima e em ambos os lados da fisiologia e da análise do mundo vital*”. (Lorenzer, 1984, p.199).

Dahmer, de maneira mais radical considera que a *nova psicologia* de Freud, “*concebida científico-naturalmente, permaneceu aprisionada à idéia tradicional de uma ontologia da alma que poderia ser análoga à física*” (Dahmer, 1973, p.33).

Assim pois, tais afirmações sugerem a problematicidade do modelo fisicalista no interior do texto do *Projeto*, no sentido de que Freud teria encetado a partir de então uma concepção verdadeiramente realista do aparelho psíquico.

Vejamos agora se, contrariamente, o fisicalismo utilizado por Freud pode ser tomado apenas num sentido analógico e, portanto, destituído de sua presunção explicativa e do seu realismo.

⁵ Esta posição de Solomon parece ser difícil de ser sustentada, quando nos remetemos ao famoso texto da *Interpretação dos Sonhos*, no qual as principais teses do *Projeto* encontram-se elaboradas num outro nível, ou ainda, se o quisermos, numa outra linguagem. Assim, por exemplo, como sustentar uma *neurologia especulativa*, quando Freud vai falar numa *localidade psíquica*?

Já nas primeiras linhas da *Introdução*, Freud deixa explícita a sua intenção: “fornecer uma psicologia científico-natural, ou seja, representar⁶ os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificadas e, com isso, torná-los intuitivos (*anschaulich*) e livres de contradição” Há duas idéias básicas que estão contidas neste texto:

- 1) “Aquilo que diferencia a atividade de repouso como (Q), e que está submetida à lei geral do movimento.
- 2) A suposição que concebe os neurônios como partículas materiais” (Freud, 1950, p.403).

Um dos primeiros questionamentos que podem ser feitos a partir destas linhas iniciais é o que poderia significar para Freud, naquele momento, fazer uma psicologia de conotação científico-natural. Talvez, menos do que buscar uma fundamentação neurofisiológica para tentar explicar os fenômenos psíquicos, o *científico*, para Freud, designaria uma exigência de rigor teórico-conceitual mais eficaz em sua aspiração de descrever eventos mentais, nem sempre observáveis a partir da experiência clínica. Deste modo, o destaque seria dado ao termo ciência, ou científico, sendo que o naturalismo freudiano significaria apenas que as causas são naturais e não haveria, portanto, nenhum comprometimento com teses ontológicas.

Esta exigência de rigor teórico-conceitual poderia ainda ser expressada de acordo com o rótulo científico da época, através da linguagem fisicalista, que permitiria a descrição dos fenômenos em termos de alterações quantitativas, que seriam reguladas pelas leis gerais do movimento mecânico. Freud não diz que estes processos são de natureza quantitativa, mas apenas que eles assim podem ser representados. Além disto, ele procede desta maneira para que tais processos possam ser visualizáveis.

⁶ Embora Freud utilize o termo alemão *darstellen*, cuja melhor tradução talvez seja *apresentar* (haja visto que a língua alemã tem uma palavra específica, que pode ser traduzida por *representar*), preferimos manter a tradução da SE, por acharmos que esta traduz de modo mais adequado o objetivo deste capítulo. Verificamos, também em relação a este texto, a tradução de Osmyr F. G. Jr. (Ed. Imago, 1995).

É assim que Freud atesta seu intento de tornar intuitivos os estados psíquicos. Ele parece alcançar este objetivo, concebendo-os como quantidades (Q)⁷ que circulam entre as partículas materiais que são os neurônios (N). Tais entidades, (Q) e (N), não seriam, portanto, suscetíveis de visualização; daí a necessidade de provê-los com algum suporte intuitivo. Desta maneira, os estados psíquicos poderiam ser pensados analogamente com o mecanismo neurológico do sistema nervoso central.

Como a maior parte destes eventos psíquicos não podem ser apreendidos objetivamente, embora possam ser parcialmente vivenciados, as investigações de Freud caminham em direção à tentativa de construção de uma teoria do funcionamento do aparelho psíquico em termos neurológicos, de modo que as concepções fisicalistas possibilitassem uma apreensão, uma intuição empírica destes estados.

Quando numa carta a Fliess, Freud referindo-se ao seu trabalho de elaboração teórica do *Projeto*, fala que este envolve a *fantasia*, a *tradução* e até mesmo a *adivinhação* (in Freud, 1950, p.338), encontramos, já neste momento, um suporte para considerar a teoria neurológica proposta neste texto como um modelo analógico ou simbólico, que implicaria uma apreensão indireta dos processos psíquicos por intermédio de analogias fisicalistas, cujas principais intuições empíricas seriam os neurônios e as quantidades.

Segundo Jones, o *Projeto* seria um dos textos de Freud com maior teor especulativo. Nele imperariam os raciocínios dedutivos, as pressuposições e os axiomas de onde seriam extraídas amplas conseqüências e conclusões. Pouca coisa neste texto teria referência direta na experiência clínica ou em qualquer outra experiência. Tratar-se-ia, portanto, segundo este autor, de um texto que poderíamos esperar de um filósofo e não de um patologista (Jones, 1989, p.383).

⁷ Rigorosamente, Freud utiliza duas abreviações: (Q) e (Q_η). O emprego destas abreviações nem sempre é muito claro, deixando algumas dúvidas quanto à utilização de uma ou de outra. Alguns autores sugerem que a (Q) seja empregada para designar a quantidade de origem interna ou endógena, enquanto a (Q_η) poderia ser empregada para designar a quantidade de origem externa. Strachey, em seu comentário do *Projeto*, faz um breve adendo em relação à dificuldade de se explicitar a significação destas abreviações (in Freud, 1950, pp.394-5). Contudo, para nossos propósitos, manteremos apenas a abreviação (Q).

A opinião de Jones parece demasiadamente exagerada pois, embora haja no *Projeto* um trabalho de elaboração *a priori*, sobretudo nos capítulos I e III, temos que concordar com outros autores – dentre eles Laplanche⁸ – que a experiência clínica aí também está presente e de maneira decisiva. Basta também que, para isto consideremos a idéia de quantidade, que é uma idéia fundamental neste texto e que, segundo Freud, é derivada da experiência clínica: “*A concepção quantitativa deriva diretamente das observações clínico-patológicas, especialmente no que diz respeito a idéias excessivamente intensas – na histeria e nas obsessões, nas quais, como veremos a característica quantitativa emerge com mais clareza do que seria normal. Processos, como estímulos, substituição, conversão e descarga que tiveram de ser ali descritos (em conexão com esses distúrbios), sugeriram diretamente a concepção da excitação neuronal como uma quantidade em estado de fluxo*” (Freud, 1950, pp.403-4).

Assim, mesmo que o próprio Freud no início da II parte de seu texto, diga que a parte I continha o que de certo modo se podia derivar *a priori* a partir de algumas suposições fundamentais, ele também acrescenta que estas são modeladas e corrigidas de acordo com diversas experiências factuais. Além do mais, ‘*derivar*’ *a priori* não quer dizer necessariamente aceitar *a priori*. A hipótese quantitativa, que tem sua fonte na empiria clínica, possibilita coligir um vasto material e expressar relações entre fenômenos.

Com relação à unidade material, o neurônio, é obvio que nada na experiência clínico-patológica permite a formulação de uma concepção como esta. É, portanto, segundo Freud, uma concepção derivada da histologia; e o que parece constituir o interesse que Freud tem por esta unidade neurológica diz respeito à possibilidade de poder justificar a construção de seu modelo. (Q) e (N) serão então combinados de modo a formar uma relação, a partir da qual Freud formulará a idéia de neurônio ocupado por uma determinada quantidade e neurônio vazio (Freud op.cit. p.406). O fluxo destas quantidades será regulado pelos princípios mecânicos. Daí decorrerá a representação *princeps* do funcionamento do aparelho psíquico.

De acordo com o princípio de inércia, este aparelho tenderá originalmente a descarregar a quantidade ou reduzir a tensão para um nível igual a zero. Tem-se aqui o modelo

⁸ Ver, a este respeito, especialmente o capítulo VI do livro *Vida e morte em Psicanálise*. Porto Alegre. Artes Médicas. 1985.

do arco reflexo, assim como também a realização da função primária do sistema nervoso. Entretanto, dada a complexificação do sistema, este terá que lidar com as quantidades de estímulos endógenos, que também têm de ser descarregados. Mas, como o tecido nervoso não pode esquivar-se destes estímulos endógenos, ele é obrigado a abandonar a sua tendência original à inércia e a manter armazenado um certo acúmulo de quantidade⁹ para realizar a *ação específica*. Esta é a função secundária do sistema nervoso, que se torna possível a partir da formulação de uma outra hipótese. A hipótese das *barreiras de contato*, através da qual a excitação nervosa ou o fluxo de quantidade podem ser facilitados ou resistidos (Freud, id. pp.405-7).

Para Freud, a formulação de uma hipótese como esta revela-se frutífera sob vários aspectos, especialmente naquele que diz respeito ao problema da memória. A memória é uma das principais características do tecido nervoso e, como tal, implica "*A capacidade de ser permanentemente alterada por simples ocorrências – característica que contrasta tão flagrantemente com o modo de ação de uma matéria que permita a passagem de um movimento ondulatório, para logo voltar a seu estado primitivo*" (Freud, op.cit. p.408) (grifos nossos). A memória não é, portanto, algo material, algo que seja definido pela característica que define a matéria. Ela é, ao contrário, um problema genuinamente psicológico. Assim, o substrato neuronal da memória, ou os neurônios, que constituem o sistema mnemônico, não podem ser considerados como entidades materiais (Freud, id. p.408).

Entretanto, prossegue Freud, uma explicação como esta se depara com a dificuldade de admitir que, se por um lado, logo depois de excitados os neurônios, estes permanecem modificados em relação ao seu estado anterior, por outro lado, não se pode negar que as novas excitações, em geral, encontrem as mesmas condições de recepção que encontraram as excitações precedentes. Deste modo, os neurônios teriam que ser, ao mesmo tempo, não só influenciados, como também permanecer inalterados, imparciais. Ora, de fato, do ponto de vista lógico, esta explicação é difícil de ser sustentada. Então, uma solução logicamente viável é admitir duas classes diferentes de neurônios: uma destas classes teria a capacidade de ser

⁹ Esta é a lei da constância, que aqui não aparece como um princípio independente.

permanentemente alterada pela excitação (neurônios *psi*), enquanto outra classe teria a capacidade de receber excitações sem que houvesse mudanças (neurônios *phi*) (Freud id. ib.).

O próprio Freud chama a atenção para o caráter fantástico desta construção, quando diz: *“Daí surgiu a atual distinção entre ‘células perceptuais’ e ‘células mnêmicas’ – distinção, porém, que não se aplica a nenhum outro contexto e nada pode recorrer a seu favor”* (Freud, id. ib.)¹⁰. Gradativamente pode-se perceber que Freud vai construindo um modelo, em que a neurologia e a anatomia, enquanto disciplinas experimentais baseadas nas observações, vão sendo ultrapassadas¹¹ por construções especulativas de natureza fundamentalmente hipotética, apoiadas unicamente em sua eficácia heurística, na sua capacidade de organização e correlação de dados que, por sua vez, requer o balizamento da empiria, minimizando a especulação desenfreada.

Deste modo, Freud inicia a parte que trata do *‘ponto de vista biológico’*, dizendo que: *“...quem se dedica à construção de hipóteses científicas só pode começar a levar suas teorias a sério se elas se adaptam em mais de uma direção ao nosso conhecimento, e se a arbitrariedade de um constructo ad hoc pode ser mitigada em relação a elas”* (Freud, op.cit. p.412). É, portanto, a comparação entre o que está sendo construído e um saber que já existe de fato no mundo, que Freud considera como um método eficaz na redução dos excessos de arbitrariedade de um modelo teórico. Ora, para Freud, neste momento, é a biologia que vai responder por este conhecimento já estabelecido, que ele toma como balizador para as suas construções especulativas, uma vez que nem a morfologia nem a histologia estão aptas para isto (Freud, id. ib.).

¹⁰ Confrontei esta citação também com a versão da Amorrortu Editores: *“Así se generaría la separación entre ‘células de percepción’ y ‘células de recuerdo’, separación corriente pero que no ha sido articulada en ninguna ensambladura ni ha podido sustentarse en nada”* (Freud, 1950 AE, p.343, grifos nossos) e com a tradução de Osmyr F. G. Jr. da Imago: *“Desse modo, teve origem a separação corrente entre células perceptivas e células recordativas, mas que, aliás, não se incorpora a nada, e ela própria {a separação} não tem no que se apoiar* (Freud, 1950, p. 13) (grifos nossos). Ambas estas traduções parecem dar um maior apoio a nossa interpretação, embora tenhamos mantido a citação da edição standard brasileira.

¹¹ É o que Freud vai dizer algumas páginas mais adiante acerca de sua hipótese das barreiras de contato: *“...poder-se-ia objetar que ela pressupõe duas classes de neurônios, uma diferença fundamental em suas condições de funcionamento, embora, por ora, não exista outra base de diferenciação. Seja como for, do ponto de vista morfológico (isto é, histopatológico), nada se conhece que corrobore a distinção* (Freud, op.cit. p.412) (grifos nossos).

Assim, por exemplo, ao tentar resolver o problema de como um mecanismo seria capaz de receber e descarregar estímulos e também de receber e reter estímulos, ele aponta como possibilidade de solução a distinção de duas características em relação as duas classes de neurônios. Haveria então os neurônios impermeáveis às quantidades e os neurônios permeáveis a elas.

Como esta distinção entre os neurônios *phi* e *psi*, segundo Freud, '*teria mais uma vez, um lamentável toque de arbitrariedade*' (Freud id. p. 414), ele recorrerá à biologia, no sentido de que esta possa fornecer alguns elementos empíricos passíveis de observação. É, portanto, a partir do ponto de vista biológico que Freud sugere, no *Projeto*, a possibilidade de testar a sua teoria (Freud, op.cit. p.412 e 415).

Por conseguinte, ele identifica provisoriamente as duas classes de neurônios respectivamente com as estruturas anatômicas da massa cinzenta do cérebro, que não tem ligações periféricas, mas ao qual estão relacionadas o desenvolvimento do sistema nervoso e as funções psíquicas, e com a substância cinzenta da medula espinhal, que é a única a estar em contato com o mundo externo (Freud, op.cit. p. 413). É, portanto, o conhecimento já estabelecido da biologia que fornece as analogias necessárias ao modelo construído por Freud.

Ao dizer que só *provisoriamente* os sistemas *phi* e *psi* devem ser identificados com estas substâncias, Freud indica, deste modo, que estas entidades não devem ser tomadas como entidades reais. Daí também porque Freud não adere à nomenclatura da biologia para designá-las, preferindo manter a sua própria terminologia. Parece ser mais profícuo pensar que o ponto de vista biológico é apenas uma perspectiva através da qual se pode explicar a divisão topológica do aparelho psíquico, que foi forjada para descobrir as características do funcionamento dos processos psíquicos.

Outro problema, que surge no texto do *Projeto*, diz respeito ao propósito explícito de Freud em construir uma psicologia de cunho científico-natural, em que todas as explicações sejam forjadas em termos mecânicos, ou seja, em termos de quantidades e movimentos. Este propósito vai esbarrar com o problema da defesa primária, ou mais especificamente, com o problema do recalçamento. O próprio Freud alerta para isto na *Carta 29*, de 08/10/1895: "...o

material ainda não se coaduna e talvez nunca venha a se coadunar. O que não consigo enquadrar não é o mecanismo – para isso não me faltaria paciência – mas sim a explicação do recalçamento, embora, diga-se de passagem, tenha efetuado grandes progressos no que tange a seu conhecimento clínico (...) não tenho sucesso na explicação mecânica” (in Freud, 1950, p.389).

Mesmo no *Projeto*, Freud vai dizer: *“É mais difícil explicar a “defesa” primária ou o recalçamento – o fato de a imagem mnêmica hostil ser regularmente abandonada o mais depressa possível por seu investimento. Apesar disso, a explicação deve estar no fato de que as experiências primárias da dor foram eliminadas pela defesa reflexa. A aparição de outro objeto, em lugar do hostil, foi o sinal para o fato de que a experiência da dor estava terminando, e o sistema psi, pensando biologicamente, procura reproduzir o estado de psi que assinalou a cessação da dor. Com a expressão, pensando biologicamente, acabamos de introduzir uma nova base de explicação, que deve ter validade independente, ainda que não exclua, mas, pelo contrário, exija o recurso a princípios mecânicos (fatores quantitativos). No caso diante de nós, poderia perfeitamente ser o aumento de $Q\eta$, invariavelmente produzido com o investimento de uma lembrança hostil, que força o acréscimo da atividade de descarga e, com isso, também a drenagem da lembrança” (Freud, op.cit.p.436-7).*

Ao tentar aproximar a explicação da vivência de dor com a repetição da vivência de satisfação, Freud indica a sua preferência em manter a explicação em termos quantitativos, além de indicar a possibilidade de relacionar desejo e recalque, permitindo compreender a liberação da quantidade na lembrança hostil. Entretanto, a explicação mecânica tem que admitir uma ocupação prévia da imagem hostil de modo que, ao ocorrer um aumento da quantidade, ocorreria também a liberação do desprazer. Segundo Freud, esta explicação parece não ser satisfatória do ponto de vista do organismo, já que a tentativa de evitar o desprazer acabaria por gerar também o desprazer (Freud, op.cit. p.440). Assim, Freud deixa clara a dificuldade de explicar em termos mecânicos a defesa primária, pois ele não sabe como explicar a não ocupação pela ameaça de desprazer.

A tentativa de Freud de dar uma explicação dos estados psicológicos, em termos quase que exclusivamente mecânico-quantitativos, o leva a esbarrar em algumas dificuldades,

quando aborda o problema do recalque. A partir daí, ele parece considerar uma outra possibilidade, na esperança de poder resolver o problema. Deste modo, na *Carta 52*, de 6 de dezembro de 1896, ele propõe uma alteração na teoria do aparelho psíquico, exposta anteriormente no *Projeto*, que em grande parte vai se aproximar do modelo a ser desenvolvido no Capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*.

Nesta carta, Freud vai dizer que está trabalhando com a hipótese de que o mecanismo psíquico tenha se formado por um processo de estratificação, ou seja, o material presente sob a forma de traços mnêmicos experimenta um reordenamento de acordo com novos nexos, experimenta uma retranscrição (*Umschrift*). A grande novidade proposta nesta teoria é que a memória não preexiste de maneira simples, de maneira a se fazer presente de uma só vez, mas sim, ela vai se desdobrando em vários tempos, isto é, vai se registrando em diversas variedades de sinais (in Freud, 1950, pp.324e segs).

No diagrama que Freud vai fazer para representar o aparelho psíquico aparecem duas indicações dos futuros sistemas que vão fazer parte do modelo a ser traçado na *Interpretação dos Sonhos*, a saber: *U_b* (*Unbewusstsein*) e *V_b* (*Vorbewusstsein*). Freud não sabe precisar ao certo quantos tipos de registros ou transcrições existem, mas ele pressupõe pelo menos três. Além disto, estes registros representam as realizações psíquicas de sucessivas épocas da vida, e a passagem do material psíquico de um sistema ao outro se daria por intermédio da tradução deste material na linha fronteira destas sucessivas épocas da vida (Freud, id.).

No que diz respeito às psiconeuroses, estas poderiam ser explicadas pelo fato de não ter ocorrido a tradução de alguma parte do material psíquico, já que cada tradução subsequente inibe a anterior e lhe desvia o processo de excitação. Quando falta uma tradução subsequente, a excitação é manejada de acordo com as leis vigentes no período anterior. A falha no processo da tradução constitui um fracasso desta tradução e pode ser chamado clinicamente com o nome de recalque. O que motivaria o fracasso da tradução seria a liberação de desprazer que acompanharia esta tradução. Há como que uma recusa da tradução que provocaria desprazer. Persistiria, então, um certo anacronismo. Freud vai denominar esse material

psíquico, que sobrevive ou, como ele mesmo diz, estas 'sobrevivências', de *fueros*¹². (in Freud, 1950, id. ib.).

Constituindo-se de sistemas de fixação e transcrição de sinais, esta nova teoria do aparelho psíquico parece encaminhar-se na direção da representação que Freud vai fazer no texto de 1900, que se torna compreensível a partir do modelo desenvolvido no *Projeto* que, todavia, foi abandonado pelo seu autor.

Dentre alguns motivos que poderiam estar por trás deste abandono, vale considerar as limitações do modelo mecânico-quantitativo, quando aplicado ao universo dos fenômenos psíquicos¹³. Estas limitações logo vieram à superfície por ocasião da tentativa de se explicar o recalque.

A utilização do modelo neurofisiológico também não está isenta de complicações. Assim, por exemplo, equiparar o modo de funcionamento psíquico com o modo de funcionamento físico do cérebro requer, pelo menos, que se adeque a teoria aos eventos neurofisiológicos, o que, como vimos, aproxima o modelo de uma construção fantástica, quando se leva em conta a neurofisiologia daquela época.

Pode-se considerar que o abandono do *Projeto* aponta também para a possibilidade de se utilizar outras analogias na construção da teoria do aparelho psíquico. Estas analogias não precisam mais ser unicamente oriundas da neurofisiologia ou da neuroanatomia. É o que de fato vai acontecer ao longo da obra de Freud, onde ele recorrerá a um universo bem mais amplo de analogias, prescindindo cada vez mais da terminologia physicalista que, como pudemos constatar, mostrou-se insuficiente na descrição dos processos psíquicos. As observações teóricas oriundas da clínica exigirão abertura e flexibilidade de maneira que as novas hipóteses especulativas sobre o funcionamento psíquico irão desempenhar um papel decisivo na busca de tornar inteligíveis os dados brutos do campo empírico. No *Projeto*,

¹² Freud faz aí uma alusão a antigas leis espanholas que vigoravam em determinadas cidades ou províncias, apesar das leis atuais que as tornavam caducas (in Freud, 1950, p.326).

¹³ No *Projeto*, os processos psíquicos deveriam ser explicados em termos de diferenças quantitativas, incluindo-se entre estes processos aqueles que implicariam relações de intencionalidade.

portanto, a máquina fisicalista assim construída pode vir a ser considerada como um modelo ficcional heurístico.

2. O aparelho psíquico como ficção metapsicológica

No famoso capítulo teórico da *Interpretação dos sonhos* (capítulo VII), onde Freud vai expor a formulação de sua hipótese do inconsciente psíquico, assim como as respectivas leis que regem seu funcionamento, constata-se facilmente o uso que ele vai fazer de uma terminologia bastante distinta daquela que foi exposta no *Projeto*, de modo que, se através da linguagem predominantemente fisicalista, do texto de 1895, Freud pôde elaborar uma teoria mecânico-quantitativa da mente, em que os processos psíquicos eram representados como algo de natureza física, agora, na *Interpretação dos Sonhos*, estes processos são representados como algo de natureza mental, psicológica, o que é sugerido de saída pelo título do capítulo: *Sobre a psicologia dos processos oníricos* (*Zur Psychologie der Traumvorgänge*).

A terminologia fisicalista, que porventura ainda vigore, adquire conotação eminentemente psicológica, ou ainda metapsicológica¹⁴, o que implica uma alteração no modo de articular o arcabouço conceitual que agora vai sendo estabelecido a partir de '*hipóteses psicológicas*', no intuito de estabelecer uma teoria psicológica que, se de início parte da análise dos sonhos, nem por isto deixa de lado a pretensão de averiguar os demais processos psíquicos.

Trata-se, neste momento, de elaborar uma teoria que dê conta de quantidades desejantes, de quantidades intencionais, que põem em movimento este aparelho psíquico capaz de sonhar, de memorizar, de perceber, de fantasiar, de, enfim, realizar diferentes funções psíquicas.

¹⁴ Pois não se trata de dar uma explicação a partir das concepções psicológicas vigentes naquela época, uma vez que, de acordo com Freud, não havia até aquele momento nenhum conhecimento psicológico estabelecido a que se pudesse recorrer para inferir como base de sua explicação (Freud, 1900, p. 469).

Por conseguinte, neste texto, Freud vai apresentar o aparelho psíquico através da analogia com os aparelho ópticos¹⁵. A idéia principal a ser preservada é a de uma localização psíquica, destituída de um substrato anatômico ou material: “...desprezarei por completo o fato de que o aparelho psíquico em que estamos aqui interessados é-nos também conhecido sob a forma de um preparado anatômico, e evitarei cuidadosamente a tentação de determinar essa localização psíquica como se fosse anatômica. Permanecerei no campo psicológico, e proponho simplesmente seguir a sugestão de visualizarmos o instrumento que executa nossas funções psíquicas como semelhante a um microscópio composto, um aparelho fotográfico ou algo deste tipo. Com base nisso, a localização psíquica corresponderá a um ponto no interior do aparelho em que se produz um dos estágios preliminares da imagem” (Freud, 1900, SE p.491; AE p. 529-530).

Como o aparelho é proposto para realizar várias funções psíquicas, pode-se supor que estas funções relacionam-se com diferentes partes do aparelho.

É neste momento que temos a oportunidade de apreciar o modo como Freud utiliza as analogias. Assim, ele vai dizer: “Essas analogias visam apenas a nos assistir em nossa tentativa de tornar inteligíveis as complicações do funcionamento psíquico, decompondo essa função e atribuindo suas operações singulares aos diversos componentes do aparelho” (Freud, op.cit. SE p.491; AE p. 530). As analogias ou, ainda, as representações auxiliares (é assim que Freud vai se expressar em 1926) possibilitam, portanto, a compreensão do funcionamento psíquico, sem que com isto seja necessário recorrer a sua localização anatômica ou a uma consideração ontológica¹⁶. É este o valor das analogias (Freud, 1926, SE p.221-2; AE p. 181-2).

No texto de 1900, Freud também reitera novamente que é perfeitamente lícito o uso das especulações, das representações auxiliares, sobretudo diante de algo *desconhecido*, *incognoscível* (Freud 1900, SE p.492; AE p.530). Ora, o desconhecido aí é o próprio

¹⁵ Esta analogia aparecerá também em outros textos de Freud (Cf. 1938; 1926).

¹⁶ Freud acrescenta ao seu interlocutor fictício: “...Não me pergunte de que material ele (o aparelho psíquico) é construído. Isso não é assunto de interesse psicológico. A psicologia pode ser tão indiferente a ele como, por exemplo, a óptica pode ser para a questão de se as paredes de um telescópio são feitas de metal ou papelão. Deixaremos inteiramente de lado a linha *material* (den stofflichen Gesichtspunkt) de abordagem, mas não a *espacial* (Freud, op.cit. SE p.221; AE p.182).

inconsciente em sua natureza interna (Freud, id. SE p.554; AE p. 600). Não há, portanto, como utilizar uma linguagem que represente o inconsciente em sua determinação ontológica.

Deste modo, a representação sistemática que Freud faz do psiquismo inconsciente como função de dois sistemas separados – Inc. e Pcs. (Freud, id. SE p.556; AE p.602) deve ser tomada apenas como uma construção teórica, uma especulação, um modelo de figuração que se aproxima desta realidade desconhecida¹⁷.

Tanto é assim que Freud vai dizer que os sistemas *“de modo algum são entidades psíquicas (die Systeme aber, die selbst nichts Psychisches sind) e nunca podem ser acessíveis a nossa percepção interna”* (Freud, op.cit. SE p.552-3; AE p. 598-599).

Entretanto, considerando-se a afirmação da incognoscibilidade do inconsciente, como entender a outra afirmação em que Freud diz que *“a interpretação dos sonhos é a via régia para o conhecimento do inconsciente na vida anímica?”* (Freud, op.cit. SE p.550; AE p. 597). Para responder a esta questão, devemos levar em conta que, neste momento o inconsciente é aí referido como o reprimido, uma vez que, como diz Freud, *“Os sonhos nos provaram que o reprimido continua a existir tanto nas pessoas normais quanto nas anormais e permanece capaz de funcionamento psíquico”* (Freud, id. ib.).

Além disto, numa nota de pé de página, Freud esclarece que, mesmo não tendo tornado explícita a diferença entre reprimido e recalcado, este último enfatiza, mais que o primeiro, a sua pertinência ao inconsciente (Freud, op. cit. SE p. 549; AE p. 595). Assim sendo, o reprimido não pertence necessariamente ao inconsciente, e o que é conhecido não é, logicamente, o inconsciente enquanto incognoscível, mas sim, os efeitos, as manifestações

¹⁷ Freud ressalta novamente o caráter provisório de suas especulações: *“Temos de estar sempre preparados para abandonar nosso arcabouço conceitual (representações auxiliares) se nos sentirmos em condição de substituí-lo por algo que se aproxime mais de perto da realidade desconhecida”* (Freud, id. SE p.552; AE p. 598). Além disto, ao preferir a representação dinâmica em detrimento de uma representação tópica, Freud indica ser esta última o procedimento mais eficaz para tornar inteligível o funcionamento psíquico: *“...podemos falar num pensamento pré-consciente que é recalcado ou desalojado e então acomodado pelo inconsciente. Essas imagens, derivadas de um conjunto de representações relacionadas com a disputa por um pedaço de terra, podem tentar-nos a supor como literalmente verdadeiro que um agrupamento psíquico situado numa dada localização é encerrado e substituído por um novo agrupamento em outro lugar. Substituamos essas metáforas por algo que parece corresponder melhor ao verdadeiro estado de coisas, e digamos, em vez disso, que uma catexia de energia é ligada a um determinado agrupamento psíquico ou retirada dele, de modo que a estrutura em questão cai sob a influência de uma dada instância ou é subtraída dela. O que fazemos aqui, mais uma vez, é substituir o modo tópico de representar as coisas por um modo dinâmico”* (Freud, id.ib. SE p.552; AE p. 598).

empíricas desta suposta realidade desconhecida, que pode ser observada a partir da prática clínica. Ademais, sabe-se que, além de ser uma teoria, a psicanálise é também uma prática.

Esta prática se efetiva principalmente através da interpretação dos sonhos. Nestes, Freud distingue o *conteúdo*, ou o *sonho manifesto*, que se apresenta como um *texto*, e os *pensamentos oníricos latentes*, que se situam por trás do sonho e são portanto, aquilo que a interpretação visa. Assim, prossegue Freud, *‘Temos de transformar o sonho manifesto em sonho latente, e explicar como, na mente do sonhador, o sonho latente se tornou sonho manifesto. A primeira parte é uma tarefa prática, pela qual é responsável a interpretação do sonho; exige uma técnica. A segunda parte é uma tarefa teórica, cuja atribuição é explicar a suposta elaboração onírica e só pode ser uma teoria’* (Freud, 1933, SE p.20; AE p. 9-10) (grifos nossos).

Enquanto a teoria se desdobra sobre um trabalho de explicação, de suposição e de criação de hipóteses, a prática, o ato interpretativo se desdobra na tentativa de encontrar um sentido, uma significação para *“o sonho¹⁸ que como um todo constitui o substituto disfarçado de alguma outra coisa, algo inconsciente e que a tarefa da interpretação do sonho é encontrar esse inconsciente”*(Freud, 1916-17, SE p.140; AE p.103). Neste sentido, o inconsciente encontrado, ou seja, os atos psíquicos encontrados, são o que Freud vai nomear de pensamentos oníricos latentes, que são obtidos a partir da técnica da interpretação dos sonhos (Freud, id. SE p. 147; AE p. 109).

Pode-se dizer então, de acordo com Freud, que o inconsciente existe de dois modos distintos, que não foram considerados pela psicologia. Um e outro são inconscientes no sentido empregado pela psicologia, mas um deles, o que denominamos *Ics.*, é *inadmissível à Cs.*, enquanto o outro, também pode ser chamado *Pcs.* porque suas excitações – depois de observarem certas regras e talvez apenas depois de passarem por uma nova censura, embora mesmo assim, sem consideração pelo *Ics.* – conseguem alcançar a consciência. Aliás, o fato de, para chegarem à consciência, as excitações terem de atravessar uma seqüência fixa ou uma hierarquia de instâncias (o que é revelado pelas modificações nelas efetuadas pela censura) é o que permite a construção de uma analogia espacial (Freud, 1900, SE p.556; AE p. 602).

¹⁸ Pois, *‘interpretar significa achar um sentido oculto em algo’* (Freud, 1916-17, SE p. 109; AE p.79).

A suposição de um inconsciente, enquanto realidade psíquica incognoscível, parece ser necessária para explicar toda uma gama de fenômenos psíquicos, observados empiricamente e que, caso contrário, permaneceriam ininteligíveis, sobretudo porque, diz Freud, “...*não existe nenhum conhecimento psicológico estabelecido a que possamos subordinar aquilo que o exame psicológico dos sonhos nos habilita a inferir como base de sua explicação. Pelo contrário, seremos obrigados a formular diversas novas hipóteses que toquem provisoriamente na estrutura do aparelho psíquico e no jogo de forças que nele atuam*”(Freud, 1900, SE p. 469; AE p. 506).

Destarte, a função da teoria tópico-dinâmica dos processos psíquicos possibilita a ordenação da realidade empírica, implicando a formulação de hipóteses referentes à estrutura e funcionamento do aparelho psíquico. Cada enunciado abre caminho para novas especulações e postulados psicológicos, que permitem investigar a relação recíproca entre o desejo que é a força propulsora do sonho e as condições (condensação, deslocamento, representabilidade e elaboração secundária) a que está sujeita a sua formação, bem como as inter-relações entre estas condições (Freud, id. SE p.489; AE p. 527).

Freud prossegue ainda, dizendo que, graças a novidade de sua teoria dos sonhos, é possível encontrar lugar para as *mais variadas e contraditórias descobertas* de outros autores, combinando-as, por assim dizer, numa *unidade superior* (Freud, op.cit. SE p.537; AE p.581). Assim sendo, as idéias especulativas têm também a função de sistematizar, numa totalidade unitária, as diversas descobertas sobre os fenômenos psíquicos.

Além disto, do ponto de vista metodológico, Freud, como muitos outros pesquisadores de sua época, considerava que uma explicação científica dos processos psíquicos deveria erigir-se como uma teoria dinâmica (Freud, op.cit. SE p.551; AE p.597).

Ora, a representação tópica do aparelho, que privilegia a idéia de uma localidade psíquica, mas que não tem nenhum sentido realista, pode ser facilmente descartada, pois deve ser considerada apenas como uma primeira aproximação de uma realidade cabalmente desconhecida. É apenas uma representação auxiliar que possibilita a representação do aparelho

constituído de sistemas em que as posições se determinam em função de suas relações com a consciência (Freud, op.cit. SE p.495; AE p.534).

Nesta representação esquematizada por Freud, o sistema pré-consciente (Pcs.) fica situado próximo à extremidade motora, de modo que os processos excitatórios, que nele ocorrem, chegam facilmente à consciência. Este sistema é responsável pelo movimento voluntário. O sistema inconsciente (Ics.), responsável pelo impulso à formação do sonho, situa-se atrás do sistema Pcs. As excitações que aí ocorrem só podem aceder à consciência através do pré-consciente¹⁹ (Freud, id. SE p. 495-6; AE p.534-5)

Com a representação tópica, Freud pode compreender algumas propriedades dos processos oníricos, tais como a perda das relações lógicas de pensamento e a transformação das idéias em imagens. A partir desta representação, estas propriedades vão ser caracterizadas como a propriedade regressiva dos sonhos – ou, simplesmente, a regressão.

Segundo Freud, esta é uma idéia útil na medida em que liga um fato que já era conhecido²⁰ ao quadro esquemático, isto é, à representação tópica através da qual se deu ao aparelho psíquico um sentido ou direção (progressiva e regressiva) (Freud, op.cit. SE p.497; AE p.537).

Mesmo que possibilite uma explicação satisfatória para a distinção entre a vida de vigília (normal) e a vida onírica, o mecanismo da regressão é insuficiente para explicar em quais circunstâncias se dá a ocorrência de uma regressão, ou ainda, uma produção onírica. Para isto, Freud vai introduzir o ponto de vista dinâmico-energético, tentando responder especificamente à questão: *“Qual a modificação que possibilita uma regressão que não pode ocorrer durante o dia?”* Freud diz que *trata-se de alterações nos investimentos de energia ligados aos diferentes sistemas, alterações estas que aumentam ou diminuem a facilidade com que tais sistemas podem ser atravessados pelo processo excitatório* (Freud, id. SE p. 498; AE p. 537).

¹⁹ A representação completa do aparelho psíquico compreende uma extremidade perceptiva e uma extremidade motora. O aparelho funciona de modo análogo ao aparelho reflexo, isto é, numa seqüência que vai do estímulo à descarga motora. Os traços mnêmicos dispõem-se entre as duas extremidades numa seqüência temporal.

²⁰ O fato, que Freud diz aí já ser conhecido, refere-se à perda das relações lógicas e à transformação do pensamento em imagens na elaboração onírica (Freud, 1900, SE p.497; AE p. 537).

Ora, as alterações de energia constituem uma das principais características do estado psicológico do sono e ocorrem principalmente no sistema pré-consciente que à noite se encontra paralisado (Freud, id. ib. SE p.507; AE p.547). É, portanto, este ponto de vista que deve inicialmente ser considerado na tentativa de se explicar as regressões no sono. Já em relação aos estados patológicos que ocorrem na vigília, a regressão ocorre, mesmo que seja mantida ininterruptamente a corrente sensorial na direção progressiva. Nestes casos patológicos (das alucinações da histeria, da paranóia, etc.), Freud aponta um outro aspecto que deve ser considerado, a saber: *“Que os únicos pensamentos que sofrem regressões são aqueles que estão intimamente ligados a lembranças que foram reprimidas ou que permaneceram inconscientes”* (Freud, id. SE p. 498; AE p. 538).

Entretanto, como a regressão esquematizada a partir do ponto de vista tópico sugere implicações desconhecidas do funcionamento mental, Freud recorre novamente ao ponto de vista dinâmico, dizendo que; *“A regressão, onde quer que ocorra, é efeito da resistência que se opõe ao avanço de um pensamento para a consciência pela via normal, e de uma atração simultânea exercida sobre o pensamento pela presença de lembranças dotadas de grande força sensorial”* (Freud, id. ib. SE p.501; AE p.541).

Freud vai dizer que os desejos inconscientes permanecem sempre ativos, representando, portanto, caminhos que sempre podem ser percorridos, toda vez que uma excitação se serve deles. Há, neste sentido, dois resultados possíveis para cada processo excitatório inconsciente: ou ele fica por sua própria conta, podendo irromper em algum ponto e, nesta ocasião encontra descarga para sua excitação na motilidade; ou fica sob a influência do pré-consciente e sua excitação, em vez de ser descarregada, fica ligada pelo pré-consciente. Esta segunda alternativa é o que acontece no processo onírico. (Freud, op.cit. SE p. 525-7; AE p.570).

O sonho toma a si a tarefa de recolocar sob o controle do pré-consciente a excitação do Ics., que ficou livre e, ao fazê-lo, descarrega a excitação do Ics., preservando o sono do pré-consciente. Deste modo, como outras formações psíquicas da série da qual é membro, o sonho é uma formação de compromisso que atende à realização de desejo dos dois sistemas: o desejo de dormir do pré-consciente, e o desejo de livre descarga do inconsciente (Freud, id. ib.)

Há, por conseguinte, dois modos fundamentalmente diferentes de processos psíquicos que atuam na formação dos sonhos. Um deles produz pensamentos oníricos perfeitamente racionais, com a mesma validade que o pensamento normal, enquanto o outro trata estes pensamentos de um modo desconcertante e irracional (Freud, id. SE p.541; AE p.586-7). Freud distingue estes diferentes processos como os processos secundários e os processos primários.

Segundo ele, partindo de uma representação-meta, uma determinada quantidade de excitação, que pode ser denominada de *energia de investimento*, desloca-se pelas vias associativas selecionadas por aquela representação-meta. A cadeia de pensamentos *abandonada* é aquela que não recebeu este investimento. Já a cadeia de pensamentos *reprimida* é aquela da qual este investimento foi retirado. Em ambos os casos, elas ficam entregues as suas próprias excitações. Em certas condições, a cadeia de pensamentos investida com uma meta (*zielbesetzt*) é capaz de atrair para si a atenção da consciência e, neste caso, por intermédio da consciência, recebe um hiperinvestimento (Freud, id. SE p.539; AE p. 583).

Uma cadeia de pensamentos assim tratada no pré-consciente pode cessar espontaneamente ou persistir. O primeiro destes resultados implica que a energia ligada à cadeia de pensamentos se difunde por todas as vias associativas que partem dela. Esta energia coloca toda a rede de pensamentos num estado de excitação que dura algum tempo e depois decai, à medida que a excitação, em busca de descarga, vai-se transformando num investimento quiescente. Todavia, no pré-consciente, espreitam outras representações-metas, derivadas de desejos inconscientes e que estão sempre ativas. Estas representações podem: assumir o controle da excitação ligada ao grupo de pensamentos deixado a sua própria sorte; estabelecer uma ligação entre ele e um desejo inconsciente; e transferir-lhe a energia que pertence a este último. Daí por diante, a cadeia de pensamentos abandonada fica em condições de conservar-se, ainda que o reforço que tenha recebido não lhe confira nenhum direito de acesso à consciência. Pode-se dizer, então, que a cadeia de pensamentos até aí pré-consciente, foi agora *arrastada para o inconsciente*²¹. Neste caso, passa a existir no pré-consciente uma

²¹ Freud acrescenta que outras conjunturas podem levar a esta mesma formação. Por exemplo, é possível que a cadeia de pensamentos pré-conscientes tenha estado ligada ao desejo inconsciente desde o início e, por esta razão, tenha sido reprimida pelo investimento-meta dominante; ou então, um desejo inconsciente pode ser ativado por

cadeia de pensamentos desprovida de investimento pré-consciente, mas que recebeu um investimento do desejo inconsciente. Assim, um pensamento normal passa por uma série de transformações que já não podem ser reconhecidas como processos psíquicos normais²² (Freud, id. SE p. 539; AE p.583-4).

Assim sendo, o modelo dinâmico-energético permite a Freud construir uma representação do aparelho psíquico, em que estados normais e anormais da atividade psíquica são arrolados numa teoria que ajunta conceitos energéticos e conceitos mentalistas; ou melhor, os conceitos energéticos são tomados como se fossem algo de natureza mental, daí podermos apontar o carácter metafórico dos conceitos energéticos, por exemplo: “...os esforços do aparelho tinham o sentido de mantê-lo tão livre de estímulos quanto possível” (Freud, id. SE p.509; AE p. 557); *‘nada senão um desejo pode colocar o aparelho psíquico em movimento’* (Freud id. SE p.517; AE p.559). Neste caso, o desejo que é um conceito tipicamente mental, é tomado tal qual uma força física que causaria movimento.

O funcionamento do aparelho psíquico tem, portanto, como causa motora, um desejo, e as explicações sobre o mesmo devem ser dadas “...em termos dinâmicos, pelo fortalecimento e enfraquecimento dos diversos componentes da interação de forças...” (Freud, op.cit. SE p.551; AE p.597). Este modelo de funcionamento psíquico privilegia o jogo de forças psíquicas que são, ao mesmo tempo, dotadas de propósitos e intenções.

Por conseguinte, as terminologias fisicalista e mentalista são justificadas pela inteligibilidade e precisão que elas proporcionam, além de favorecer uma melhor apreensão intuitiva dos conceitos formulados. É por isso que Freud pode afirmar que seja qual for o ramo da ciência em que estamos trabalhando, acabamos por utilizar uma *linguagem figurativa* (que, no caso da psicologia, expressa-se pela linguagem mentalista e, no caso de ciências, como a química ou a fisiologia, expressa-se pela linguagem fisicalista). A linguagem fisicalista parece ser mais vantajosa por ser mais simples e menos ambígua. Deste modo, sempre que for

outras razões (p.ex. causas somáticas) e procure transferir-se para os restos psíquicos não investidos pelo Pcs., sem que estes façam qualquer movimento para irem ao seu encontro (Freud, id. SE p.539; AE p.584).

²² Por exemplo: *condensação*, intensidades que são transferidas, formando *representações intermediárias, relações superficiais*, subsistência de *pensamentos contraditórios* (Freud, id. SE p. 540-1; AE p.585-6).

possível, prossegue Freud, devemos substituir os termos psicológicos pelos termos fisiológicos ou químicos (Freud, 1920, SE p. 81; AE p. 58).

Além disto, no que tange especificamente à linguagem fiscalista, vale acrescentar aqui uma pequena digressão, qual seja, que esta também é utilizada por Freud na medida em que o ponto de vista econômico se impõe, tanto por razões metodológicas quanto por razões oriundas da experiência clínica. Relativamente às razões metodológicas, Freud diz: *“Suponhamos, como estamos habituados a supor por outras ciências naturais, que na vida mental esteja em ação alguma espécie de energia, mas não temos nada em que nos basear a aproximar-nos de um conhecimento dela através de analogias com outras formas de energias”* (Freud, 1938, SE p.189; AE p.161).

Quanto às razões oriundas da experiência clínica, Freud já menciona, desde a segunda parte do seu texto do *Projeto*²³ que os histéricos estão submetidos a uma espécie de compulsão, exercida por *representações superintensas*. Sendo assim, *a diferença de intensidade* destas representações seria melhor esclarecida se fosse apresentada a partir de um ponto de vista energético. Assim sendo, algumas destas representações, sendo aparentemente insignificantes, apresentam-se com muita intensidade afetiva, enquanto que outras, cujo conteúdo aparentemente justificaria uma maior intensidade afetiva, aparecem com muita neutralidade, não gerando sequer desprazer.

A partir de então, o ponto de vista econômico só cresce em importância teórica no discurso de Freud, a ponto dele afirmar, em 1922: *“Parece-me que aqui temos uma descoberta importante, ou seja, que o fator qualitativo, a presença de certas formações neuróticas, possui menos significação prática que o fator quantitativo, o grau de atenção, ou mais corretamente, o investimento que estas estruturas podem atrair para si próprias (...) assim, à medida que nosso conhecimento cresce, somos cada vez mais impelidos a trazer o ponto de vista econômico para o primeiro plano”* (Freud, 1922 SE p.276-7; AE 222).

²³ Que é fundamentada em observações clínicas de processos patológicos (Freud, 1895, p.403).

Noutro momento, Freud também acentua a relevância do ponto de vista econômico em sua obra, chegando mesmo a definir o *Id* a partir deste ponto de vista²⁴. Entretanto, as razões metodológicas, juntamente com as razões oriundas da clínica, vão gradativamente definindo um modelo teórico de inconsciente, que encerra propriedades que são incompatíveis entre si.

Assim, ao reduzir o funcionamento dos processos psíquicos ao campo de ação de forças do inconsciente, este deve caracterizar tanto a propriedade humana da intencionalidade, que visa aos objetos (sejam estes reais ou fantasmáticos), quanto uma qualidade quantitativa, que caracteriza a intensidade afetiva das idéias. Esta última característica permite considerar o inconsciente através da analogia com objetos físicos, de acordo com o fator quantitativo, porém incompatível com a representação intencional de forças.

Destarte, os conceitos fisicalistas, utilizados na construção da estrutura e do funcionamento do inconsciente, podem ser tomados como metáforas, como símbolos figurativos, que permitem uma melhor apreensão e visualização dos processos mentais que, em si mesmos, não são visualizáveis, sendo que a representação em termos espaciais e quantitativos fornece a tais conceitos uma intuição sensível, que os habilita a serem pensados cientificamente. Mesmo assim, Freud não deixa de acentuar o aspecto convencional das representações (*Hilfsvorstellungen*), tópica e dinâmica dos processos psíquicos, deixando explícito que as aproximações da realidade incognoscível, ou as convenções, são apenas metaforizações (*Gleichnisse*) (Freud, 1900, SE p.552; AE p.598).

Deste modo, é porque Freud considera que as metáforas podem ser utilizadas na construção de modelos teóricos que a construção psicanalítica pode reivindicar seu caráter científico. Não científico seria considerar estas metáforas literalmente, de modo a reificar os conceitos. Freud tinha clareza em relação a isto, quando afirma, em 1905, que:

“Os conceitos de ‘energia psíquica’ e de ‘descarga’, tanto como o tratamento da energia psíquica enquanto quantidade, têm sido habituais em minhas reflexões, desde que comecei a organizar os fatos da psicopatologia filosoficamente; já em meu livro ‘A

²⁴ “O fator econômico domina todos os seus processos ou, se preferirem, o fator quantitativo, que está intimamente vinculado com o princípio de prazer. Investimentos pulsionais que procuram a descarga – isso, em nossa opinião, é tudo o que existe no *Id*” (Freud, 1932 SE p.95; AE p.69).

Interpretação dos Sonhos, tentei, no mesmo sentido que Lipps, estabelecer o fato de que 'realmente efetivos psiquicamente' são os processos psíquicos em si mesmo inconscientes, não o conteúdo da consciencia. Somente quando falo do 'investimento dos trajetos psíquicos' é que pareço me afastar das analogias comumente usadas por Lipps'. Minhas experiências da capacidade de deslocamento da energia psíquica ao longo de certos trajetos associativos, minha experiência da quase indestrutível persistência de vestígios dos processos psíquicos, sugeriram-me de fato uma tentativa de **figurar (Verbildlichung, também, ilustração) de uma outra forma o desconhecido**" (Freud, 1905d, SE p.171; AE p.140-141) (grifos nossos).

A linguagem fisicalista é, portanto, apenas uma maneira eficaz de expressar teoricamente os processos psíquicos em si mesmo desconhecidos, sendo os conceitos energéticos não mais do que simples convenções, metáforas, idéias especulativas capazes de figurar ou simbolizar estes processos inteligivelmente, não implicando, para Freud, a necessidade de se encontrar os referentes desta linguagem²⁵.

Podemos dizer ainda que, com a publicação da *Interpretação dos Sonhos*, Freud não abandona por completo o uso da linguagem fisicalista. Ele apenas começa a expandir o campo de analogias e metáforas, que até então tinha utilizado minimamente, juntamente com a linguagem mentalista da psicologia. Estes procedimentos favorecem a construção do aparelho psíquico como ficção teórica, cujo modelo de figuração se dá neste momento através das analogias com os aparelhos ópticos e não com o sistema nervoso central, tal como o era no *Projeto*. O uso de analogias e metáforas em nada denigrem o projeto científico de Freud, desde que possa representar adequadamente as relações entre os fatos observados no campo clínico e as relações significativas dos processos psíquicos.

²⁵ Tanto é assim, que Freud vai dizer ainda neste texto: "...não faço qualquer tentativa de proclamar que tais trajetos psíquicos são as células e fibras nervosas, ou os sistemas de neurônios (...), mesmo que fosse possível representar tais trajetos de alguma forma, ainda não indicada, através de elementos orgânicos do sistema nervoso" (Freud, 1905d, SE p.171-2; AE p.141).

CAPÍTULO IV – O CONVENCIONALISMO DAS PULSÕES

1. Pulsão como conceito heurístico

No artigo metapsicológico intitulado *As pulsões e suas Vicissitudes*, Freud estabelece o conceito de pulsão a partir de um estatuto *convencional*, análogo, neste sentido, aos *conceitos básicos* da física:

“Ouvimos com freqüência a afirmação de que as ciências devem ser estruturadas em conceitos claros e bem definidos. De fato, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas ao material manipulado, idéias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações. Tais idéias – que depois se tornarão os conceitos básicos das ciências – são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado. Devem de início possuir necessariamente certo grau de indefinição (...). Enquanto permanecem nessa condição, chegamos a uma compreensão acerca de seu significado por meio de repetidas referências ao material de observação do qual parecem ter provindo, mas ao qual, de fato, foram impostas. Assim, rigorosamente falando, elas são da natureza das convenções – embora tudo dependa de não serem arbitrariamente escolhidas mas determinadas por terem relações significativas com o material empírico(...). Só depois de uma investigação mais completa do campo de observação, somos capazes de formular seus conceitos científicos básicos com exatidão progressivamente maior, modificando-os de forma a se tornarem úteis e coerentes numa vasta área. Então, na realidade, talvez tenha chegado o momento de confiná-los em definições. O avanço do conhecimento, contudo, não tolera qualquer rigidez, inclusive em se tratando de definições (...). Um conceito básico convencional dessa espécie, que no

momento é algo obscuro, mas que nos é indispensável na psicologia, é o de pulsão" (Freud, 1915b, SE p.137-8; AE p. 113).

Por tratar-se de uma convenção (*Konvention*), ou ainda, se o quisermos, de uma ficção teórica, o conceito de pulsão não pretende descrever a realidade, mas, de certo modo, organizá-la, regulá-la, constituí-la. É por isto que Freud vai dizer que conceitos desta natureza não têm sua origem na experiência, mas a ela são imputados (Freud, 1915b, SE p.137; AE p.113). Além disto, tais conceitos não têm conteúdo definido, isto é, eles carecem de uma intuição empírica, determinada¹.

Tendo um estatuto convencional, este tipo de conceito, diz Freud, não está sujeito à refutação; entretanto, devemos nos deter sobre a questão de saber se uma convenção como esta é suficientemente adequada para que se possa adotá-la (Freud, 1915a, SE p.193; AE p.164).

Assim sendo, para que estes conceitos possam ser utilizados como programa de pesquisa, ou ainda, para que possam desempenhar sua eficácia heurística, faz-se necessário que eles sejam providos de algum conteúdo intuitivo ou, nas palavras de Freud, faz-se necessário que eles mantenham '*relações significativas*' com o material empírico (Freud, id. ib.).

Quanto aos conteúdos intuitivos ou empíricos, são apenas representações, análogos de coisas reais e devem possibilitar a visualização de propriedades que correspondam a propriedades não perceptíveis dos fenômenos.

Assim, tal como na física, diz Freud, também na psicologia a tarefa das ciências naturais é a mesma²: por trás dos atributos, das qualidades do objeto que se apresenta diretamente à nossa percepção, temos de descobrir algo que é mais independente da capacidade receptiva particular de nossos órgãos dos sentidos e que se aproxima do que

¹ Caracterizados deste modo, os conceitos convencionais são considerados, numa linguagem kantiana, como ficções heurísticas, ou seja, como idéias da razão especulativa (cf. Tomaz, 1995, p.99).

² Freud dirá que a hipótese de um aparelho psíquico, que se estende no espaço, desenvolvido em virtude das necessidades da vida e que dá origem aos fenômenos da consciência somente em um determinado lugar e sob certas condições, possibilitou estabelecer a psicologia em bases semelhantes às de qualquer outra ciência (Freud, 1938b, SE p.225; AE p. 198).

poderíamos supor ser o estado real das coisas. No entanto, o real permanecerá sempre incognoscível (Freud, 1938b, SE p. 225; AE p.198).

De acordo com Loparic, o conceito de inconsciente, por exemplo, ao ser aplicável apenas às entidades que não podem ser dadas na experiência possível, não tem, nem pode Ter, conteúdo empírico. No entanto, nada impede que, por motivos heurísticos, venhamos a caracterizá-lo através de conjuntos distintos e mutuamente incompatíveis de representações que tenham conteúdo empírico (Loparic, 1985, p.35). É assim que *idéias abstratas* são aplicadas ao material bruto, nele produzindo ordem e clareza (Freud, 1932, SE p. 103; AE p.75).

O modelo metodológico adotado por Freud apregoava que as explicações científicas deveriam pressupor, como causa dos fenômenos, a dinâmica das forças. E é a partir deste modelo metodológico, vigente em sua época, que Freud vai tentar organizar e descrever os fenômenos psíquicos observados na clínica. Em nenhum momento isto impossibilita Freud de conceber o aparelho psíquico apenas como uma *representação auxiliar*, ou melhor, como uma *representação teórica útil*, que serve *provisoriamente*. Sendo que o valor de uma *ficção* como esta depende do quanto se pode alcançar com sua ajuda (Freud, 1926, SE p.222, AE p.182). É, portanto, a eficácia heurística destas representações e a possibilidade de explorar e resolver novos problemas teóricos, conectando-os com dados observacionais, que justificam a sua utilização na montagem da teoria metapsicológica.

Deste modo, ao observar o fenômeno da resistência, Freud vai supor a existência das forças inconscientes da repressão e conceber o sintoma neurótico como resultado de um conflito psíquico em que duas forças são atuantes: *“Há uma força na mente que exerce as funções de uma censura e que exclui da consciência e de qualquer influência sobre a ação todas as tendências que a desagradam. Tais tendências são descritas como ‘reprimidas’. Elas permanecem inconscientes e se alguém tentar levá-las para a consciência do paciente provoca-se uma ‘resistência’. Essas moções pulsionais reprimidas, contudo, nem sempre se tornaram impotentes. Em muitos casos conseguiram fazer sentir sua influência na mente por caminhos indiretos e as satisfações indiretas ou substitutivas dos impulsos reprimidos assim*

alcançadas são o que constitui os sintomas neuróticos” (Freud, 1925b, SE p.305; AE p. 254-5).

Como resultado de um conflito psíquico, de grupos psíquicos dissociados, os sintomas neuróticos serão interpretados de acordo com a lógica das explicações científicas de sua época, de maneira que Freud vai atribuir *“a origem da vida psíquica a uma interação entre forças que favorecem ou inibem umas à outras”* (Freud, 1910, SE p.199; AE p.210-11).

Estas forças atuantes, que dificilmente poderão ser reduzidas às forças físicas, uma vez que elas são dotadas de propósitos, intencionalidade e sentido, são também originalmente da mesma *‘natureza das pulsões’*. Assim, elas, *“Possuem uma origem orgânica. São caracterizadas por possuírem uma reserva de energia (somática) imensa (...); e são representadas mentalmente como imagens ou idéias com uma carga afetiva”* (Freud, 1925b, SE p. 303; AE p.253).

Ao acompanharmos atentamente o processo através do qual Freud desenvolve o conceito de pulsão, perceberemos que, considerar a pulsão como suprema causa das atividades psíquicas (Freud, 1938b, SE p.173; AE p.146), não deve ser tomado literalmente, nem também de maneira a se atribuir às hipóteses metapsicológicas uma função explicativo-causal mas, diferentemente, tal afirmação deve ser tomada apenas num sentido analógico, daí a sua advertência para que se considere a pulsão como um conceito convencional, ao qual devem ser dados certos conteúdos empíricos.

Freud nos dá um exemplo deste processo, quando analisa algumas condições fisiológicas impostas às pulsões. Ele parte do modelo da ação de um estímulo sobre um aparelho reflexo, de tal modo que este estímulo aplicado do exterior (à substância nervosa) é imediatamente descarregado por ação para fora (Freud, 1915b, SE p.138; AE p.114).

A partir deste esquema básico, fornecido pela fisiologia, Freud pergunta, qual *a relação do estímulo com a pulsão* e, assim fazendo, ele pode aplicar o conceito empírico de estímulo à idéia de pulsão, pois, dirá Freud: *“Nada existe que nos impeça de subordinar o conceito de pulsão ao de estímulo e de afirmar que uma pulsão é um estímulo aplicado à*

mente. Mas, de imediato ficamos prevenidos de igualar pulsão e estímulo mental” (Freud, 1915b, SE p.138; AE p. 114).

A idealização do conceito de estímulo omite aquelas condições que poderiam limitá-la. Assim, o estímulo passa, então, a ser concebido como uma força constante (ora, sabemos que a idéia de impacto constante não pode ser encontrada na experiência) e tal força, tendo sua origem em necessidades orgânicas, não se reduz às necessidades fisiológicas (Freud, id. ib.).

Freud dirá que *“Por pulsão, devemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do ‘estímulo’, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos situados na fronteira entre o psíquico e o físico (...), devendo ser considerada como uma medida de exigência de trabalho feita à mente. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus objetivos. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu objetivo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico”* (Freud, 1905b, (1915), SE p.158; AE p.153).

É, portanto, desta maneira que Freud vai formular o conceito de pulsão a partir de duas características fundamentais, ou seja, como uma força que exerce impacto constante e como uma força que tem sua origem dentro do próprio organismo, sendo que nenhuma ação de fuga pode ser estabelecida contra estas forças ou pulsões (que, todavia, de acordo com o princípio de constância, têm que ser descarregadas). Assim sendo, diferentemente das necessidades fisiológicas, como a fome ou a sede, que são inflexíveis e não admitem atrasos, as forças pulsionais, sobretudo as sexuais, *“Fazem-se notar por sua plasticidade, sua capacidade de alterar suas finalidades, sua capacidade de se substituírem, que permite uma satisfação pulsional ser substituída por outra; e por sua possibilidade de se submeterem a adiamentos”* (Freud, 1932, SE p. 122; AE p. 90).

Estas pulsões podem ser satisfeitas tanto por objetos reais quanto por objetos fantasmáticos, por objetos externos e também por partes do corpo; podem mudar de objetos ou de finalidades; podem, enfim, passar por diversas vicissitudes que as tornam suscetíveis de

uma historicidade (Freud, 1915b, SE p.147; AE p.121-2). São estas vicissitudes quase humanas, que também nos possibilitam falar das pulsões, representá-las, a partir de uma linguagem mentalista, antropomórfica. O modelo das pulsões utiliza, por conseguinte, tanto símbolos ou representações psíquicas quanto símbolos ou representações físicas.

Como a pulsão pode ser pensada por analogia, como uma quantidade do mundo físico, isto é, como uma energia que deve ser descarregada, temos ainda que, ao conceber a energia ou a quantidade como o *representante psíquico* de um estímulo endossomático, temos a oportunidade de constatar como Freud vem a atribuir a esta entidade o caráter mítico, isto é, como um análogo ao mesmo tempo físico e psíquico de coisas reais. Daí a famosa definição freudiana: *“As pulsões são entidades míticas, magníficas em sua indeterminação”* (Freud, 1932, SE p.119; AE p.88).

No que diz respeito especificamente ao conceito de libido, Freud diz que este é estabelecido *“Como uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual. Diferenciamos essa libido, no tocante a sua origem particular, da energia que se supõe subjacente aos processos anímicos em geral, e assim lhe conferimos também um caráter qualitativo. Ao separar a energia libidinal de outras formas de energia psíquica, damos expressão à premissa de que os processos sexuais do organismo diferenciam-se dos processos de nutrição por uma química especial (...). Chegamos assim à representação (Vorstellung) de um quantum de libido a cujo substituto (Vertretung) psíquico damos o nome de libido do ego, e cuja produção, aumento ou diminuição, distribuição e deslocamento devem fornecer-nos possibilidades de explicar os fenômenos psicosexuais observados”* (Freud, 1905b, (1915), SE p.204; AE p.198).

A introdução dos conceitos de libido e de energia psíquica também se dá por motivos convencionais, de maneira que o que Freud pretendia naquele momento era expressar, numa linguagem psicológica, uma especulação biológica apoiada na hipótese de uma química particular, que determinava os processos sexuais e que era distinta dos processos que governavam os processos de nutrição.

A libido vai ser, portanto, definida como uma força variável, capaz de medir a excitação sexual produzida pela substância sexual correspondente. Já a energia psíquica vai implicar outras formas de excitação somática (Freud, 1905b, SE p.204; AE p.198). Deste modo, menos que a simples expressão de uma coletânea de dados empíricos, é a coerência teórica e a função regulativa destes conceitos que continua orientando as pesquisas de Freud.

No mesmo texto, Freud ainda acrescenta: *“Não atribuo nenhum valor a essa hipótese e me disporia a abandoná-la de imediato em favor de outra, desde que seu caráter fundamental se mantivesse inalterado, ou seja, sua ênfase na química sexual”*(Freud, op.cit. SE p.203-4; AE p.197). Assim sendo, de acordo com Loparic, essa especulação decorre apenas da necessidade teórica que apregoa, que os fenômenos naturais possam ser escritos de uma maneira uniforme e consistente. Ela não possui, portanto, o valor de uma verdadeira hipótese causal. Além disto, Freud não indica nenhum modo de como seja possível medir a força ou a energia desta excitação sexual. Logo, trata-se apenas de uma metáfora, ou ainda, se o quisermos, de uma nomenclatura fisicalista (Loparic, 1985, p. 34)

Quanto à distinção feita por Freud entre a libido e uma energia psíquica, vai representar tão somente uma direção de pesquisa, uma organização convencional para melhor interpretar os dados e favorecer a decisão de quais propriedades especulativas das pulsões podem ou não ser aceitas. Assim, o dualismo pulsional não implica necessariamente uma propriedade objetiva das pulsões, pois *“A diferenciação da libido numa espécie que é adequada ao eu e numa outra que está ligada a objetos, é o corolário inevitável de uma hipótese original que estabelecia a distinção entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu. Seja como for, a análise das neuroses de pura transferência (neurose de histeria e obsessiva) compeliu-me a fazer essa distinção, e sei apenas que todas as tentativas para explicar esses fenômenos por outros meios foram inteiramente infrutíferas”*(Freud, 1914b, SE p.94; AE p.75).

Para Freud, *“Deveria ser a tarefa de uma teoria da libido, no campo dos distúrbios neuróticos e psicóticos, expressar todos os fenômenos observados e os processos deduzidos em termos de uma economia libidinal”* e ele ainda vem enfatizar que *‘o desenvolvimento de uma teoria da libido só é possível pelo caminho da especulação’*(Freud, 1905b (1920). SE p.

205-6; AE p.199). Assim, o caráter funcional do conceito especulativo, ao permitir o avanço da teoria, justifica-se heurísticamente.

Deste modo, tendo elaborado o conceito de libido por motivos basicamente especulativos, uma alteração na teoria das pulsões vem a ser praticada por Freud, em 1920, também por motivos semelhantes. Portanto, desde a introdução do conceito de narcisismo, feita em 1914, a distinção entre uma energia sexual e uma energia do eu com propósitos contrários deixara de ter sentido, uma vez que a libido passara então a ser concebida como uma energia que podia ser retirada dos objetos e dirigida para o próprio eu.

Assim, Freud dirá que *“O eu é o verdadeiro e original reservatório da libido, sendo apenas desse reservatório que ela se estende para os objetos (...). A libido que assim se alojara no eu foi descrita como narcisista. Essa libido narcisista era também, naturalmente, uma manifestação da força da pulsão sexual, no sentido destas palavras, e necessariamente tinha de ser identificada com as pulsões de autoconservação, cuja existência fora reconhecida desde o início. Assim, a oposição original entre as pulsões do eu e as pulsões de autoconservação mostrou-se inapropriada”* (Freud, 1920, SE p. 71-72; AE p.50-51). A principal consequência da especulação, que diz que as pulsões do eu são também de natureza libidinosa, é que o próprio termo *libido* possa ser abandonado ou mesmo redefinido como sinônimo de *energia psíquica* (Freud, 1932, SE p.29; AE p.95).

Portanto, o novo dualismo pulsional passa a ser entre as pulsões de vida e as pulsões de morte. Com este dualismo, Freud deixa ainda mais claro que estas idéias especulativas *“...são muito mais úteis, de um ponto de vista teórico, do que quaisquer outras possíveis; fornecem aquela simplificação, sem ignorar ou violentar os fatos, pela qual nos esforçamos no trabalho científico”* (Freud, 1930, SE p.142; AE p.115).

2. A escolha dualista

Diante da posição monista de Jung que, de acordo com Freud, propõe de um modo inteiramente especulativo uma só libido primordial, na tentativa de resolver a obscuridade relativa às pulsões do eu e que tanto pode ser sexualizada como dessexualizada (Freud, 1923a, SE p.309; AE p.251), Freud levanta também uma série de argumentos que não se apóiam numa base objetiva. Assim, ele mesmo afirma: *“O fato das pulsões autopreservativas do eu serem reconhecidas como libidinais, não prova necessariamente que não existam outras pulsões funcionando no eu”* (Freud, 1923a, SE p.310; AE p.252), e algumas linhas mais adiante acrescenta, *‘Permanece a dificuldade de que a psicanálise até aqui não nos permitiu indicar quaisquer pulsões (do eu) que não sejam as libidinais. Isso, contudo, não constitui razão para concordarmos com a conclusão de que nenhuma outra realmente existe’* (Freud, 1920, SE p.73; AE p.52) e ainda, *‘Suspeitamos que pulsões outras que não as de autoconservação funcionam no eu, e deveria ser-nos possível apontá-las. Infelizmente, porém, a análise do eu fez tão poucos progressos, que nos é muito difícil proceder assim’* (Freud, id. ib.).

De qualquer modo, segundo Freud, a obscuridade prevalecente na teoria das pulsões não permite que se rejeite qualquer idéia que possa lançar alguma luz sobre ela (Freud, op. cit. SE p.74; AE p.52) e uma escolha monista ou dualista é arbitrária e convencional, sendo que o dualismo vai indicar apenas um rumo, uma direção, que orienta a pesquisa psicológica, já que ele mesmo não constitui um precipitado imediato da experiência analítica, valendo apenas provisoriamente, ou seja, até um possível fracasso, *por motivos heurísticos*. Assim, Freud já justificava a teoria dualista das pulsões por ocasião do primeiro dualismo pulsional entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu (Freud, 1916-7, SE p. 501; AE p.391).

Freud também deixa explícito o caráter convencional do conceito de libido e a sua concepção heurística dos conceitos especulativos, ao dizer que *“A única tese que não constitui um precipitado imediato de nossa experiência psicanalítica, é no sentido de que a libido permanece libido, seja ela orientada para objetos, seja para o próprio eu da pessoa, e de que ela jamais se transforma em interesse egoísta, sendo que o inverso também procede. Essa tese, no entanto, é equivalente à separação entre pulsões sexuais e pulsões do eu, que já*

avaliamos sob um ponto de vista crítico e a que continuaremos a aderir, por motivos heurísticos, até sua possível falência” (Freud, op.cit. SE p.490-1; AE p.382).

A energia libidinal da pulsão sexual vai ser representada não apenas com algumas propriedades de um sistema físico de energia, mas também com algumas propriedades reconhecidas como atributos de comportamentos humanos e sociais. Assim, apesar de ser um conceito fundamentalmente energético, Freud vai descrever a energia libidinal como uma energia que se *vinga* quando não é capaz de expandir-se devido ao recalque: *“É a vingança, o ressarcimento da pulsão recalcada”*(Freud, 1910, SE p. 202; AE p.214).

Numa linguagem fisicalista, Freud dirá que, quando privada de satisfação pelas vias normais, *“A libido se comporta como uma corrente cujo leito principal foi bloqueado; ela inunda então as vias colaterais que até ali talvez tivessem permanecido vazias”* (Freud, 1905, SE p. 159; AE p. 155). O curso da libido é limitado, restringido por barreiras tais como o asco, os sentimentos de vergonha, as exigências dos ideais estéticos e morais (Freud, id. SE p.166; AE p.161). Temos, portanto, que Freud utiliza um conjunto diferente de metáforas, com o intuito de constituir pelo menos uma imagem, mesmo que provisória, daquilo que permanece desconhecido.

Este conjunto de metáforas inclui as representações fisicalistas e as representações mentalistas. Neste sentido, as pulsões são imaginadas como uma determinada quantidade de energia, que tanto possuem propriedades físicas quanto psíquicas. Dentre algumas destas propriedades físicas, as pulsões são descritas como a pressão da energia numa determinada direção (Freud, 1932, SE p.121; AE p.89), como uma ocupação de vias colaterais, quando o leito principal por onde passa a energia está bloqueado (Freud, 1905b, SE p.159; AE p.155), ou ainda como a causa suprema de toda a atividade psíquica (Freud, 1938b, SE p.173; AE p.146).

Além destas representações, no segundo dualismo pulsional, algumas propriedades químicas serão acrescentadas, tais como a fusão e a des fusão das duas classes de pulsões: *“O componente sádico da pulsão sexual seria o exemplo clássico de uma fusão pulsional útil; e o*

sadismo que se tornou independente como perversão seria típico de uma desfusão, embora não conduzida a extremos" (Freud, 1923b, SE p. 56; AE p.42).

Segundo Freud, esta representação fisicalista possibilitou a obtenção de um grande domínio de fatos que ainda não tinham sido considerados sob esta perspectiva³ e, mais que isto, possibilitou uma melhor visualização ou intuição do fenômeno fundamental da ambivalência amor-ódio, que até então era considerado na disposição constitucional à neurose e que passa agora a ser concebido como produto de uma desfusão ou uma fusão que não se realizou cabalmente entre Eros e agressão (Freud, id. ib.).

Da mesma maneira, alterações nas proporções das pulsões, que irão compor uma mistura das mesmas, podem levar à produção de diversos tipos de comportamentos que podem ser observados na vida sexual das pessoas. Assim por exemplo, *"Um excesso de agressividade sexual transformará um amante num criminoso sexual, enquanto que uma nitida diminuição no fator agressivo, torna-lo-á acanhado ou impotente"*, (Freud, 1938b, SE p.174; AE p.147).

Características psicológicas são atribuídas às pulsões através da representação mentalista. A intencionalidade é uma delas. As pulsões visam determinados objetos, através dos quais atingem suas finalidades. Atributos humanos também são freqüentemente empregados por Freud para descrever a energia pulsional, de maneira que as pulsões podem operar uma contra a outra, combinarem-se mutuamente, uma ser expulsa por outra, ou voltar-se para o próprio eu. As pulsões de morte por sua natureza são mudas, trabalham em silêncio; já o clamor da vida é descrito como procedente de Eros com seus propósitos de união (Freud, 1938b, SE p.174-5; AE p.147-8. Freud, 1920, SE p. 81; AE p.58. Freud, 1923b, SE p.62; AE p.47).

³ Assim, por exemplo: *"Percebemos que, para fins de descarga, a pulsão de destruição é habitualmente colocada à serviço de Eros; suspeitamos que a crise epiléptica é produto e indicação de uma desfusão pulsional, e viemos a compreender que a desfusão pulsional e o surgimento pronunciado da pulsão de morte exigem consideração específica entre os efeitos de algumas neuroses graves, tais como, as neuroses obsessivas. Fazendo uma generalização rápida, poderíamos conjecturar que a essência de uma regressão da libido (da fase genital para a anal-sádica, por exemplo) reside numa desfusão das pulsões, tal como, inversamente, o avanço de uma fase anterior para a genital definitiva estaria condicionado a um acréscimo de componentes eróticos"*. (Freud, 1923b, SE p. 57; AE p.42-43).

Ao analisar o problema do sadismo a partir do novo dualismo pulsional⁴, Freud vai supor que este seja uma pulsão de morte que, sob a influência da libido narcisista foi expulsa do eu e conseqüentemente só surgiu em relação ao objeto. O sadismo estaria assim, a serviço da pulsão sexual, mas não como derivado de Eros⁵: *“Poder-se-ia verdadeiramente dizer que o sadismo que foi expulso do eu apontou o caminho para os componentes libidinais da pulsão sexual e que estes o seguiram para o objeto”* (Freud, 1920, SE p.74; AE p.52). Freud dirá que, mesmo que esta sua suposição possibilite uma representação da pulsão de morte (embora em se tratando de uma pulsão deslocada), ela *“Está muito longe de poder ser evidenciada ou visualizada e mais, ela cria uma impressão positivamente mística”* (Freud, op.cit. SE p.74-5; AE p.53).

Ora, as dificuldades encontradas na apresentação de uma teoria especulativa das pulsões de vida e de morte, em que tantos processos permanecem obscuros,⁶ está ligada diretamente, diz Freud, à obrigação de se trabalhar com termos científicos, isto é, de se trabalhar com uma linguagem exclusivamente fisicalista (Freud, 1920, SE p. 81; AE p.58).

Entretanto, não se pode, de outra maneira, descrever os processos em questão e não há como desembaraçar-se de termos mentalistas que, conseqüentemente, sugerem características psicológicas e humanas como atributos destes seres fantásticos e mitológicos que são as pulsões e que só podem ser concebidos como convenções, conceitos heurísticos provisórios que, por não possuírem conteúdos intuitivos ou objetos aos quais possam se referir empiricamente, indicam, pelo menos, como devemos proceder na conexão e organização dos dados brutos da experiência.

Por conseguinte, a constituição de conceitos de natureza convencional, como o de pulsão por exemplo, em nada denigre o projeto científicista de Freud, que até o final de sua vida reiterava a posição da psicanálise como uma ciência natural. Estes conceitos permitem

⁴ Desde a primeira edição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud já havia ressaltado a presença de um componente sádico na pulsão sexual, que poderia tornar-se independente e, sob a forma de uma perversão, dominar toda a atividade sexual de um indivíduo (Freud, 1920, SE p.74; AE p.52).

⁵ Pois, dirá Freud: *“Como poderíamos derivar a pulsão sádica, cujo intuito é prejudicar o objeto, de Eros, o conservador da vida?”* (Freud, 1920, id.ib).

⁶ Dentre estes processos, Freud aí se refere especialmente à dificuldade de se imaginar o movimento pulsional, quando uma pulsão é expulsa por outra, ou quando ela retorna do eu para um objeto (Freud, op.cit. id.).

que o conhecimento avance na mesma medida em que possibilita um maior grau de inteligibilidade a toda uma gama de fenômenos que, caso contrário, permaneceriam fora da ambiência científica, pois, como disse Freud: “*Ganho em sentido e coerência constitui motivo perfeitamente justificável para ir além dos limites da experiência imediata*” (Freud, 1915a, SE p.192; AE p.163) e, num texto mais tardio, ele é mais incisivo, ao dizer que, *sem especulação*, não se progride um passo (Freud, 1937, SE p. 257; AE p.228).

CONCLUSÃO

No presente trabalho, procuramos dissertar sobre a problemática dos conceitos especulativos na metapsicologia freudiana, tomando por base uma perspectiva que procurasse articular estes conceitos da maneira mais coerente possível com a obra de Freud como um todo. Assim, fizemos o nosso estudo, tentando mostrar que a metapsicologia freudiana inseria-se dentro da concepção heurística da ciência. Assim sendo, o nosso objetivo específico foi mostrar que os conceitos especulativos da metapsicologia freudiana encerravam-se numa perspectiva genuinamente científica e que, conseqüentemente, seria legítima a reivindicação psicanalítica de se colocar do lado das ciências naturais.

Entretanto, a análise de algumas concepções acerca das teorias da ciência mostrou que os teóricos foram unânimes em vetar à psicanálise o estatuto científico, e a metapsicologia foi o principal alvo de suas críticas, desde que erigida como a superestrutura especulativa da psicanálise.

Alguns destes teóricos, dentre eles Nagel, fizeram à metapsicologia a exigência de que esta se acomodasse ou se submetesse a critérios de validação empírica, da mesma forma que as demais ciências e, como não poderia deixar de ser, a teoria psicanalítica não poderia atender cabalmente a estes critérios sendo, *ipso facto*, caracterizada como não científica. Para Nagel, portanto, a psicanálise, se fosse considerada uma teoria científica, deveria ser tomada como uma teoria causal-explicativa do comportamento humano, semelhante à teoria molecular dos gases.

Já para Popper, a teoria psicanalítica não poderia ser científica, pois era *irrefutável*. A psicanálise teria pretensões de explicar qualquer tipo de comportamento humano. Assim, ela não poderia ser submetida ao critério de demarcação científica da testabilidade ou da refutabilidade.

Ora, o ponto mais interessante que pôde ser destacado na teoria de Popper foi que o seu racionalismo crítico, tendo por base uma concepção realista das teorias científicas, acaba assumindo o seu ingrediente ontológico, ou seja, a concepção de que as teorias são falsas ou

verdadeiras. Para Popper, uma teoria, sendo testável, descreveria algo de real; não sendo testável, a teoria poderia ser considerada um mito ou uma fábula.

A partir deste ponto de vista, a metapsicologia corria o risco de ser considerada uma teoria não testável e, deste modo, neutralizar-se-ia o valor das proposições não empíricas, como se estas não fossem úteis ao procedimento científico. Além disto, os conceitos especulativos poderiam ser tomados de modo pejorativo, como nocivos a este procedimento.

Vimos, então, que uma das principais conseqüências destas discussões conduzia não apenas à reformulação operacional dos principais conceitos metapsicológicos, depurando-os de seus excessos mentalistas (para que pudessem ser conectados com algum tipo de comportamento observável), como também conduzia ao descarte total da metapsicologia, para que a psicanálise pudesse ingressar na cidadela científica.

Fez-se necessário investigar a natureza epistemológica da metapsicologia, para que pudséssemos mostrar em que sentido Freud atribui à psicanálise o *status* de ciência natural. Para os principais intérpretes da teoria freudiana, duas grandes perspectivas se abriam à cientificidade da psicanálise: ou ela se enquadraria no âmbito das ciências humanas a partir do enfoque hermenêutico; ou ela se enquadraria no âmbito da ciência natural, incorrendo, *eo ipso*, num reducionismo mecanicista.

A leitura feita por Ricoeur, tentando mostrar o caráter hermenêutico da metapsicologia, leva-nos a acreditar que Freud havia cometido um engano científicista ao misturar conceitos mentalistas com conceitos energéticos.

Ora, a análise da defesa freudiana da cientificidade da psicanálise mostrou que o comprometimento de Freud com a ciência natural era metodológico e, portanto, semelhante àquele empregado pelas principais disciplinas científicas de sua época e que tinham por base o modo heurístico de fazer ciência, inspirado na epistemologia kantiana. Assim, o mero uso da linguagem fisicalista não determinava a realidade das entidades hipotéticas postuladas pela teoria. Assumir a posição científica não implicava, portanto, assumir necessariamente o materialismo reducionista.

Vimos que a perspectiva heurística sustenta que as observações são o fundamento da ciência empírica. No entanto, esta não é a única fonte do conhecimento. Entidades hipotéticas

podem e devem ser introduzidas. Além disto, suposições acerca das relações entre estas entidades também podem ser feitas. As teorias são, portanto, instrumentos lógicos, esquemas conceituais criados deliberadamente para se organizar e regular os dados brutos da experiência, funcionando como regras ou princípios para conduzir de modo efetivo a investigação e manifestando claramente conexões entre questões relativas à observação que, de outra maneira, ficariam desconexas. Os dados empíricos podem ser então representados simbolicamente, isto é, conceituados. Mesmo que tenham uma referência fática, as teorias formulam relações entre propriedades, que manifestamente não caracterizam, isto é, não podem caracterizar coisas existentes. Assim sendo, não tem sentido dizer se uma teoria é falsa ou verdadeira.

Considerando-se ainda as críticas feitas à linguagem fisicalista da metapsicologia, examinamos as origens do fisicalismo freudiano no programa cientificista de Helmholtz, e analisamos a influência e as possíveis conseqüências das concepções de Mach sobre Freud. Mach, como um dos representantes da perspectiva instrumentalista da ciência, concebia as teorias científicas como representações, analogias, sem nenhuma relevância ontológica. Para ele, as teorias seriam ferramentas utilizadas na resolução de problemas, e os conceitos especulativos se justificariam na medida em que proporcionassem um maior conhecimento.

Tal como Mach, Freud também ressaltava o caráter convencional das hipóteses metapsicológicas, sempre destacando o seu caráter provisório e a possibilidade de descartá-las, quando estas não pudessem mais dar conta da experiência. Deste modo, ao estabelecer a utilidade como critério de escolha ou eliminação de hipóteses que regulariam os dados brutos da experiência, Freud se desobrigava, de saída, de qualquer comprometimento com a questão da verdade ou da falsidade destas hipóteses.

Para Freud, as teorias funcionariam apenas como descrições conceituais de um determinado campo de fenômenos, que poderia ser expandido por intermédio de representações auxiliares, e valeriam por sua capacidade de dominar o material (*Bewaeltingung des Stoffes*) da experiência.

Do mesmo modo, as representações de um inconsciente quantitativo, e ao mesmo tempo intencional, constituíam-se como *construções auxiliares*, como *aproximações da*

realidade incognoscível, sendo portanto, de acordo com Freud, símbolos, metáforas, conceitos especulativos, que organizariam provisoriamente o mundo da experiência clínica. Seriam, portanto, necessários ao procedimento científico. Estes conceitos encontrariam sua justificativa em sua capacidade de apreensão intuitiva, possibilitando um acréscimo de conhecimento e *ganho em sentido*, evidenciando, deste modo, aspectos relacionais de algumas vivências observadas na clínica. Tais eram, portanto, alguns dos motivos heurísticos pelos quais Freud forjou o conceito de inconsciente.

Levando-se em conta estas concepções, pudemos mostrar que as forças, às quais Freud fazia referência em sua obra, não deveriam ser consideradas em seu sentido literal, mas como entidades metafóricas, até porque estas eram dotadas tanto de propriedades humanas, antropomórficas quanto de propriedades físicas. No entanto, um conteúdo intuitivo deveria ser dado a este conceito que não era uma pura invenção e que, de acordo com Kant, poderia ser chamado de um conceito de razão.

Assim, a força seria uma *ficção heurística*, uma convenção necessária, e o compromisso científico de Freud estaria vinculado à explicação dos fenômenos psíquicos através de representações dinâmicas. Daí também a insistência de Freud em manter a formulação do conceito de inconsciente como um conceito dinâmico ao mesmo tempo que intencional.

Deste modo, através da análise de alguns textos centrais, em que Freud expôs a construção do modelo do aparelho psíquico, acreditamos ter podido mostrar que as analogias fisicalistas utilizadas poderiam ser concebidas como ficções heurísticas. Além disto, estas analogias fisicalistas não desapareceram completamente com o desenvolvimento da teoria psicanalítica, mas continuaram a existir no interior da teoria, lado a lado com outras analogias e metáforas.

A investigação da natureza epistemológica do modelo fisicalista revelou a presença massiva de conceitos heurísticos na metapsicologia, o que, além de tornar possível o conhecimento do inconsciente através de hipóteses capazes de relacionar e conectar dados

observacionais, puseram em cheque uma interpretação exclusivamente realista da metapsicologia.

O caráter fictício dos conceitos heurísticos não transforma a ciência numa ilusão pois, como podemos ver com Freud, se a realidade o é, ela o é para a estrutura do nosso aparelho psíquico que se desenvolveu já em função da exploração desta realidade. Não interessa à metapsicologia freudiana a descoberta de um mundo real por trás das aparências. Tal problema revela-as como *abstração vazia e despida de interesse prático*. A ciência se justifica pela sua eficácia heurística.

Através destas análises, acreditamos poder ter mostrado que os conceitos especulativos da metapsicologia, inclusive aqueles mais discutidos – como, por exemplo, o conceito de pulsão de morte – e o caráter analógico e metafórico destes conceitos estavam de acordo com as prescrições metodológicas do fazer científico, a partir do ponto de vista heurístico e, neste sentido, era coerente a reivindicação da psicanálise como *Naturwissenschaft*.

BIBLIOGRAFIA

Textos de Freud.

Os textos de Freud estão citados em duas versões respectivamente, na versão da Edição Standard Brasileira (SE) e na versão da Amorrortu Editores (AE). Como os volumes da Amorrortu tem a mesma numeração que os volumes da edição brasileira, listaremos aqui apenas os volumes da edição brasileira.

- (1893-95); Vol. II – Estudos sobre a histeria
- (1894); Vol. III – As neuropsicoses de defesa
- (1896); Vol. III – Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa
- (1900); Vols. IV e V – A interpretação dos sonhos
- (1905a); Vol. VII – Fragmento de análise de um caso de histeria
- (1905b); Vol. VII – Três ensaios sobre a teoria da sexualidade
- (1905c); Vol. VII – Sobre a psicoterapia

- (1905d); Vol. VIII – Os chistes e sua relação com o inconsciente
- (1910); Vol. XI – A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão
- (1914a); Vol. XIV – A história do movimento psicanalítico
- (1914b); Vol. XIV – Sobre o narcisismo: uma introdução
- (1915a); Vol. XIV – O inconsciente
- (1915b); Vol. XIV – O instinto e suas vicissitudes
- (1916-17); Vols. XV e XVI – Conferências introdutórias sobre a psicanálise
- (1920); Vol. XVIII – Além do princípio do prazer
- (1923a); Vol. XVIII – Psicanálise e teoria da libido
- (1923b); Vol. XIX – O ego e o Id
- (1923c); Vol. XIX – Uma breve descrição da psicanálise
- (1923d); Vol. XIX – As resistências à psicanálise
- (1925a); Vol. XX – Um estudo autobiográfico
- (1925b); Vol. XX – Psicanálise
- (1926); Vol. XX – A questão da análise leiga
- (1930); Vol. XXI – O mal-estar na civilização
- (1932); Vol. XXII – Novas conferências introdutórias sobre psicanálise
- (1937); Vol. XXIII – Construções em análise
- (1938a); Vol. XXIII – Algumas lições elementares de psicanálise
- (1938b); Vol. XXIII – Esboço de psicanálise

- Textos de outros autores

- ASSOUN, P. L. (1981) : **Introdução à epistemologia freudiana**. Rio de Janeiro. Imago.
- BERNFELD, S. (1944) : **Freud's earliest theories and the school of Hemholtz**. The Psychoanalytic Quarterly, 13; 341-342.
- BINSWANGER, L. (1970) : **Souvenirs sur Sigmund Freud, in – Discours, Parcours et Freud**. Paris, Gallimard.
- DAHMER, H. (1973) : **Libido e Sociedade. Estudos sobre Freud e a esquerda freudiana**. México. Siglo Veintiuno
- ELLIS, A. (1956) : **An operation reformulation of some of the basic principles of psychoanalysis, in Feigl, H. e Scriven, M. eds. Minnesota Studies in the philosophy of science, vol.I** Minnesota: University of Minnesota Press.
- EKSTEIN, R. (1966): **The psychoanalyst and his relationship to thphylosophy of science in, Mind, Matter and Method**. Mineapolis University of Minnesota Press.
- FEIGL, H. (1958) : **The Mental and the Physical**. In, Minnesota studies in the philosophy of science, vol. II, Mineapolis, Universty of Minnesota Press.
- FORRESTER, J. (1983) : **A linguagem e as origens da psicanálise**. Rio de Janeiro. Imago
- GILL, M. (1976) : **Metapsychology is not psychology**. Psychological Issues, vol. IX, nº 4, monograph 36. New York. International Universities Press.
- GRÜMBAUM, A. (1985) : **The Foundations of Psychoanalysis, a filosofical critique**. University of California Press.
- HANNS, L. (1996) : **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro. Imago.

- HEMPEL, C.G. (1974) : **Filosofia da ciência natural**. Rio de Janeiro. Zahar.
- _____ (1975) : **Explicação científica**, in **Filosofia da ciência**. São Paulo. Cultrix.
- HYPPOLITE, J. (1971) : **Figures de la pensée philosophique**. Paris. PUF
- JONES, E. (1989) : **Vida e obra de S. Freud**. Rio de Janeiro. Imago.
- KANT, E. (1783) : **Prolegômenos a toda metafísica futura**. São Paulo. Edições 70.
- KAPLAN, A. H. (1981) : **From discovery to validation: a basic challenge to psychoanalysis**. Journal of the american psychoanalytic association, 29 (1) ; 3-26.
- KONIG, G. (1968) : **Der Wissenschaftsbegriff bei Helmholtz und Mach**. Studien zur Wissenschaftstheorie, 1: 90-114.
- LOPARIC, Z. (1982) : **Problem solving and theory structure in Kant and Mach**. Tese de doutorado. Louvain-la-nueve.
- _____ (1983) : **Heurística kantiana**. Cadernos de história e Filosofia da Ciência 5 ; 73-89.
- _____ (1984) : **Resolução de problemas e estruturas de teorias em Mach**. Cadernos de história e filosofia da ciência, 6: 35-62.
- _____ (1985) : **Resistências à psicanálise**. Cadernos de história e filosofia da ciência, 8: 29-49.
- MACH, E. (1905) : **Knowledge and error**. D. Reidel publishing Company. Boston.
- MODELL, A. H. (1981) : **Does metapsychology still exist?** Int. J. Psychoanalysis, 62: 391-402.
- MONZANI, L. R. (1989) : **Freud – o movimento de um pensamento – Campinas**. Unicamp ed.

- _____ (1991) : **Discurso filosófico e discurso psicanalítico** in Prado Jr, B. (org) **Filosofia da psicanálise**. São Paulo. Brasiliense.
- NAGEL, E. (1959) : **Methodological Issues in psychoanalytic theory**, in Hook, S. Ed. **Psychoanalysis, Scientific Method and Philosophy. A symposium**. New York. Grove Press, Inc.
- _____ (1961) : **The Structure os Science**. Hacourt, Brace & World, Inc. New York & Burlingame. Columbia University.
- NAGEL, Th. (1982) : **Freud's antropomorphism**. In, **Philosophical essays on Freud**. Wollheim, R. e Hopkins, J. Eds. Cambridge University Press.
- PAES DE BARROS, C. (1975) : **Psicanálise : problemas metodológicos**. Rio de Janeiro. Vozes.
- PAP, A. (1959) : **On the Empirical Interpretation of Psychoanalytic Concepts**, in Hook, S. Ed. **Psychoanalysis, Scientific Method and Philosophy. A Symposium**. New York. Grove Press, Inc.
- _____ (1963) : **An Introduction to the Philosophy of Science**. London. Eyre & Spottiswoode.
- PARKIN, A. (1979) : **Meaning and Mechanism in Psychoanalysis**. *Int. J. Psycho-Anal.* 60: 481-487.
- POLITZER, G. (1928) : **Critique des fondamentes de la psychologie**. Paris. PUF.
- POPPER, K. R. (1982) : **Conjecturas e Refutações**. Brasília. Ed. Da Universidade de Brasília.
- _____ (1977) : **Autobiografia intelectual**. São Paulo. Cultrix / EDUSP
- PRIBRAM, K. (1982) : **The Neuropsychology of Sigmund Freud**. In, **Experimental Foundations of Clinical Psychology**. A. J. Bachrach, org. New York. Basic books.

- RAPAPORT, D. (1960) : **A Estrutura da Teoria Psicanalítica**. São Paulo. Ed. Perspectiva.
- QUILLIOT, R.B.& QUILLIOT, R. (1992) : **Les critiques de la Psychanalyse**. Paris. Presses universitaire de France.
- RICOEUR, P. (1969) : **O Conflito da Interpretações - ensaios de hermenêutica** – Rio de Janeiro. Imago.
- _____ (1965) : **De L'interprétation – essai sur Freud**. Paris. Seuil.
- ROSENBLATT, A. D. & THICKSTHUN, J. T. (1977) : **Energy, information and motivation: A revision of psychoanalytic theory**. Journal of the american psychoanalytic association, 25 (3) : 537-558.
- SMITH, W.H. (1987) : **Newton, la racionalidad de la ciência**. Barcelona. Paidós.
- SOLOMON, R. (1976) : **A Teoria Neurológica da Mente em Freud**, in, Freud, 2 vols. Rio de Janeiro. Artenova
- SUPPE, F. (1977) : **The Structure of Scientific Theories**. University of Chicago.
- SUPPE, P. (1975) : **Que é uma Teoria Científica?** In, Filosofia da Ciência. Nagel, E. et alli. São Paulo. Ed. Cultrix.
- SWANSON, D. R. (1977) : **A Critique of Psychic Energy as an Explanatory Concept**. Journal of the American Psychoanalytic Association, 25 (3): 603-633.
- WOLLHEIM, R. (1971) : **As Idéias de Freud**. São Paulo. Ed. Cultrix
- WURMSER, L. (1977) : **A defense of the use of the metaphor in analytic theory formation**. The Psychoanalytic Quaterly, 46 (3) : 465-497.
- WITTGENSTEIN, L. (1971) : **Leçons et conversations sur l'esthétique et lacroyance religieuse**. Paris. Gallimard.